



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Marta Alexandra Soares do Espírito Santo

O ESPAÇO CEMITERIAL MODERNO
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE
ABNEY PARK E CONCHADA

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,
orientada pelo Professor Doutor Rui Aristides Bixirão Neto Marinho Lebre
e coorientada pela Arquiteta Cátia Sofia Viana Ramos
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade de Coimbra.

Outubro de 2020

O Espaço Cemiterial Moderno: um estudo comparativo entre Abney Park e Conchada

Agradecimentos

Agradeço, do fundo do coração,

ao Professor Rui Aristides Lebre e à Professora Cátia Ramos, pelo contínuo apoio, acompanhamento, orientação, paciência, e por acreditarem (e por me ajudarem a acreditar) neste trabalho desde o início. Agradeço também ao Professor José António Bandeirinha, pelo acompanhamento e orientação no início deste estudo.

Agradeço aos meus colegas,

nomeadamente à minha turma de Laboratório de Teoria, que me fez perceber o sentido do nome da cadeira durante aquelas aulas bestiais.

Agradeço aos meus amigos,

em especial à Bunny pelos cafés e bolos, e pelo apoio emocional ao longo destes anos; ao Nadir pela companhia nas viagens e pelo apoio precioso na resolução de problemas; à Lee, à Sara e à Joana pelo contínuo apoio moral; à Anja pelo retiro e pela secretária; e à Mafalda pelas revisões, pelos finos e pelos lembretes para me deixar de tretas e ir mas é escrever.

Agradeço à minha família,

nomeadamente à minha mãe, à minha avó e à minha prima Cila, pelo apoio incondicional naquilo que puderam, e pela fé que depositaram em mim.

À minha Avó Dolores, sempre presente.

Resumo

Um cemitério é uma cidade. É um autêntico arquivo histórico que disponibiliza gratuitamente material digno de exploração e investigação a diversas escalas e em diversas disciplinas. Além disso, é também um laboratório. Na sua dimensão enquanto medida sanitária entre os séculos XVIII e XIX, as práticas adoptadas no seu desenvolvimento constituem por si só um vasto conjunto de experiências. O que terá levado ao surgimento dos cemitérios como os conhecemos hoje, e como terá ocorrido a sua disseminação ao longo do século XIX? Tomemos como ponto de partida as necrópoles antigas enquanto núcleo e genoma das cidades modernas como as conhecemos hoje, a fim de captar a origem do cemitério enquanto cidade. Desde o estabelecimento destas necrópoles até ao dos cemitérios modernos, que destino se davam aos cadáveres, ou a que tipo de equipamentos se recorria? Que relações existem entre as cidades dos vivos e as cidades dos mortos? Qual é a importância da Arquitectura no assunto?

Esta dissertação pretende responder a estas questões recorrendo a dois casos de estudo geograficamente e culturalmente distintos, mas contemporâneos entre si: um caso inglês, o cemitério victoriano arborizado de Abney Park; e um caso português onde predomina a construção de monumentos funerários, o Cemitério da Conchada em Coimbra. Tomando estes casos não só como exemplos, mas como objectos de particular interesse neste estudo por possuírem algo de único em si, são descritos os processos que levaram aos seus estabelecimentos e as formas como cada um coabita com a respectiva metrópole. Entre esta investigação, surgiram várias outras questões, como a diferença tão pronunciada entre duas soluções para um problema comum (uma crise sanitária resultante de práticas medievais de disposição dos mortos até ao século XIX), o papel desempenhado pelos agentes envolvidos na sua criação, e a forma como o Père-Lachaise – o pioneiro dos cemitérios modernos europeus – se reflecte nestes e em outros casos. Este trabalho visa, por fim, estabelecer relações entre cemitério e cidade, e vice-versa, bem como salientar o papel do arquitecto na concepção do cemitério moderno.

Palavras-chave: *Cemitério, Necrópole, Arquitectura fúnebre, Coimbra, Londres.*

Abstract

A cemetery is a city. It is an authentic historical archive, like an open book that provides material worthy of exploration and investigation in various areas of knowledge at various scales, free of charge. In addition, it is also a laboratory. In its dimension as a sanitary measure between the 18th and 19th centuries, the practices adopted in its development consist, in itself, a vast array of experiments. What led to the emergence of cemeteries as we know them today, and how did this urban model disseminate throughout the 19th century? Let us address the ancient necropolis as the nucleus and genome of modern cities as we know them today, in order to capture the origin of the cemetery as a city. From the establishment of the ancient necropolis to that of modern cemeteries, what end was given to dead bodies, and what kind of urban equipment was used? What correlations exist between the city of the living and the city of the dead? What is the importance of Architecture in the subject?

This dissertation intends to answer these questions using two geographically and culturally distinct case studies: an English case, the sylvan Victorian cemetery of Abney Park; and a Portuguese case where the construction of funerary monuments dominates the cemetery-scape, the Conchada Cemetery in Coimbra. Taking these cases not only as examples, but as objects of particular interest to this study for possessing something unique to each one of them, we will describe the processes that led to their establishment and the ways in which each one cohabits with the respective metropolis. Amidst this investigation, several other questions arose, such as the extremely pronounced differences between two solutions to a common problem (a health crisis resulting from medieval practices of disposing of the dead until the 19th century), the role performed by the agents involved in their creation, and the way that Père-Lachaise – the pioneer of the European modern cemeteries – reflects itself in these and other cases. Finally, this work aims to establish relations between cemetery and city, and vice versa, as well as to emphasize the role of the architect in the design of the modern cemetery.

Keywords: *Cemetery, Necropolis, Funerary architecture, Coimbra, London.*

Índice

Introdução	15
1_ Evolução histórica do cemitério.....	25
1.1_ <i>Polis</i> e <i>Necropolis</i> : a interdependência entre a cidade dos vivos e a dos mortos	27
1.2_ Evolução histórica das práticas de inumação.....	33
1.3_ A idealização do cemitério como medida de saúde pública	37
1.4_ Père Lachaise: a formação e disseminação de um modelo	43
1.5_ A experiência Anglosaxónica e Portuguesa.....	59
1.5.1_ Inglaterra e os <i>Magnificent Seven</i>	61
1.5.2_ O Liberalismo em Portugal e o Cemitério dos Prazeres	67
2_ Casos em estudo.....	79
2.1_ O arboreto de Abney Park.....	81
2.2_ O edificado campo-santo da Conchada.....	105
2.3_ O reflexo das situações político-económicas nos planeamentos	121
2.4_ Arquitectura enquanto mediadora social na cidade dos mortos.....	125
2.5_ Correspondências entre forma	133
Notas conclusivas e o papel do Arquitecto	139
Referências.....	143
Anexos	151

Este trabalho encontra-se escrito ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

Introdução

Um cemitério é um verdadeiro arquivo histórico, é um livro aberto que disponibiliza gratuitamente material digno de exploração e investigação a diversas escalas. Se nos debruçarmos sobre o estudo do seu plano e do seu projecto, somos presenteados com uma visão geral da sua organização interior e do contexto urbano em que se insere. Se prestarmos atenção à arquitectura e escultura dos seus monumentos, somos convidados a especular sobre as preferências estilísticas de uma comunidade em diferentes intervalos de tempo. Atendendo à organização geral do loteamento e da distribuição dos percursos, podemos tirar conclusões sobre como se fez cidade naquele local, e sobre a existência ou ausência de privilégios e segregações. A uma escala mais pormenorizada e de um ponto de vista empírico, ao repararmos nas inscrições das lápides aprendemos algo sobre os indivíduos que ocupam as respectivas sepulturas. E, ainda, ao prestar atenção à simbologia gravada nos trabalhos em pedra e ferro, descobrimos uma linguagem própria da cidade dos mortos, dirigida a nós, os visitantes. Podemos pegar em todos estes aspectos, entreligá-los e jogar com analogias incansavelmente. Em suma, o cemitério é um local muito rico em informação, e a experiência é, e será, sempre distinta e única, não importa onde.

Além de acervo histórico, o cemitério é também um laboratório. Na sua dimensão enquanto medida sanitária entre os séculos XVIII e XIX, as práticas adoptadas no seu planeamento constituem por si só um vasto conjunto de experiências. Os acertos necessários aos projectos construídos também o são, pois constituem procuras para o estabelecimento de concordâncias entre o lado funcional e o lado sagrado, entre a atmosfera da cidade dos mortos e as dinâmicas da cidade dos vivos. Mas talvez a visão mais óbvia do cemitério do século XIX enquanto laboratório será a construção dos seus monumentos e sepulturas, interpretando a arquitectura funerária como um conjunto de ensaios para a construção de obras maiores ou, nas palavras de Ana Margarida Portela e Francisco Queiroz (1999, p. 65): “a concepção miniatural das diversas tipologias de panteão familiar permitiu que os cemitérios oitocentistas se tornassem, muitas vezes, num ‘laboratório’ de estéticas que, posteriormente, fariam a sua aparição na arquitectura civil”.

A partir deste interesse pessoal e fascínio sobre o tema, colocam-se as seguintes questões: como surgiram os cemitérios como os conhecemos hoje? Que processos levaram ao seu planeamento? Por que motivo adquiriram determinadas configurações, semelhantes a cidades em ponto pequeno? As intenções na criação de cemitérios por toda a Europa, enquanto

equipamentos independentes não adossados a estruturas eclesiásticas e localizados nas periferias das cidades, surgem da necessidade de responder a uma crise sanitária decorrente de séculos de práticas de inumação medievais, que acabaram por ser postas em causa com o agravamento de uma epidemia. A este dado histórico adicionam-se mais dois, que delimitam este estudo à partida: o facto de o cemitério moderno surgir enquanto modelo espacial no início do século XIX, e o de ter sido desenvolvido à escala europeia. E, apesar de se poder identificar um modelo original num país e tempo específicos, o seu percurso de criação foi internacional.

Esta dissertação tem, pois, como objectivos perceber a origem do cemitério moderno tal como o conhecemos nos dias de hoje, as suas relações com a cidade, e o papel histórico da arquitectura na sua construção. Isto envolve perceber o surgimento da necrópole enquanto equipamento público urbano – como a cidade dos mortos passou a fazer parte da metrópole moderna – e como a arquitectura assumiu o papel de negociador espacial entre a vida e a morte. Havendo, portanto, esta continuidade arquitectónica entre ambas, como se manifesta?

Como fenómeno internacional, focar o estudo do cemitério moderno num único caso pecaria por não transmitir, por um lado, a realidade histórica do século XIX, e por outro, a variedade de visões urbanas, estruturas sociais e político-económicas que penetrou a sua criação. Para evitar esta situação, dois casos de estudo distintos foram escolhidos: um cemitério inglês victoriano semelhante a um parque arborizado, e um caso português, onde predomina a malha ortogonal e a construção. Trata-se do Cemitério de Abney Park (i. 1840) localizado em Stoke Newington, *borough* de Hackney, Londres, e o Cemitério da Conchada (i. 1860), em Coimbra.

A distinção tão pronunciada entre estes dois casos suscitou ainda mais o interesse no assunto: como é que duas soluções para o mesmo problema acabam por ser tão diferentes entre si? O facto de serem produto de duas culturas com diferentes atitudes perante a morte é uma justificação óbvia, mas que processos é que levaram a tal? Quem foram os agentes envolvidos na sua concepção? E de que forma é que estas duas necrópoles coabitam com as respectivas metrópoles?

Para esta investigação, no percurso para responder a estas questões onde outras surgiram, foram realizadas várias visitas a ambos os casos. Para abrir o ângulo de visão sobre o assunto, não só foi visitado o Cemitério da Conchada, como também o dos Prazeres e do Alto de São João, em Lisboa – dois dos primeiros cemitérios modernos a ser inaugurados em Portugal. Além das visitas diárias a Abney Park durante a minha estadia em Londres em 2018, foram também visitados os seus seis contemporâneos londrinos, uma vez que, juntos, formam um conjunto

popularmente denominado *Magnificent Seven Cemeteries of London*. Entendendo-se cada um dos sete como uma parte de um todo, para que melhor se compreenda uma das partes é sensato aprender sobre as restantes. Em adição ao trabalho de campo, a recolha bibliográfica e de arquivo foi fundamental. Realizaram-se incursões ao Arquivo Histórico Municipal de Coimbra, a fim de consultar os diferentes projectos para o Cemitério da Conchada, e aos *Hackney Archives*, onde tive acesso ao projecto e esquemas de loteamento de Abney Park, bem como à publicação de Paul Joyce (*A Guide to Abney Park Cemetery*, 1994) que foi crucial no entendimento deste caso de estudo.

Tive também a oportunidade de dar a conhecer uma pequena parte desta investigação, sob a forma de um póster, durante o encontro anual realizado em Outubro de 2019 pela *Association of Significant Cemeteries of Europe*, em Ghent, Bélgica. O tema deste ciclo de conferências intitulava-se “*Heritage Cemeteries in the 21st Century: use, reuse and shared use*” e eram abordadas questões relacionadas com o tratamento dado aos cemitérios históricos nos dias de hoje, quer na prática, quer em teoria. O encontro envolveu várias palestras por parte de oradores vindos de toda a Europa, assim como visitas a cemitérios locais, nomeadamente o de Sint-Amandsberg em Ghent e o de Laeken em Bruxelas. Apesar de geograficamente distante dos casos de estudo desta dissertação, a participação neste evento científico deu-me a possibilidade de aprofundar os meus conhecimentos acerca de vários cemitérios europeus, de atitudes e práticas perante a morte em diversos países, bem como a possibilidade de trocar impressões com investigadores da área,— incluindo de origem inglesa, que conheciam bem Abney Park — revelando-se uma experiência enriquecedora e útil no desenvolvimento deste trabalho.

Contudo, a produção teórica sobre o cemitério é escassa no campo da Arquitectura, em particular em Portugal, como acabei por constatar entre pesquisas. O que me permitiu concordar com Oliveira (2007, p. 5) quando afirma que “a literatura orientada para a arquitectura cemiterial no país [é] muito reduzida.”. Sobre o Cemitério da Conchada em particular, ainda mais parcamente se encontra material. Para um entendimento geral destes espaços, foi necessário recorrer a títulos bibliográficos de várias áreas de estudo – como por exemplo a Antropologia (Gusman & Vargas, 2014), História (Mumford, 1961), História da Arte (Portela & Queiroz, 1999; Catroga, 1999), e Saúde Pública (Jorge, 1885) – a fim de intersectar estes conteúdos com conhecimentos adquiridos em Arquitectura ao longo da minha formação académica, bem como com os títulos específicos desta área de estudos que tratam exclusivamente o cemitério e a arquitectura funerária. Entre estes, destaco a Tese de Doutoramento de Margarida Relvão Calmeiro (*Urbanismo antes dos Planos: Coimbra 1834-*

-1934, 2014) que sumariza o desenvolvimento do Cemitério da Conchada, o artigo de Paula André (Modos de pensar e construir os cemitérios públicos oitocentistas em Lisboa: O caso do cemitério dos Prazeres, 2006) e a Tese de Doutoramento de Maria Manuel Oliveira (*In Memoriam, na cidade*, 2007), que por sua vez se revelou preciosa enquanto fonte bibliográfica para este estudo.

“Os estudos encontrados são, na sua quase totalidade, específicos a uma temporalidade e/ou geografia circunscritas; elaborados principalmente na área disciplinar da história e da sociologia, revelam ao arquitecto, naturalmente, um discurso limitado no que se refere à interpretação da espacialidade inerente aos objectos estudados. Por outro lado, na literatura de arquitectura encontram-se já abundantes textos sobre obras consideradas de referência, mas também estes se fecham sobre a circunstância ou a temática que estudam, desinteressando-se, geralmente, do contexto alargado que as produziram” (Oliveira, 2007, p. 4).

Este trabalho pretende, assim, no meio desta interdisciplinaridade, reforçar o repertório bibliográfico em Portugal sobre o tema. O cemitério, enquanto equipamento público sujeito a utilizações constantes como qualquer outro, carece de aprofundamento investigativo e análise — elementos que nós, arquitectos e estudantes, consideramos indiscutivelmente valiosos para planeamento e projecto.

Os capítulos seguintes estruturam-se de forma simples: o primeiro visa um enquadramento histórico da existência do cemitério na cidade — e da cidade no cemitério. Considerou-se necessário fazer um recuo no tempo, a fim de captar a origem da essência da necrópole enquanto cidade. Seguem-se noções sobre as práticas medievais de sepultamento na Europa Ocidental, que tiveram continuidade por cerca de mil anos, justificando este costume e o problema que constituía, no culminar de uma crise sanitária que se agravava perante o aparecimento de epidemias. Por volta do século XVIII, a par com a urgência em promover políticas de saúde pública por parte dos Iluministas, surgiu a ideia do cemitério enquanto alternativa a essas práticas, selada e oficializada num decreto-lei napoleónico. Este decreto deu origem ao “pai” do cemitério moderno: o Cemitério de Père-Lachaise em Paris que, tornando-se num modelo de cidade para os mortos, foi amplamente disseminado. A este fenómeno é dedicado um subcapítulo, onde também são descritos os três modelos de cemitério

desenvolvidos na tese de Maria Manuel Oliveira, e aplicados aos casos em estudo. Por fim, é introduzida a experiência das reformas cemiteriais em Inglaterra e Portugal, antes de nos debruçarmos sobre os casos de estudo tratados no capítulo seguinte. Aborda-se o processo de criação do anel sanitário de Londres constituído pelos seus principais sete cemitérios suburbanos, dos quais consta Abney Park, e apresenta-se o Cemitério dos Prazeres em Lisboa enquanto importador do modelo Père-Lachaise para Portugal, espaço-referência para o da Conchada.

O segundo capítulo movimentará a atenção do leitor entre o ponto de vista do arquitecto, que se debruça sobre uma planta ou um mapa e observa os objectos de estudo de modo formal, e o ponto de vista do visitante, que interage directamente com o espaço e experiencia, em primeira mão, as sensações transmitidas por cada lugar. São abordados os contextos históricos, políticos e sociais em que foi desenvolvido o planeamento dos cemitérios de Abney Park e Conchada, e procura-se responder às questões anteriormente colocadas de forma específica a cada um dos casos. O processo de criação de cada um é abordado no conhecimento das circunstâncias e agentes responsáveis pelos mesmos, entre observações de carácter arquitectónico e urbano. É realizada uma análise comparativa resultante dos factos, experiências e observações descritos, aplicando-a à forma como em cada uma destas culturas o espaço da morte interage com as dinâmicas cívicas da cidade. Por fim, concluo com observações de carácter pessoal relacionadas com a investigação sobre estes dois casos de estudo, e abordo a importância do arquitecto no planeamento da necrópole.

1_ Evolução histórica do cemitério

Como surgiram os cemitérios como hoje os conhecemos?

Neste capítulo é realizada a correlação necessária entre necrópole e cidade, bem como uma introdução histórica às práticas de sepultamento ao longo dos tempos. É explicada a origem dessas práticas, e o que as levou a ter continuidade até aos dias de hoje.

A descrição do surgimento do cemitério moderno é marcada por uma introdução ao Cemitério Père-Lachaise, que se dissemina como modelo até aos casos em estudo nesta dissertação. Por fim, é descrita a experiência da medida de criação de cemitérios de utilização pública em Londres e em Portugal, como preparação para o capítulo seguinte.

1.1_ *Polis* e *Necropolis*: a interdependência entre a cidade dos vivos e a dos mortos

“The city of the dead antedates the city of the living. In one sense, indeed, the city of the dead is the forerunner, almost the core, of every living city.”

(Mumford, 1961, p. 15).

De um modo generalizado e franco, quando pensamos em exemplos de cidade, pensamos em metrópoles e em cidades consolidadas, com os seus ruídos, fluxos, e vida quotidiana: Paris, Londres, Lisboa, Coimbra... Contudo, atendendo à percepção daquilo a que chamamos de *Polis* – cidade-estado, ou uma cidade onde reside uma comunidade (Cassin, Apter, Lezra, & Wood, 2004, p. 801) percebemos que a ideia de cidade, a qual requer delimitações físicas, pontos de permeabilidade, uma organização interior e políticas de funcionamento, está presente em muito mais do que nos sistemas urbanos complexos da metrópole, a cidade-mãe, que reúne em si cada órgão indispensável ao seu funcionamento. A Acrópole de Atenas era uma polis que se situava no local de cota mais alta de uma determinada porção do território, estabelecendo uma analogia entre o seu posicionamento no espaço e o seu papel no exercício de poder. Uma Cosmópolis é uma cidade — ou mais exatamente, uma metrópole — com um grande número de habitantes e na qual se insere um vasto universo de culturas, nomeadamente grandes centros urbanos como Nova Iorque e Londres — portanto, um cosmos concentrado nos limites físicos da sua polis. E uma Necrópole é, como o próprio nome indica, a “cidade dos mortos”. Uma cidade análoga à “cidade dos vivos”, com a particularidade de acolher moradores permanentes nos seus túmulos de variados tipos e configurações. Uma cidade que possui eixos que marcam entradas e órgãos administrativos, quais espaçosas avenidas, que se ramificam em ruas, delineando quarteirões e vizinhanças, e ruelas, estas últimas estreitas e discretas que não são mais do que o espaço entre dois túmulos por onde, imprevisivelmente, é possível apanhar um atalho que nos leva a praças, pracetas, travessas, parques, bancos de jardim, monumentos. Neste percurso pisamos pavimentos em pedra, alcatroados ou até mesmo meticulosamente calcetados, caminhos de terra batida, e relvados. A partir desta pequena noção já se torna possível induzir que a cidade dos mortos tem vindo, ao longo dos tempos, a refletir de uma forma ou de outra as dinâmicas da cidade dos vivos:

“Urban life spans the historic space between the earliest burial ground for dawn man and the final cemetery, the Necropolis, in which one civilization after another has met its end.” (Mumford, 1961, p. 15).

Um aspecto recorrente na nossa espécie é o facto de, ao longo da História, sempre providenciarmos formas de sepultar os nossos defuntos. O humano paleolítico foi nómada durante milénios; contudo, os seus mortos sepultados permaneciam no mesmo lugar. Lewis Mumford defende que este terá sido um dos factores que contribuíram para a sedentarização do Homem:

“Mid the uneasy wanderings of palaeolithic man, the dead were first to have a permanent dwelling: a cavern, a mound marked by a cairn, a collective barrow. These were landmarks to which the living probably returned at intervals, to commune with or placate with ancestral spirits” (Mumford, 1961, pp. 14-15).

Assim sendo, a sepultura desde sempre exerceu um papel de ponto de referência ou de monumento evocativo de memórias e credos — um lugar onde indivíduos e grupos regressam para reencontros ou para rituais cerimoniais, devido à crença de que ali se concentra uma força espiritual significativa para essas pessoas:

“The first germ of the city, then, is in the ceremonial meeting place that serves as the goal for pilgrimage: a site to which family or clan groups are drawn back, at seasonable intervals, because it concentrates [...] certain spiritual or supernatural powers” (Mumford, 1961, p. 18).

Em torno dos regressos a este local, a par de factores indispensáveis à vida humana, como as condições geográficas favoráveis ao assentamento permanente de uma comunidade, gera-se cidade. Esta tem, portanto, início na necessidade de sedentarização e, em paralelo, numa vontade de aproximação com o místico e o intangível.

“In these ancient palaeolithic sanctuaries, as in the first grave mounds and tombs, we have, if anywhere, the first hints of civic life, probably well before any permanent village settlement can even be suspected” (Mumford, 1961, p. 16).



Figura 1. A Necrópole de Saqqarah e a Pirâmide de Djoser em Memphis, actualmente.

Decorrendo deste raciocínio, os primeiros núcleos urbanos coesos são, essencialmente, necrópoles — onde os seus “residentes” são permanentes, assim como os seus materiais e estruturas o são, ou têm intenções de o ser. Assim, a permanência toma forma e manifesta-se em arquitectura. Um exemplo ilustrativo desta exposição de argumentos é a Cidade dos Mortos de Saqqarah, em Memphis, no Egipto, construída em torno da pirâmide de Djoser (c. 2700-2650 a.c.) que, por sua vez, foi a precursora deste tipo de construção tumular (Kingsley, 2015). O faraó Djoser tencionava planear a cidade de Memphis de forma a afirmar o seu poder, expressando-o através das dimensões do seu túmulo e do planeamento da respetiva necrópole (Kingsley, 2015). Esta afirmação era dirigida não só externamente, como internamente. Perante a monumental sepultura do soberano, sepulturas menores vão-se dispendo, evidenciando, na cidade dos mortos, a posição do rei perante os seus súbditos. Fisicamente obteve-se uma regularidade e ordem neste plano que em muito se assemelha ao que vemos nas cidades hoje em dia:

“In time the more typical forms of the city made their appearance in Egypt, and [...] the same regularity of plan and the same orientation to the points of the compass of its main streets characterized the secular city as in the austere cities of the dead, like those at Gizeh and Saqqarah.” (Mumford, 1961, p. 105).

Podemos admitir com certeza que desde cedo a morte e as dinâmicas sociais em torno desta se encontram presentes na projeção da cidade e na própria arquitectura. Se observarmos com atenção, encontramos vestígios da organização social e arquetónica típica destas necrópoles com mais de quatro mil anos, no ADN das “cidades dos mortos” suburbanas como hoje as conhecemos. Partindo daqui, avancemos um pouco no tempo e entremos na Europa, onde jaz o âmbito de estudo desta tese. Pensemos em necrópoles, na morte, nos cultos, e coloquemos a seguinte questão: antes do surgimento do cemitério enquanto equipamento público urbano e dispositivo essencial ao funcionamento de qualquer cidade, extraditado para a periferia do nosso quotidiano desde o século XIX, que destino se dava aos cadáveres dos habitantes das cidades europeias? Começemos pela Antiguidade Clássica.

1.2_ Evolução histórica das práticas de inumação

Nas civilizações Grega e Romana, o corpo do defunto era encarado como uma fonte de impurezas e de doenças, pelo que era bastante comum encontrar locais de enterro fora das muralhas, ladeando os caminhos que conduziam às respectivas cidades. As campas eram assinaladas com uma pedra ou uma coluna funerária e, especificamente no caso dos romanos, monumentos de maior escala para as famílias patrícias. No Ocidente, este tipo de tratamento dado aos mortos era frequente até ao declínio do Império Romano (Anacleto, 2019). Contudo, com a Cristianização, os valores da religião reconhecida por Constantino no ano 326 dC vieram a refletir-se na forma como era encarada a morte.

O Cristianismo tinha vindo a florescer a partir de uma pluralidade religiosa que, pelo final do século VI, cessou, uma vez que ao próprio imperador tinha sido dada, em adição ao poder político, a liderança sobre esta religião. Os que se opusessem teriam de se converter, ou seriam condenados por heresia. Com a dispersão do poder político por várias outras capitais do Império, como foi o caso da fundação de Constantinopla, Roma diminuíra a sua relevância política. Contudo, tornara-se local de culto e peregrinação devido ao sepultamento de relíquias de vários mártires, como São Pedro, São Paulo, entre outros (Jarzombek, Ching, & Prakash, 2017, p. 259). Ao tornar estes túmulos motivo de veneração e culto, as noções de morte específicas de outras religiões, como um vazio negro onde nada acontece, ou um reino privilegiado onde os detentores de poder continuarão o seu exercício pela eternidade fora, são totalmente obliteradas (Jarzombek, Ching, & Prakash, 2017, pp. 260-261) e dão lugar ao Julgamento Final do Cristianismo. O próprio túmulo simboliza o local onde se dá este evento, portanto as sepulturas das relíquias — entendam-se como partes do corpo — destes mártires, canonizados santos, são consideradas locais de adoração:

“Visiting a tomb was in a sense an anticipation of this event. The cult was to become such a strong part of Christian religious folk practice that a church’s possession of even a piece of a saint’s or a martyr’s body [...] bestowed an aura of sanctity to the edifice” (Jarzombek, Ching, & Prakash, 2017, p. 261).

A dignificação do corpo tornou-se, portanto, parte dos ritos funerários devido à crença da ressurreição, acompanhada por um desejo de aproximação física aos templos religiosos. Oliveira (2007, p. 32) menciona a procura de “protecção divina e salvação eterna” por parte

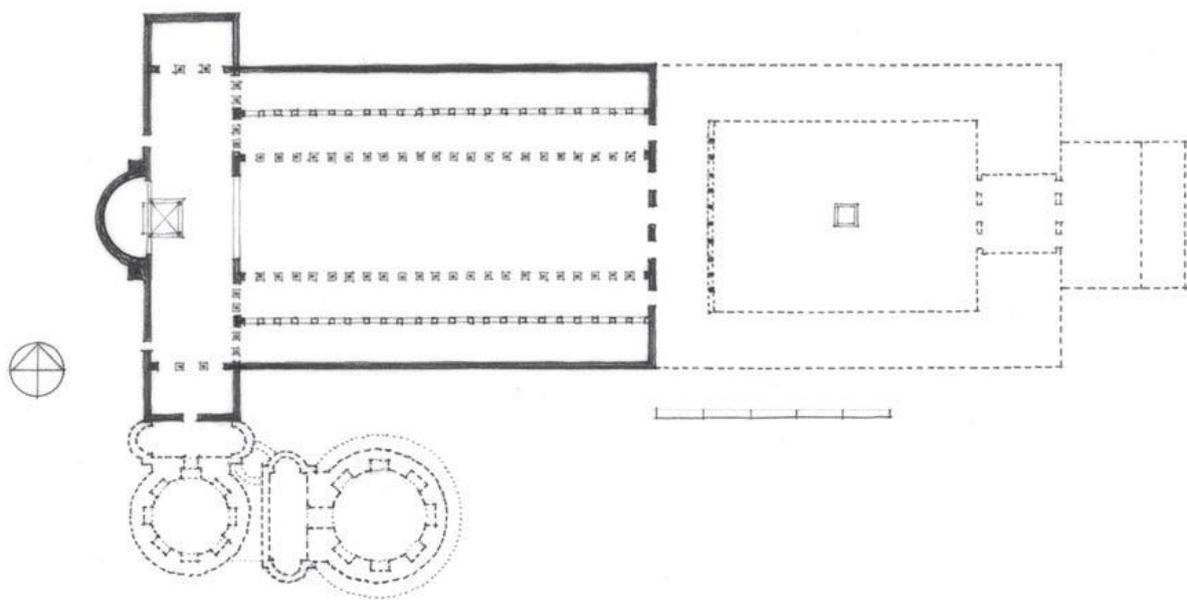


Figura 2. Basílica de São Pedro em Roma, mandada erguer por Constantino sobre o túmulo de São Pedro em 320 d. C.. Entre a abside e o transepto, situava-se um baldaquino que marcava o local da sepultura (Jarzombek, Ching, & Prakash, 2017, p. 262).

dos habitantes das cidades romanizadas junto das relíquias de santos e mártires, a partir das quais não era incomum erguerem-se templos. Assim, o local de culto e adoração, bem como as suas respectivas imediações em solo considerado sagrado, tornaram-se também local de enterro. As igrejas erguidas tornar-se-iam os espaços onde se organizaria o culto e as reuniões dos fiéis, e onde seriam sepultados monarcas e membros de altas hierarquias.

“Inicialmente apenas acessível a monarcas, o privilégio estendeu-se aos membros das altas hierarquias religiosa e civil, tendo-se depois progressivamente banalizando, até ao ponto de a igreja se transformar, ela própria, no espaço de enterramento. Quando o seu interior se encontrava repleto, o terreno adjacente ou o adro — território também protegido — ia sendo progressivamente ocupado com sepulturas.” (Oliveira, 2007, p. 32).

Posto isto, o equipamento típico destinado aos rituais e práticas de inumação na Europa Medieval Cristã era constituído pela própria igreja, destinada às missas e ao sepultamento de indivíduos de classes sociais abastadas, e pelo terreno adjacente, onde era sepultada a esmagadora maioria da população (Dias, 1999, p.10). Porém, estes espaços circundantes a um templo não eram equipamentos únicos e autónomos (Dias, 1999, p. 10), estavam sujeitos a acumulações de cadáveres e careciam de desenho e planeamento. A necrópole deixou de ser um organismo independente e entrou sob domínio eclesiástico por centenas de anos até ao século XIX. Sendo a Igreja uma instituição que ganhou poder ao longo da Idade Média, muitos dos equipamentos da cidade, que hoje são seculares, encontravam-se sob o seu domínio (Mumford, 1961, p. 308), como mercados e hospitais, para além dos espaços de enterramento. O templo religioso era, tendencialmente, o centro da cidade ou aldeia (Mumford, 1961, p. 308), de modo a que espaços do quotidiano, como mercados e feiras, coincidiam com o espaço funerário onde se sepultavam os mortos.

Havendo esta sobreposição, estamos, portanto, ainda bastante longe do arquétipo de cemitério higienizado, organizado, romantizado e suburbano, que nos surge em mente quando pensamos em cemitérios europeus.

1.3_ A idealização do cemitério como medida de saúde pública

Como definir então um cemitério, enquanto tipo arquitectónico independente com o seu respetivo programa? Ainda muito antes das legislações cemiteriais como medidas sanitárias do século XIX, já se exploravam respostas a esta questão (Jorge, 1885, p. 139). Entre pestes e guerras ao longo da história, a necessidade de criar um local próprio para depositar restos mortais foi, paulatinamente, desabrochando.

Ora, actualmente, reconhecemo-lo como um equipamento autónomo com um perímetro estabelecido e claro, regulado através do desenho e geralmente colocado nas imediações da cidade consolidada – próximo a esta, mas não necessariamente no seu interior. Graças a este planeamento, é oferecido contexto para uma utilização do espaço para além do seu propósito funcional: torna-se possível homenagear um indivíduo em particular; existe uma dualidade entre domínio público e propriedade privada; existe uma outra dualidade, entre peregrinação ou visita, e permanência; cultiva-se uma sacralidade associada ao local, sem necessariamente ser religiosa; e é criado um propósito associado a práticas de luto e à manutenção individual das sepulturas (Rugg, 2000, pp. 261-264). Se autonomia e desenho forem duas das características que definem o cemitério, então na viragem entre a Idade Média e o Renascimento já se explorava uma aproximação a essas premissas. Dias (1999, p. 12) descreve o *campo santo* de Pisa do século XIII, sugerindo que a sua autonomia enquanto equipamento urbano é dada pela sua disposição em relação ao conjunto de elementos arquitectónicos vizinhos, nomeadamente a Praça dos Milagres, o Baptistério de São João, a Torre e a Catedral. O *Campo Santo Monumentale* de Pisa não se encontra fisicamente adossado à catedral nem a nenhum dos restantes edifícios, constituindo, por si só, um edifício enclaustrado e independente, tendo servido o único propósito de acolher os restos mortais dos cidadãos de classes nobres e de maiores posses financeiras — o que se torna óbvio na sua arquitectura, por possuir arcos sepulcrais nas fachadas destinados a sepultamentos mais luxuosos: “a dimensão urbana da arquitectura renascentista também passa pela exposição dos monumentos dos mais ilustres cidadãos.” (Dias, 1999, p. 12). Contudo, não deixa de ser um espaço higienizado cujo potencial poderia vir a ser explorado e posteriormente adaptado à população geral pois, segundo o autor, este tipo de ambiente terá inspirado a mentalidade Iluminista nos ensaios para possíveis cemitérios públicos salubres entre os finais do século XVIII e o início do século XIX. Até lá, a norma continuaria a ser o sepultamento no interior das igrejas e nos respectivos adros.

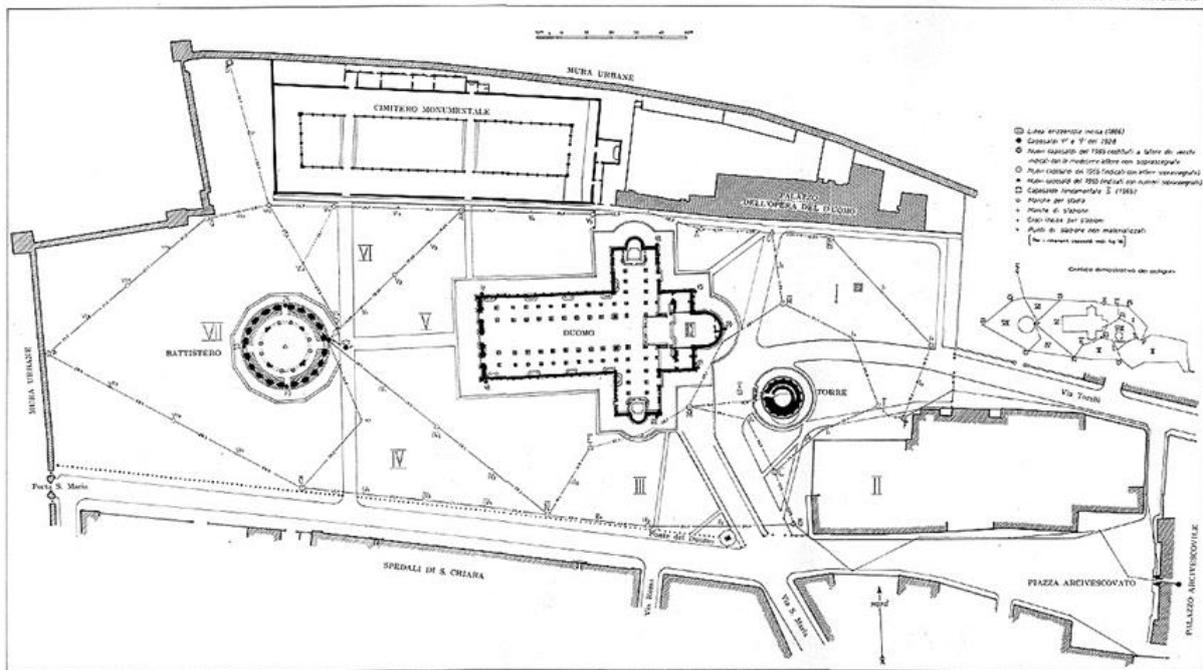


Figura 3. Conjunto formado pela Praça dos Milagres, Torre e Catedral de Pisa, Baptistério, e o *Campo Santo Monumentale*. Note-se como este último não se encontra adossado a nenhum dos restantes corpos arquitectónicos.



Figura 4. Capela de St. Cuthbert em Thetford, Inglaterra. As suas fundações datam do século XIII, embora tenha sido reconstruída em meados do século XIX. O antigo churchyard, erguido acima do nível da via pública e contido por um muro, encontra-se cravejado de lápides. Após a reconstrução da capela, foi construído um novo cemitério em novas instalações, que se encontra em serviço ainda hoje.

O Iluminismo motivou uma série de mudanças que, em adição à Revolução Industrial, resultou numa melhoria das condições de higiene, da alimentação, dos serviços públicos, das construções, e dos progressos tecnológicos e científicos, como foram os da Medicina, propiciando assim o aumento da natalidade. Destas mudanças, resultaram reformas e a criação de novas instituições que, ao contemplarem estes desenvolvimentos, exigiram novas tipologias arquitectónicas como hospitais, teatros, museus, prisões, e o cemitério (Benévolo, 1996 p. 17-64). Este último foi resultado da influência do conhecimento científico veiculado por médicos a favor do Higienismo e da mudança das práticas de inumação como forma de mitigação de doenças que se tornaram frequentes no contexto de desenvolvimento de epidemias, como foi a cólera. O processo que constituiu a criação de cemitérios não deve, no entanto, ser considerado um produto exclusivo do Iluminismo, mesmo que só nessa época é que tenham surgido as abordagens mais precisas aos aspectos higienistas das opções de inumação. Nos séculos XVI e XVII já se começavam a levantar questões de higiene e saúde pública por parte de “algumas vozes isoladas [que] tinham chamado a atenção para os possíveis efeitos nocivos na saúde pública derivados das emanções das sepulturas” (Catroga, 1999), já existiam locais de sepultamento exclusivos a hospitais nas imediações dos mesmos, e já se elaboravam algumas tentativas de regulamentação das práticas de inumação; mas foi de facto no século XVIII que este movimento ganhou ímpeto, graças à argumentação insistente de médicos e intelectuais Iluministas a favor do Higienismo e contra a propagação de doenças derivadas da proximidade aos cadáveres.

O apego a uma prática de sepultamento de acordo com as premissas cristãs era especialmente intenso nos países mais a Sul da Europa, o que se revelou um problema. A população de facto aumentara com o fenómeno da Revolução Industrial mas, devido a fortes surtos de epidemias, como foi o caso da *cólera morbus* no início do século XIX, o número de mortes também (Friends of Highgate Cemetery Trust, 2020). Os cemitérios criados nos centros urbanos, como os dos hospitais e os adros das igrejas, atingiram níveis de sobrelotação que não só preocupavam os higienistas, como também, ainda que de forma muito reticente, a própria Igreja (Oliveira, 2007, p. 67): os odores no interior dos templos faziam-se sentir nas celebrações das missas, e as sepulturas dentro e fora destes encontravam-se cheias.

Sobre a forma como a população confraternizava com os seus defuntos, movida pela tradição e sentimentalismo cristãos, e sobre a forma como a Igreja Católica detinha poder sobre as práticas de inumação até ao início do século XIX, disse o médico português Ricardo Jorge (1885, pp. 137-138), numa conferência dada em 1884:

“Meus senhores: a Regularização legal e cívica do enterramento e a instituição comunal de cemitérios públicos são aquisições relativamente modernas. De pura jurisdição sacerdotal, a sepultura era uma empresa das abbas, irmandades, corporações religiosas e ordens terceiras; o campo d’enterramento era um terreno sagrado – o adro circundando o templo, ou o proprio chão da igreja. Até ao principio d’este seculo, d’encontro às mais evidentes regras higienicas, d’encontro até aos dictames do mais santo respeito christão, os sanctuarios do culto, invadidos pela chusma dos cadáveres, que se amontoavam sem ordem no seu recinto estrito, foram os logares prediletos de sepultura”.

A sepultura *ad sanctos*, ou a sepultura em local considerado sagrado, começou a ver os seus dias contados. Um dos factores que contribuiu para tal, além da pressão imposta pelo Higienismo, foi a idealização da Necrópole assumida como matéria disciplinar pela *Académie Royale d’Architecture em França*, perante o reconhecimento da importância deste tema por parte da cultura iluminista (Oliveira, 2007, p. 68). Ao longo do último quartel do século XVIII surgiram desenhos e projectos que idealizavam o cemitério moderno e que, reflectindo um regresso às origens primordiais das primeiras necrópoles, traziam de volta a hierarquização e estética egípcias de há exactamente quatro mil anos atrás, bem como as ordens arquitectónicas da Antiguidade Clássica (Oliveira, 2007, pp. 67-68). Utopias de túmulos e capelas sepulcrais em forma de pirâmide e com entradas marcadas por frontões e colunas manifestavam-se em desenho e viriam a, mais tarde, tomar forma construída em cemitérios como o Père-Lachaise em Paris ou o Cemitério dos Prazeres em Lisboa.



Figura 5. Cemitério de Père-Lachaise.



Figura 6. Cemitério dos Prazeres.

1.4_ Père Lachaise: a formação e disseminação de um modelo

“Presente ao longo de todo o século XIX como cemitério de referência, o Père-Lachaise constitui um marco fundamental na história do espaço urbano da morte. Pela primeira vez uma cidade com a dimensão e importância de Paris, dedicando um espaço exclusivamente a um destino cemiterial, o considera tema de arquitectura. Muito valorizado enquanto local de representação, a necrópole viu o seu conceito objecto de um debate que envolveu políticos, arquitectos e intelectuais e interessou vivamente a população” (Oliveira, 2007, p. 98).

Estamos prestes a chegar ao momento do planeamento do Cemitério Père-Lachaise (i. 1804), o pai dos cemitérios modernos europeus. E é muito comum nos dias de hoje, durante uma visita guiada a um cemitério oitocentista europeu qualquer, ouvir que tal se trata, por exemplo, do “Père-Lachaise português” no caso do Cemitério dos Prazeres (i. 1833), do “Père-Lachaise inglês” no caso de Highgate (i. 1839) ou de Kensal Green (i. 1833), ou do “Père-Lachaise belga” no caso do Cemitério de Laeken em Bruxelas (estabelecido em 1275 como um *campo santo* junto da respetiva igreja, mas reestruturado a partir de 1831), entre outros. Isto acontece, deduzimos nós, porque estas cidades, sendo centros urbanos com maior densidade populacional dentro dos seus respectivos países, construíram os seus primeiros cemitérios sob a influência do Cemitério de Père-Lachaise: o produto imediato da legislação cemiterial de 1804, que veio revolucionar os locais de sepultamento. Os princípios de igualdade e de laicismo promovidos pela Revolução Francesa (Worpole, 2003, p. 12) reflectiram-se na redacção deste Decreto Imperial disseminado pela Europa graças às campanhas militares napoleónicas, no qual constam artigos que abordam temas como: proibição de sepultamentos no interior de locais de culto e quaisquer locais fechados; distância entre centros urbanos e o cemitério, no qual seriam erguidos muros ao longo de todo o seu perímetro; uma cova correspondente a cada inumação, em oposição às valas comuns; estabelecimento de um intervalo de tempo mínimo autorizado para a reabertura de uma cova no caso de ser necessária a sua reutilização (Oliveira, 2007, p. 99). É declarado o fim da vala comum na França, e do poder da Igreja sobre os sepultamentos, de modo a que são concedidos o direito e o dever de serem realizados enterros individuais num local designado para o efeito, e regulamentado de acordo com o seu propósito:

“The mass grave came to an end and was replaced by the principle of individual burial [...] : one person, one grave” (Worpole, 2003, p. 94).

Alexandre-Théodore Brongniart (1740-1813), arquitecto que já desenvolvera trabalhos de arquitectura paisagística em jardins, ficou encarregue do projecto, pois o local de implantação tinha sido originalmente um jardim clássico francês do século XVIII, “em *parterres* escalonados na colina” (Oliveira, 2007, p. 102). Brongniart fez uso da estrutura viária pré-existente, rígida, recta e favorável à circulação de carros funerários, e cruzou-a com novos caminhos pedestres que acompanhavam a topografia do terreno, mais sinuosos e ondulantes (Oliveira, 2007, p. 102). Criou a Avenida Principal, uma recta ligeiramente perpendicular à *Boulevard de Ménilmontant* da cidade dos vivos, que parte da entrada a sudoeste rasgando pelo interior do cemitério, de forma a ancorar as suas partes a esta via central, arborizou este lance ao longo de todo o seu comprimento; tratou o seu declive em relvado, de forma a domar a topografia com elegância (Oliveira, 2007, p. 102); articulou vias entre rotundas, marcando eixos visuais através da construção de monumentos, tratou e evidenciou áreas através da arborização - em suma, jogou com as características do terreno e criou cidade, como que reflectindo a própria Paris nesta cidade dos mortos (Stankovic, 2014, p. 82). Em 1820, Étienne-Hippolyte Godde (1781-1869) assumiu o projecto para edificar o conjunto da entrada e a Capela Este (c. 1825) do cemitério (Oliveira, 2007, p. 104), axiais entre si por se localizarem na cerimoniosa Avenida Principal projectada por Brongniart. Entre estes dois momentos, a avenida foi marcada por uma interrupção, o Monumento aos Mortos (c. 1899), da autoria de Albert Bartholomé, em memória de todos os que partem independentemente das suas religiões ou credos, numa reafirmação da secularidade presente no desenvolvimento deste cemitério.

Poucos anos depois da abertura desta necrópole, outros cemitérios foram construídos em torno da cidade de Paris entre curtos intervalos de tempo, de modo a servir a cidade em quatro pontos diferentes: Père-Lachaise (i. 1804) a leste, Passy (i. 1820) a oeste e de dimensões significativamente menores, Montparnasse (i. 1824) a sul com a sua planta rígida e ortogonal próximo das Catacumbas de Paris, e Montmartre (i. 1825) a norte (Stankovic, 2014, pp. 81-82). Estas últimas foram as segundas maiores necrópoles parisienses em relação ao seu predecessor. Este gesto de rodear a metrópole com múltiplas cidades dos mortos distribuídas pelos vários pontos cardeais repetir-se-á mais tarde em Londres, tanto por força da necessidade, como pelo ímpeto de um negócio em crescimento. Garantidamente, sabemos que Paris foi um modelo a seguir no planeamento de cemitérios.



Figura 9: Desenho de Frederick Nash (século XIX) ilustrando a capela projectada por Godde.

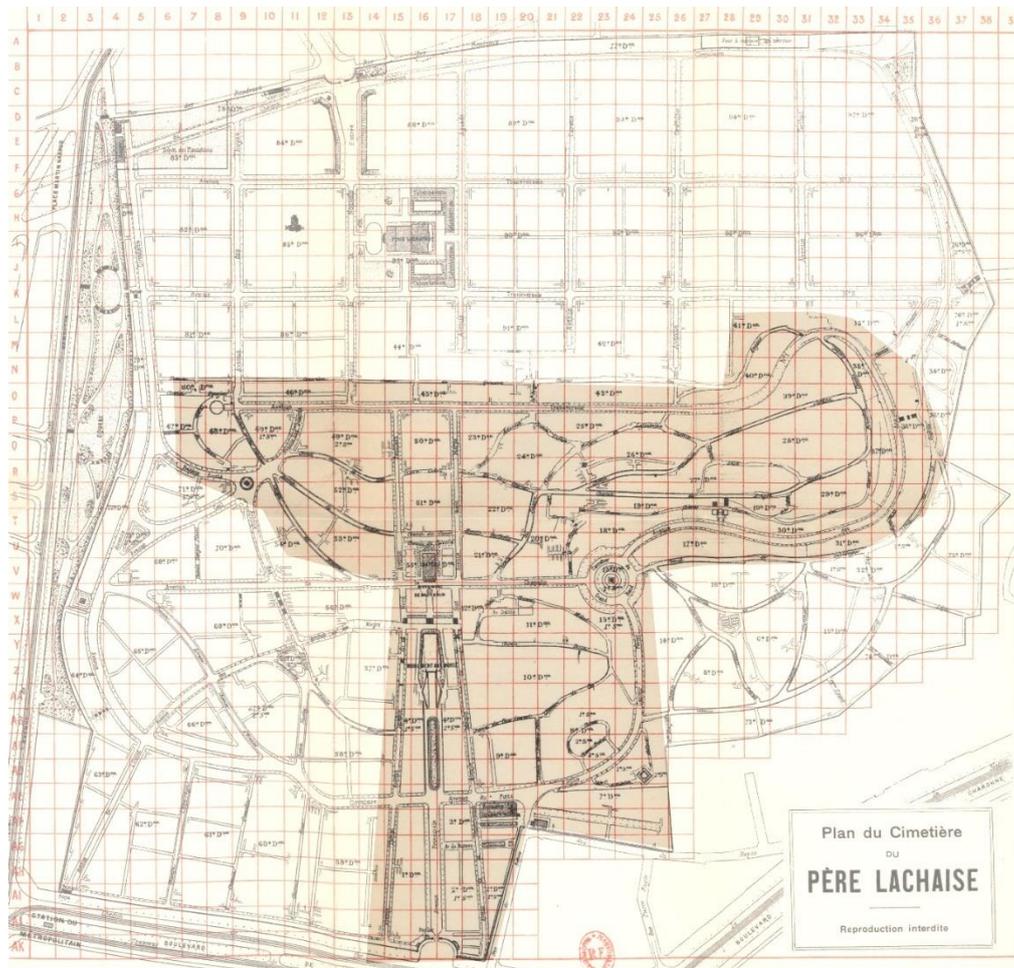


Figura 10. Planta de 1908 da área total do cemitério à data, destacando a parte correspondente à área de implantação inicial.

Père-Lachaise foi alvo de novas adaptações e ampliações ao longo do segundo quartel do século XIX (Oliveira, 2007, p. 104), mas as intenções do projecto de Brongniart serão parte visceral da criação de novos cemitérios europeus. De onde partem os eixos, o que ligam, como marcá-los, os propósitos que servem as vias, o papel da vegetação, a importância dos monumentos, formas de lidar com a topografia, entre outras questões, são tudo assuntos que preocuparam os projectistas no que toca à parte arquitectónica, sendo interpretados e adaptados às culturas de cada país ou região.

Père-Lachaise foi também um exemplo na parte higienista devido à sua localização em cota alta no exterior da cidade e aos seus muros altos (Oliveira, 2007, p. 103), bem como pela sua vegetação abundante que purificava o ar em tempos de epidemia e constantes óbitos. No que toca aos aspetos político-sociais, sucedeu na afirmação do seu laicismo e resistiu ao poder e influência da Igreja Católica graças à sua arquitectura e ao ímpeto da Revolução, e criou condições para uma forma de igualdade na morte ao legislar sepulturas individuais em detrimento da vala-comum. Tal prática permitiu assegurar um enterramento para cada indivíduo independentemente da sua classe social ou religião, e promoveu a visibilidade de estatutos sociais através dos seus monumentos, túmulos e respectivas localizações dentro do cemitério (Oliveira, 2007, pp. 103,104).

“It was a triumph of symbolic integration: a synthesis of many different elements that were already in existence in some form elsewhere, but to date had not been brought together. Père-Lachaise drew on ideas and practices with regard to both landscape theory, and the dignification and humanization of death.” (Worpole, 2003, p. 86).

O sucesso da integração deste exemplo áureo de planeamento cemiterial em outros países do continente europeu é, contudo, discutível. Nem em todo o lado se via com bons olhos a total descristianização da morte, ou se sublinhava a importância de alhear o espaço físico do cemitério ao da cidade. Mesmo em Paris foi necessário, no início, recorrer a estratégias de *marketing* para “vender” a ideia aos cépticos e aos tradicionalistas: só após a trasladação dos alegados restos mortais de personalidades célebres para o Père-Lachaise, como foi o caso de La Fontaine, é que a classe burguesa foi atrás, povoando esta obra-prima cemiterial, e divulgando o seu sucesso entre o povo francês (e burguês) além-fronteiras (Monteiro, 2020). Diferentes países possuem diferentes culturas, bem como diferentes atitudes e práticas perante a morte. O Iluminismo deu azo a revoluções por motivos diversos em várias nações, mas talvez



Figura 11. Vista aérea do Père-Lachaise actualmente.

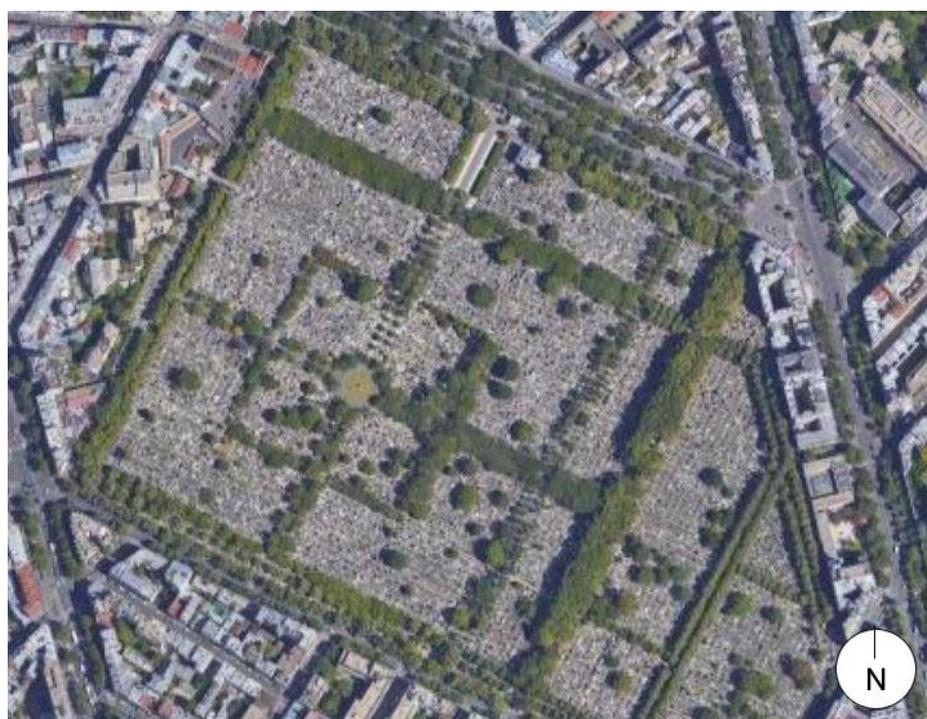


Figura 12. Vista aérea do Cemitério de Montparnasse. Reparemos como a geometrização do espaço se torna muito mais rígida e rigorosa neste caso, sugerindo um modelo cemiterial algo diferente do Père-Lachaise.

a Revolução Francesa tenha sido a que terá tido maior destaque, uma vez que, após a destruição da Abadia de Cluny, deu-se uma vitória para quem quis libertar-se do poder da Igreja, eventualmente abrindo caminho para um cemitério completamente laico e que não privilegiava credos.

“The development of well managed and often beautiful cemeteries and burial grounds in cities became associated with ideas of progress and even social harmony.”

(Worpole, 2003, p. 12)

O cemitério enquanto equipamento urbano, além de ter sido uma solução higienista ao problema do excesso de enterramentos, passou a ser visto como um espelho da cidade a que pertencia. Diríamos que, não só em termos de estatuto social e *venustas*, reflectia também o que se considerava ser o espírito da época consoante a cidade onde se encontrava. Esta é uma das premissas que leva a que, por toda a Europa, os cemitérios sejam tão distintos entre si, apesar de partirem do mesmo modelo: “amiúde invocado como modelo na invenção e generalização desta nova tipologia, o Père-Lachaise, matriz espacial da necrópole moderna cristã, não se reproduziu sempre do mesmo modo nas várias subculturas ocidentais” (Oliveira, 2007, p. 117).

Na sua tese de doutoramento, Maria Manuel Oliveira coloca na mesa as características predominantes nos cemitérios oitocentistas e classifica-os em três modelos distintos: o cemitério *Beaux-Arts*, o cemitério paisagista e o cemitério monumental (2007, pp. 118-120). A meu ver, o primeiro constitui um papel de predecessor dos dois últimos, uma vez que ambos os modelos, além de se regerem por princípios opostos, encontram-se formalizados em cemitérios que, de uma forma ou outra, foram buscar ao modelo do Père-Lachaise o que mais se adequava às características topográficas e socioculturais das cidades onde se inserem.

O cemitério *Beaux-Arts* segue regras de simetria e equilíbrio, possui vegetação que reforça e complementa o projecto de arquitectura e, em planta, segue uma matriz geometrizada com vias que propiciam acessos directos para carruagens funerárias, integrando entre estas áreas informais com percursos curvos e sinuosos (Oliveira, 2007, p. 118). Ele aproxima-se de “uma linguagem naturalizada e tendencialmente aberta à cidade” (Oliveira, 2007, p. 118). Neste modelo onde predominam hierarquias de espaços subtilmente representadas por edificações e elementos botânicos, enquadra-se o Père-Lachaise, e este tipo foi bastante mais difundido pela

Europa Central e pela Grã-Bretanha, ao passo de que no Sul da Europa, maioritariamente católico, era privilegiada a edificação de monumentos funerários em vez de arborização.

O cemitério paisagista baseia-se numa visão pitoresca ou arcádica, procura intencionalmente ser uma paisagem de imitação da natureza no seu estado mais puro possível, e teve maior expressão nos Estados Unidos graças a maiores extensões de território virgem (Oliveira, 2007, p. 118). O arquétipo mais preciso deste modelo terá sido o Cemitério de Mount Auburn (i. 1831) em Cambridge, Massachussets: “Apesar da filiação expressa, a construção da paisagem na sua vertente naturalizada afirmou-se aqui de uma forma claramente mais acentuada do que no projecto congénere parisiense” (Oliveira, 2007, p. 119). Oliveira refere as circunstâncias topográficas nas áreas de implantação das necrópoles dos Estados Unidos como factor relevante para o desenvolvimento destes cemitérios rurais, uma vez que eram geralmente bastante mais extensas e de topografias variadas. Desta forma, era bem-sucedida a concepção de um cemitério paisagista devido à preservação da espontaneidade característica dos terrenos. Ao contrário do modelo *Beaux-Arts*, estas necrópoles não cumprem alinhamentos em particular nem se regem por composições axiais no seu desenho, não privilegiam locais de destaque para monumentos, nem a entrada se alinha directa e imediatamente com o templo, como tende a ser comum nos outros dois modelos. Em suma, são espaços que “obrigam a percursos em que a lógica é topográfica e descobridora de novas perspectivas” (Oliveira, 2007, p. 119). Não obstante, à semelhança do primeiro, e devido ao seu convidativo arranjo naturista análogo a um Éden, este modelo é utilizado pelos seus visitantes também para fins recreativos e passeios, constituindo autênticos cemitérios-parques onde a organicidade dos percursos e da paisagem sobrepõe-se à hierarquização de espaços.

Mount Auburn foi considerado o primeiro grande cemitério rural ou cemitério-jardim na América do Norte, chegando a ser apelidado de “Père-Lachaise americano” (Worpole, 2003, p. 139) pela forma como aprendeu e interpretou as lições do pioneiro francês. O impacto foi tal que serviu de modelo para outras necrópoles suas conterrâneas, difundindo pela primeira vez o termo ‘cemitério’ naquele país:

“The success of Mount Auburn also popularized the word ‘cemetery’ in North America for the first time, rather than ‘burying ground’ or ‘graveyard’.” (Worpole, 2003, p. 141).

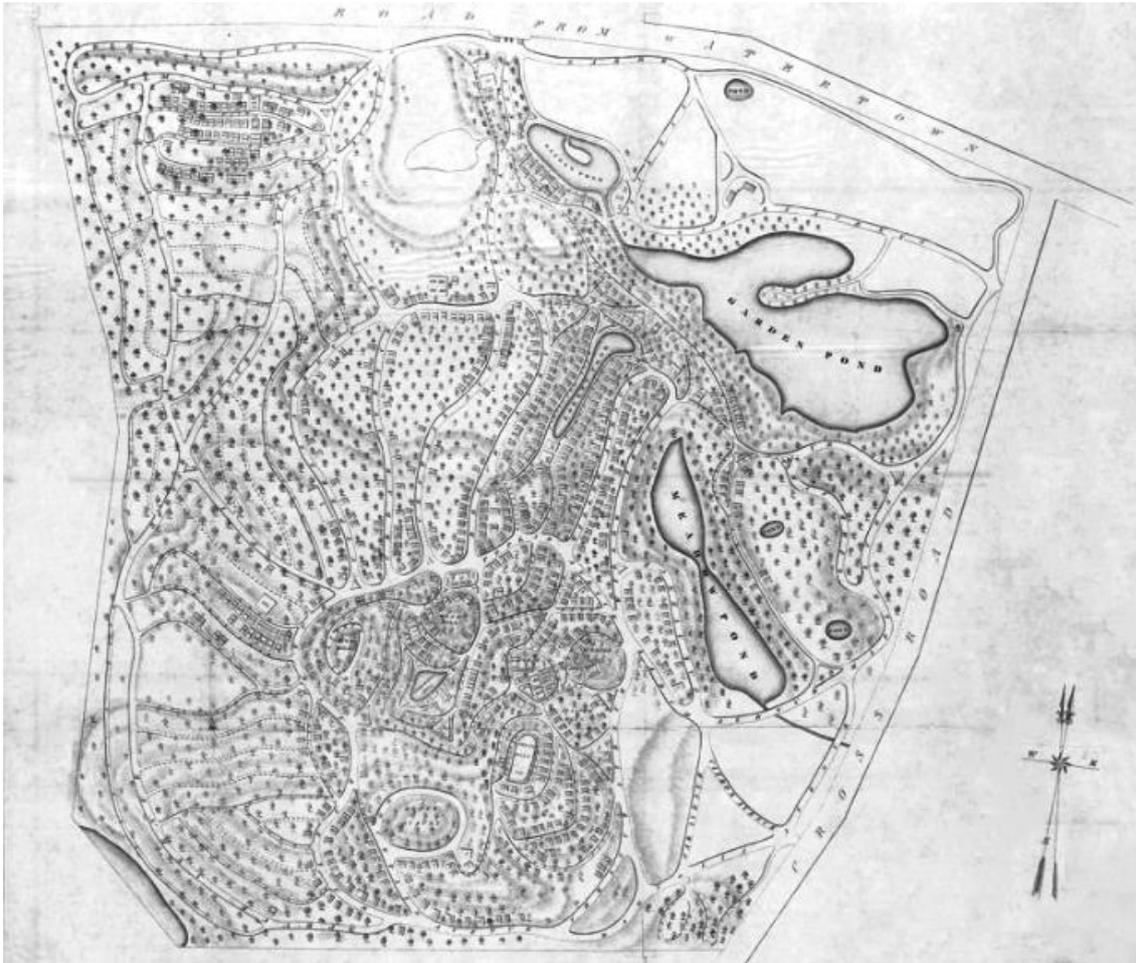


Figura 13. Planta do Cemitério de Mount Auburn, datada de 1841.

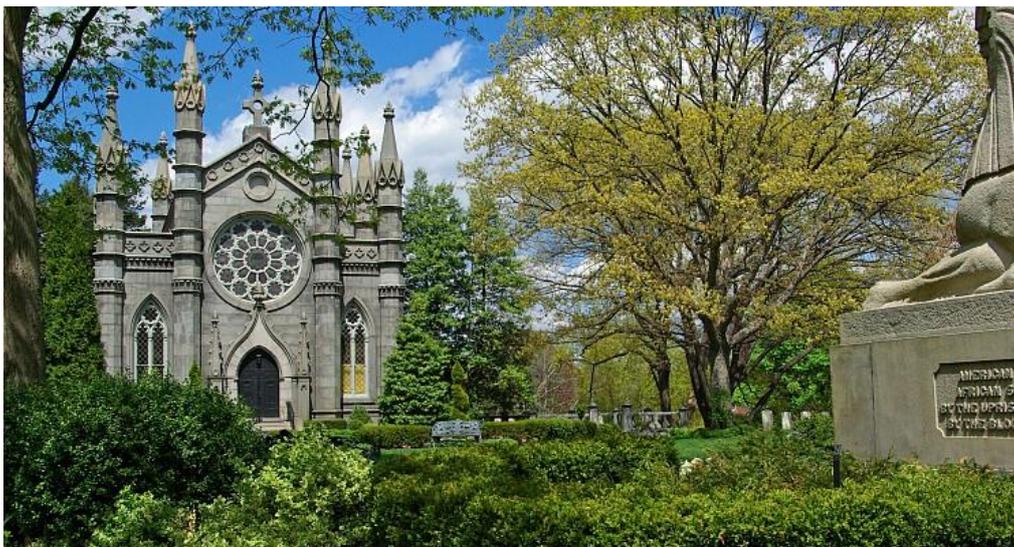


Figura 14. Capela neogótica de Mount Auburn, projectada por Jacob Bigelow.

A sua concepção foi da autoria do médico e botânico Jacob Bigelow (1787-1879), o que por um lado justifica a ausência de alinhamentos significativos no seu projecto e a importância dada à vegetação: “tal como muitos jardins pitorescos do século anterior, estes cemitérios iniciais não foram delineados por arquitectos, o que talvez também explique a não adopção de uma lógica projectual mais arquitectónica e geometrizada” (Oliveira, 2007, p. 119). A topografia do terreno também não foi alterada na altura em que foi concebido, preservando as suas características originais:

“The estate is beautifully undulating in its surface, containing a number of bold eminences, steep acclivities, and deep shadowy vales.” (Collison, 1840, p. 112).

Por se tratar de um cemitério paisagista, os gerentes de Mount Auburn, bem como os de outros cemitérios rurais norte-americanos, recusavam propostas para a elaboração de túmulos familiares de dimensões monumentais e demasiado trabalhados, pois destoariam do ambiente pastoral pretendido para a estética deste cemitério.

“They continued to aspire to a woodland setting, with curvilinear paths, sloped, mounds and rolling pastures, water features such as streams, waterfalls and small lakes, and an uneven massing of shrubs and trees uppermost in the design.” (Worpole, 2003, p. 140).

Foi também um dos cemitérios pioneiros, a nível global, a recorrer a motivos alusivos ao Antigo Egipto aplicados ao próprio edificado:

“The awe-inspiring sublimity of the [Egyptian] style and its historic associations with life after death rendered it particularly appropriate to the art of funerary design. But it was left to the American founder of Mount Auburn Cemetery, Jacob Bigelow, to use it first in this way on an architectonic scale.” (Joyce, 1994, p. 42).

A configuração de Mount Auburn terá, sem sombra de dúvida, influenciado não só os arranjos botânicos como os arquitectónicos de Abney Park (i. 1840) em Londres:



Figura 15. Entrada de Mount Auburn, em revivalismo egípcio.



Figura 16. Entrada de Abney Park, no mesmo estilo revivalista.

“There [Mount Auburn] a massively picturesque gateway flanked by lodges and obelisks, dating from 1831, must surely have provided the main precedent for the Abney Park arrangement.” (Joyce, 1994, p. 42).

Cito também George Collison, um dos fundadores do Cemitério de Abney Park, que terá visitado Mount Auburn muito antes da fundação do londrino e afirma:

“In its constitution and general arrangements, is in a great degree similar to our own cemetery at Abney Park.” (Collison, 1840, p. 111).

Por último, Oliveira (2007, p. 120) descreve o modelo de cemitério monumental como um espaço de organização claustral onde predomina a edificação de monumentos funerários, e onde “o espaço central é dividido por dois caminhos que se cruzam no centro, envolvido por galerias laterais que, sendo muro limítrofe, simultaneamente servem de suporte à edificação tumular”. A planta tende a ser rigorosamente geométrica e a axialidade entre vias e monumentos é óbvia, como acontece com o templo do cemitério. A capela tem grande destaque no conjunto, encontra-se a eixo com a entrada principal e, geralmente, é um ponto de convergência entre outros caminhos. As galerias que encerram a composição apresentam fachadas cegas no exterior e não permitem qualquer permeabilidade ou diálogo com o resto da cidade para além dos acessos formais, dada a clareza e afirmação dos seus limites, que isolam este espaço do exterior; “Protecção e exclusão são condições intrínsecas a estas necrópoles” (Oliveira, 2007, p. 120). Este modelo encontra-se representado sobretudo na Itália e Espanha, sendo o Cemitério Monumental de Milão (i. 1866) com a sua planta geometricamente complexa um dos exemplos mais rigorosos, embora também possamos arriscar considerar o Cemitério de Montparnasse em Paris um híbrido entre este tipo e o modelo Beaux-Arts.

Existe uma variante mais simplificada e económica do cemitério monumental, onde a própria monumentalidade do edificado é suprimida e os limites são simples muros em vez de galerias altas, possibilitando a sensação de se estar num recinto a céu aberto. Mantém-se, contudo, a forma de organização da planta. É a versão que encontramos presente no cemitério romântico português. Oliveira descreve a sua área de implantação como um “recinto encarado como uma plataforma ordenada a partir de uma composição geométrica ortogonal e axializada, em que a estrutura principal dos arruamentos se cruza no centro” (2007, p. 121). No que toca à construção arquitectónica, exceptuando as construções funerárias, tende a incluir somente os

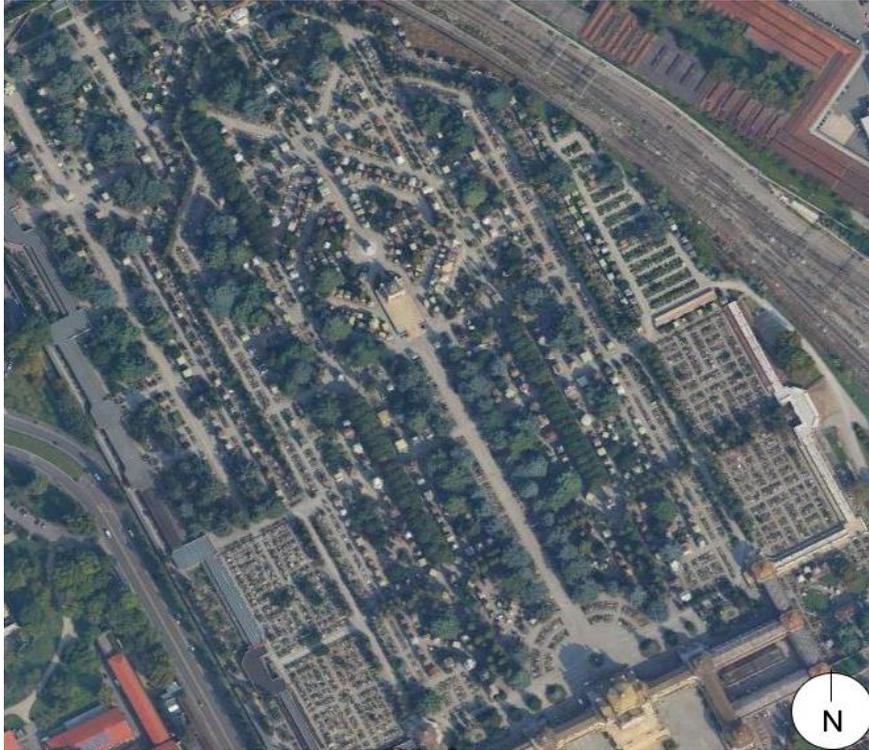


Figura 17. Vista aérea do Cemitério Monumental de Milão.



Figura 18. Vista aérea do cemitério de Agramonte, no Porto.

serviços indispensáveis ao funcionamento do cemitério, como a zona administrativa, que tendencialmente se localizam simetricamente dos dois lados do portão de acesso. Por último, o momento arquitectónico mais evidente e de maior destaque tende a ser a articulação entre o conjunto de entrada e a capela, axiais entre si (Oliveira, 2007, p. 121). Quanto a elementos botânicos, quando aplicáveis, são entendidos “no sentido estrito da complementaridade compositiva e reduz-se a espécies consideradas adequadas à gravidade da simbólica funerária (...) marginando os arruamentos principais e reforçando a sua leitura” (Oliveira, 2007, p. 121). Em suma, não são fundamentais ou, em última instância, dispensáveis, no cumprimento do lado funcional do equipamento, mas necessários à salubridade do local e ao bem-estar dos visitantes e utilizadores. De acordo com as características enunciadas, destacam-se o Cemitério dos Prazeres em Lisboa (i. 1833), o de Agramonte no Porto (i. 1855) e, sendo praticamente desprovido de vegetação tanto no interior do seu recinto como no seu plano original, o da Conchada em Coimbra (i. 1860).



Figura 19. Cemitério de South Park Street em Calcutá.

1.5_ A experiência Anglosaxónica e Portuguesa

Até ao início da terceira década do século XIX, a Grã-Bretanha servia-se dos *churchyards*, ou os adros das suas igrejas, para enterrar grande parte dos seus mortos. Contudo, esta era uma prática reservada aos crentes da Igreja Anglicana. Os dissidentes e não-conformistas criaram os seus próprios espaços de inumação à parte, resultando numa segregação de quem praticava uma denominação religiosa diferente (Worpole, 2003, p. 134); da mesma forma que se segregavam espaços para os vivos, pelos mesmos motivos se fazia o mesmo com os mortos. Esta separação de credos após a morte acontecia também na Península Ibérica, predominando, neste caso, a Igreja Católica. Em ambos os casos existia, portanto, uma religião predominante, que privilegiava o sepultamento de indivíduos de classes abastadas no interior dos seus templos, e os restantes crentes no exterior. Em paralelo, eram desenvolvidos cemitérios à parte para dissidentes, para que não se partilhassem os mesmos locais de inumação entre diferentes credos e culturas. São disso exemplo, o Cemitério dos Ingleses em Lisboa (i. 1717), o Cemitério de Não-Conformistas de Bunhill Fields (i. 1665) e ainda o Cemitério de South Park Street em Calcutá (i. 1767) construído propositadamente para os europeus. Note-se como estes exemplos datam muito antes da inauguração do Cemitério de Père-Lachaise (i. 1804): antes de ser encontrado um modelo-base para um cemitério não-denominacional ideal, podemos assumir que havia uma preocupação maior em separar crenças e culturas. Não se trata necessariamente de uma questão de discriminação por parte de uns em detrimento de outros, mas da forma como cada cultura ou crença reage perante a morte e perante os restos mortais. Se no Catolicismo se crê na ressurreição e se cultiva uma associação visceral entre o corpo e a alma como um só, tornando a materialidade algo sagrado (suponhamos alusões à última ceia: corpo sendo “pão”, sangue sendo “vinho”; assim como os alimentos são essenciais na vida, o corpo também é essencial na morte), então o apego ao corpo do defunto e a forma como este é tratado no momento do sepultamento serão um reflexo desses factores. O mesmo acontece com o Anglicanismo, resultante da Reforma Inglesa e da cisão religiosa com Roma (Oliveira, 2007, p. 106): aspectos como a ausência de uma crença forte no Purgatório, em eventos após a morte e de associações entre corpo e alma (o corpo perde importância após ser sepultado), também se reflectirão nas respectivas atitudes e práticas perante a morte.

Sendo o Anglicanismo predominante em Inglaterra, e o Catolicismo em Portugal, cada uma destas denominações religiosas incorpora-se nos costumes e tradições do respetivo país, tornando-se parte da sua cultura. Por se encontrarem tão integradas nos hábitos, no consciente

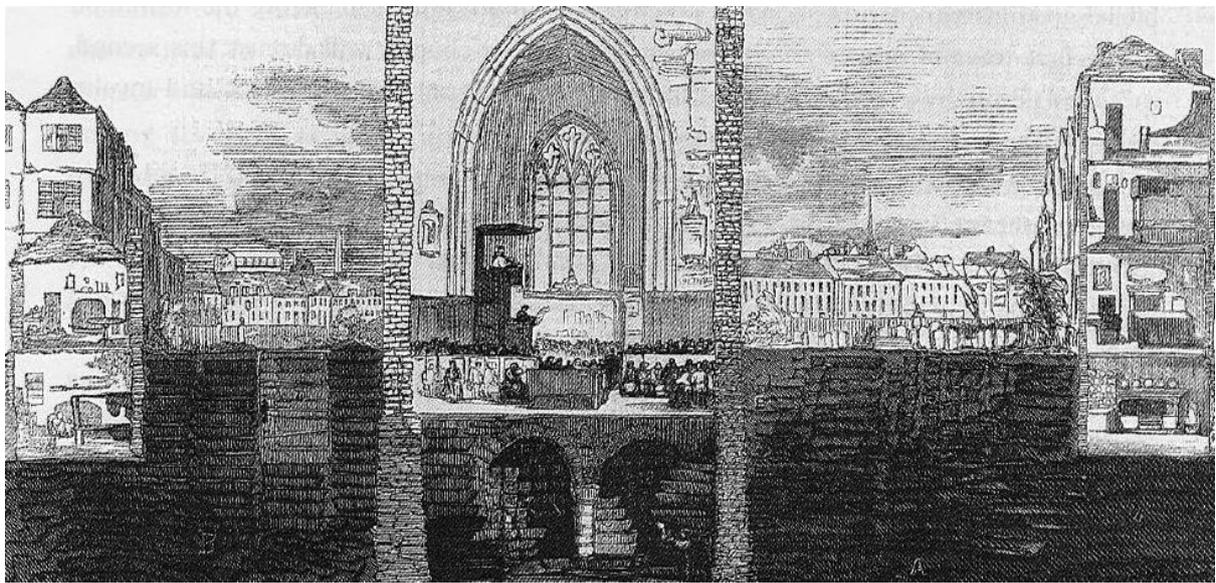


Figura 20. Corte de churchyard londrino, onde é evidenciado o nível do pavimento da capela e das habitações circundantes em relação ao nível do solo.

colectivo dos países onde actuam, podemos concluir que estamos perante um dos factores – a religião predominante em cada país – que terá influenciado o aspecto dos cemitérios, mesmo quando era suposto serem laicos, ou pelo menos tão laicos quanto possível: “e, se é certo que existe uma fractura conceptual clara entre os territórios cemiteriais de origem católica e protestante, também no interior dessas áreas se manifestam desenvolvimentos diversos conforme as circunstâncias particulares que ocorrem” (Oliveira, 2007, pp. 117-118).

1.5.1_ Inglaterra e os *Magnificent Seven*

Prestemos atenção especificamente a Londres. Durante a Revolução Industrial, a taxa de natalidade aumentou e, conseqüentemente, o número de mortes também:

“In the early 1800s London had a population of just one million people. In the following years, the population had increased rapidly and the number of deaths along with it.

Very little new burial space had been put aside to cater for the growing numbers”

(Friends of Highgate Cemetery Trust, 2020).

Adicionalmente, uma epidemia de cólera assolou toda a Europa e, na capital inglesa, onde a densidade populacional era elevada, não havia mãos a medir no que toca a enterros, muitos deles clandestinos.

“Graveyards and burial grounds were crammed in between shops, houses and taverns — wherever there was space (...) The smell from these disease-ridden burial places

was terrible. They were overcrowded, uncared for and neglected” (Friends of Highgate

Cemetery Trust, 2020).

Londres encontrava-se num estado putrescente, com o ar contaminado pelas doenças, pelos gases emanados pelos cadáveres em decomposição sepultados em locais de enterramento improvisados, e ainda pelas emanações de fumos industriais decorrentes do progresso da Industrialização. Mas a multiplicidade de enterramentos consecutivos nos antigos *churchyards* e demais campos de inumação, que já se encontravam num estado esquelético e com o solo podre de tanto se reabrir as mesmas covas – quer fosse para enterrar cadáveres, quer fosse para os



Figura 21. Disposição dos *Magnificent Seven Cemeteries* na Grande Londres, e em relação ao Rio Tamisa.

desenterrar e roubar – era um dos maiores motivos de escândalo para a cidade (Joyce, 1994, p. 34). Tal cenário não só trazia problemas para a saúde pública, como também para a segurança pública e propriedade adjacente (Joyce, 1994, p. 34).

A urgência em corrigir a situação era tal que foram tomadas medidas para a criação de um anel sanitário em torno de Londres, consistindo em sete novos cemitérios destinados a servir a cidade e os seus subúrbios:

“Parliament passed a bill in 1832 to encourage the establishment of new private cemeteries. Within ten years, seven had been established” (Abney Park Trust, 2020).

Esta nova proposta de lei seria o primeiro passo em prol dos interesses da população no que toca à dignificação das práticas de sepultamento, mas não só. Os novos cemitérios seriam de utilização pública, mas de gestão privada, algo propício para o empreendedorismo. Em paralelo com esta necessidade de higienização da cidade em vias de putrefação, houve portanto um grande interesse económico numa era em que a morte representava inúmeras oportunidades de negócio:

“In an era of entrepreneurship, the profits from burials carried out with care in locations of quality could not be ignored and, once permitted, joint stock companies flourished.” (Turpin & Knight, 2011, p. 13).

Os terrenos dedicados à construção de cemitérios eram adquiridos por companhias privadas, que contractavam arquitectos e projectistas para organizar o plano e a distribuição dos lotes, de modo a poderem calcular os valores dos mesmos consoante o local em que estes se dispusessem dentro do recinto. Uma destas companhias foi a *General Cemetery Company*, formada em 1830 por um grupo liderado por George Carden, advogado, pouco antes de um dos maiores surtos de cólera em Londres (Turpin & Knight, 2011, p. 13). Um *Act of Parliament*, ou uma proposta de lei, foi passado e aprovado para que construíssem o cemitério de Kensal Green, o primeiro dos sete cemitérios que comporiam o anel sanitário.

Os sete revolucionários cemitérios-jardim construídos em torno de Londres durante a época Victoriana, que mais tarde viriam a ser conhecidos como os “Magnificent Seven”, são portanto: Kensal Green (i. 1833), Norwood (i. 1838), Highgate (i. 1839), Abney Park (i. 1840), Brompton (i. 1840), Nunhead (i. 1840) e Tower Hamlets (i. 1841) (Worpole, 2003, p. 134). Todos eles encontram-se localizados em zonas suburbanas diferentes e são praticamente



Figura 22. Entrada do Cemitério de Kensal Green.

equidistantes entre si. Quase se poderia afirmar que se tratava de um excelente plano-mestre para a resolução das condições sanitárias que Londres sofria devido ao acumular de cadáveres, propositadamente posto em prática de modo a servir diferentes sectores da cidade de diferentes ângulos, não fosse pelo facto da disposição destes equipamentos ter motivações maioritariamente socioeconómicas.

“After the establishment of Kensal Green, successive companies settled for the sites that best suited their interests – not too close to a competitor” (Turpin & Knight, 2011, p. 10).

Assim, ao estabelecer-se Kensal Green a noroeste da cidade de Londres, Norwood foi colocado muito mais a sul e para além do Tamisa; Highgate a Norte, tão distante do centro da cidade como o seu predecessor; Brompton encontra-se mais próximo do centro que os anteriores, a oeste e imediatamente acima do rio; Abney Park a nordeste, seguido de Nunhead a sudeste; e por fim Tower Hamlets, a leste da cidade – *London East End*, que em grande medida servia os hospitais locais e as *workhouses* (Worpole, 2003, p. 70). Embora distribuídos segundo interesses comerciais e sociais, já tinha havido quem tivesse apontado a necessidade de construir vários cemitérios-jardim em torno de Londres. Foi o caso de John Claudius Loudon (1783-1843), botânico e arquitecto paisagista escocês (Joyce, 1994, p. 34) que em 1830 tinha publicado uma proposta para a construção de cemitérios que deveriam servir de parques e jardins botânicos, para lazer e instrução do público. Apesar de ter falecido pouco depois da construção do último dos *Magnificent Seven*, a sua influência disseminou-se pelo Reino Unido sob a forma de publicações e artigos de opinião, e materializou-se na construção destes cemitérios e de outras formas de planeamento paisagístico suburbano (Joyce, 1994, p. 34).

Loudon teve gosto em adquirir um lote em Kensal Green, situado nos *boroughs* de Brent e Kensington and Chelsea - o primeiro dos sete e o primeiro a ser apelidado de “Père-Lachaise inglês” - onde fora sepultado depois da sua morte. Kensal Green foi projectado pelo arquitecto John Griffith e pelo paisagista e botânico Richard Forrest (Rutherford, 2008, p. 13). As suas construções exibiam arcarias neoclássicas e incluíam um columbário, uma capela anglicana e outra não-conformista (Rutherford, 2008, pp. 21-22), e o seu recinto, contido por um muro, era regado de ondulantes percursos que propiciavam o passeio e a contemplação, sendo novidade num cemitério em Londres (Rutherford, 2008, p. 17). A construção de duas capelas instituiu uma separação entre as práticas funerárias anglicanas e as de outras religiões, mas o facto de

se encontrarem no mesmo cemitério já consistia num primeiro passo para uma harmonia de denominações religiosas que partilhavam o mesmo campo de enterramentos.

1.5.2_ O Liberalismo em Portugal e o Cemitério dos Prazeres

Em Portugal, o processo de instauração do Liberalismo ao longo da década de 1820 foi essencial para o acolhimento dos ideais higienistas que emergiram com o Iluminismo e, conseqüentemente, para uma posterior legislação dos espaços destinados aos mortos. O Absolutismo, encabeçado por D. Miguel, alinhava-se com os valores do catolicismo e propiciava ao clero controlo sobre estes espaços. Até aqui, existia uma resistência às propostas de lei quanto a assuntos de saúde e higiene, por serem incompatíveis com ideologias religiosas, ao passo de que o novo regime reconhecia a importância do papel da ciência para a saúde pública e promovia tais leis (Catroga, 1999, p. 49).

“Com a Revolução Liberal [...] o discurso público tornou-se menos constrangido, podendo os defensores da argumentação sanitária – que de uma forma geral eram adeptos do Liberalismo – ganhar uma visibilidade até aí muito condicionada pela atitude repressiva do poder absolutista” (Oliveira, 2007, p. 230).

A instauração definitiva do regime Liberal no início da década de 1830, que possibilitara o retorno de exilados que traziam consigo ideais secularizadores (Oliveira, 2007, p. 231), a par das influências trazidas pelas anteriores campanhas napoleónicas, foi o factor-chave que possibilitou a promulgação de legislações cemiteriais em Portugal, começando pela extradição dos espaços de enterramento para fora dos centros urbanos. Assim, “o liberalismo português [...] avança com a progressiva implantação de cemitérios públicos” (Sousa, 1994, p. 311). Em 21 de Setembro de 1835, o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães, decretou a lei que concerne à criação destes equipamentos por todo o país, cujo primeiro artigo demanda “que em todas as povoações fossem estabelecidos cemitérios públicos para que neles se enterrassem os mortos” (André, 2006, p. 74).

DECRETO.

Tomando em Consideração o Relatório do Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino: Hei por bem Decretar o seguinte:

Artigo 1.º Em todas as Povoações serão estabelecidos Cemiterios Publicos para nelles se enterrarem os mortos.

Art. 2.º Os terrenos destinados para este effeito deverão ter a extensão sufficiente, a fim de que a sepultura em que fôr depositado um cadaver, não venha outra vez a ser aberta senão depois de passados 5 annos.

Art. 3.º Os Cemiterios deverão ser situados fóra dos limites das Povoações, e com a exposição mais conveniente á salubridade dellas. Nas Freguezias ruraes as distancias dos Cemiterios podem variar segundo as circumstancias particulares.

Art. 4.º Os Cemiterios deverão ser resguardados por um muro de não menos de dez palmos de altura, construido com a precisa solidez.

Art. 5.º Cada corpo deverá ser enterrado em cóva separada, a qual terá pelo menos cinco palmos de profundidade, e será separada das outras cóvas por um espaço de palmo e meio por todos os lados.

Art. 6.º As Camaras Municipaes designarão os terrenos nas requeridas circumstancias para nelles se estabelecerem os Cemiterios, e indicarão igualmente o numero destes que convirá estabelecer em cada Concelho. Trinta dias, depois da publicação do presente Decreto, se achará feita a designação, e os terrenos cercados de uma sebe, quando senão possa ter feito o muro; mas findos tres mezes, a começar do mesmo tempo, os Cemiterios estarão infallivelmente murados.

Art. 7.º Os Cemiterios ora existentes, deverão ser removidos para sitio conveniente, se, por exame da localidade, ou por experiencia se conhecer, que a sua conservação se torna causa de insalubridade. O Ordinario logo que seja designado o Cemiterio, mandará proceder ás cerimoniaes religiosas do costume.

Pela data da publicação deste decreto, Lisboa já possuía dois cemitérios públicos em vias de desenvolvimento: o cemitério dos Prazeres a ocidente e o do Alto de S. João a oriente, ambos inaugurados em 1833 (André, 2006, p. 83). A súbita tragédia provocada pelo terramoto de 1755 já arrasara parte significativa da cidade, resultando num número de mortes que exigira o desenvolvimento de novos espaços de enterramento em alternativa às igrejas e adros sobrelotados. No início de Oitocentos, a população sofreu um novo abalo que, uma vez mais, disparou o número de óbitos devido ao surto de *cholera morbus*, formalizando de vez a necessidade de planear cemitérios públicos para a capital como se fizera em Paris. As providências tomadas para a criação destes dois espaços, publicadas na *Gazeta Official do Governo* nº35, de 9 de Agosto de 1834 e citadas por Paula André (2006, p. 85), descreviam o carácter dignificatório que se lhes pretendia dar enquanto equipamentos públicos, laicos e independentes:

“Dar-se-á a cada um dos ditos cemitérios forma regular, e acomodada ao seu destino, com pórtico fechado, e inscrição, que declare a natureza do estabelecimento, ao lado da cidade a que pertence, e o ano da sua fundação. Haverá mais uma decente ermida, e casas próprias para habitação dos empregados; o terreno de dentro dos muros dos cemitérios será repartido em três divisões, que em tempo oportuno se adornarão de árvores: primeiro terreno para se abrirem valas para os enterramentos gerais; segunda para sepulturas rasas, nas quais será unicamente permitido colocar um rótulo designando o número da sepultura; terceiro terreno para se levantarem mausoléus, ou colocar lápides com inscrições.”

Em 1838, o arquitecto José da Costa Cerqueira (1800-1872) ficou encarregue do projecto para a melhoria do cemitério público sito na Quinta dos Prazeres, local já utilizado no século XVI como campo de inumações de vítimas de peste (André, 2006, p. 85). Para tal, a Câmara de Lisboa pediu a Paris o projecto e o regulamento interno do Cemitério de Père-Lachaise (André, 2006, p. 86): uma intenção notável para o desenvolvimento arquitectónico e paisagístico do cemitério dos Prazeres, que confirma o pioneiro parisiense como um modelo a seguir da forma mais literal possível. Ao arquitecto foi pedido que, como no caso francês, fossem criadas vias ladeadas por árvores e monumentos (André, 2006, p. 86).



Figura 24. Vista aérea do Cemitério dos Prazeres, destacando a área correspondente à sua implantação inicial.



Figura 25. Vista aérea sobre a actual Baixa Pombalina.

A planta do recinto era pentagonal, de limites rectos e centro marcado por um largo onde se construiria uma nova capela, em alternativa à ermida pré-existente (André, 2006, p. 86). A entrada, situada a Norte, lançava a via principal que funcionava como eixo de simetria prolongado até ao extremo oposto, interceptado no centro por uma via perpendicular. Este vazio intencionalmente cruciforme, ainda que inserido num pentágono, inevitavelmente daria lugar a loteamentos reticulados nos anos subsequentes. Encontramos esta tendência para a ortogonalidade e rectícula presente no modelo de cemitério monumental, mas não só. Em 1842, o desenvolvimento do cemitério dos Prazeres é criticado na imprensa pela sua aparente aridez e vegetação insuficiente, pelo alinhamento rigoroso dos túmulos e monumentos funerários, e pela rigidez simétrica no seu ordenamento interno, sendo ironicamente comparado aos arruamentos do “pautadíssimo marquez de Pombal, transferidos da cidade viva, contrafeita e forçada, para a cidade defunta libérrima e igualíssima” (como citado em André, 2006, p. 88). Vamos assumir a cidade dos mortos como um reflexo da cidade dos vivos, e tentemos colocar a seguinte possibilidade: poderão a ortogonalidade e simetria constantemente presentes nas plantas dos cemitérios portugueses, de algum modo, reflectir o projecto da Baixa Pombalina? Vejamos que, após a catástrofe de 1755, a resposta para a reconstrução da cidade consistia na malha hipodâmica, diferente do que existira antes do terramoto: encaremos este processo como uma ressurreição de uma parcela destroçada da cidade em luto, transformada num impecável plano reticulado corrector dos traumas do passado. E pensemos no cemitério como um campo onde é propositadamente concentrado o luto e a dor e, da mesma forma — mesmo com os desenhos do Père-Lachaise nas mãos e com a intenção de aprender com o seu modelo — a resposta portuguesa, menos de um século mais tarde, para uma nova emergência urbana relacionada com múltiplos óbitos e perdas, passa por fazer cidade através do rigor geométrico dos alinhamentos e lotes quadrilaterais, qual herança da Baixa Pombalina. E essa resposta foi dada aqui, nos Prazeres, um dos cemitérios portugueses pioneiros da época.

Ao caminharmos pelas ruas, praças e travessas desta última morada da população lisboeta, reparamos como é notória a presença do jazigo-capela entre os monumentos funerários, construção de eleição por parte das famílias mais abastadas (André, 2006, p. 101) e geralmente de aspecto fiel às tendências revivalistas da arquitectura da época. Já o de tipo neoclássico seguia um modelo semelhante ao concebido, em 1829, por Etienne-Hyppolyte Godde, “que se enquadrava na linha que o mesmo arquitecto tinha adoptado, em 1823, para a capela do cemitério Père-Lachaise” (André, 2006, p. 101), e o neogótico buscava influências a

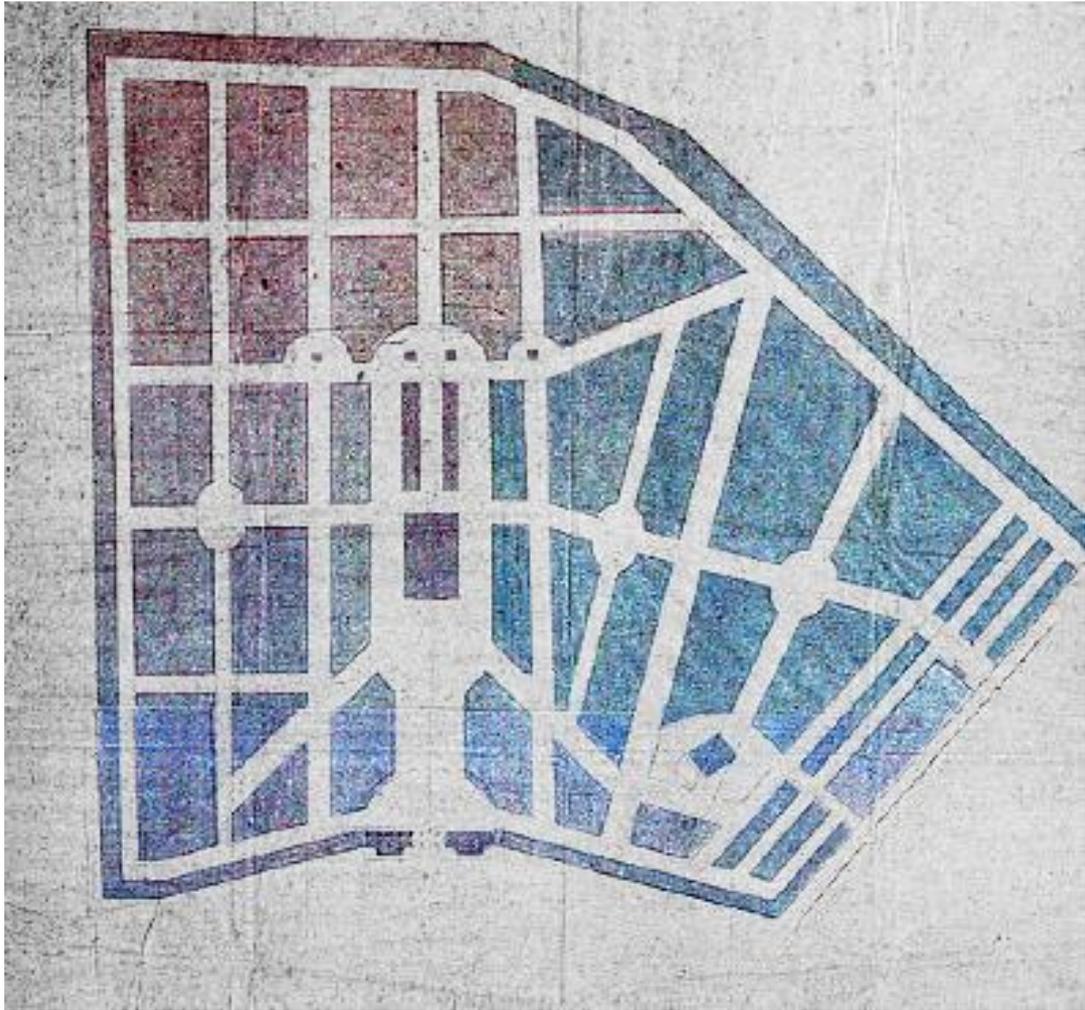


Figura 26. Projecto de expansão de 1860 do Cemitério dos Prazeres.

construções como “o jazigo concebido por Alexandre-Théodore Brongniart para o banqueiro Greffulhe, erguido em 1815 no cemitério Père-Lachaise” (André, 2006, p. 101).

Ao longo deste século, o cemitério dos Prazeres foi alvo de obras de reordenamento e expansões (André, 2006, pp. 95-99), sendo a mais notável a que se deu no início da década de 1860, por alterar completamente a sua configuração inicial. Desta vez, o recinto avançara em larga escala para sul, com um plano cuja malha era completamente ortogonal; os limites da zona de expansão acompanhavam a topografia, diluindo o formato inicial do núcleo pentagonal; o conjunto da entrada principal foi construído a nascente, correspondendo ao que se encontra nos dias de hoje; uma capela, axial à nova entrada, foi também projectada e construída. É possível, contudo, que estas obras subsequentes tenham alterado as intenções do projecto de Costa Cerqueira presentes no desenho do pentágono que pouco tinha a ver com a topografia do local. Fernando Catroga (1999, p. 91) indica-nos o porquê da escolha deste formato peculiar que, por força da necessidade, se submeteu à configuração tendencialmente hierarquizante que podemos encontrar hoje:

“Mas os projectos primitivos sofreram alargamentos e diferenciações (sociais). Por exemplo, a planta do primeiro núcleo do cemitério dos Prazeres teria uma forma pentagonal, o que, em termos simbólicos, denotava a intenção da necrópole como a projecção de um microcosmos onde as desigualdades se anulariam com a redução a uma matriz comum – o cemitério como local de igualização e, sobretudo, de reunião, num destino material e num habitat comum, daqueles que em vida não eram iguais.”

O pentágono e o número 5 encontram-se associados, simbolicamente, a uma união entre várias partes que convergem no mesmo ponto – algo literalmente demonstrado na sua geometria. A partir da citação anterior, podemos concordar que o arquitecto tencionara criar um campo de igualdade social entre aqueles que não eram iguais em vida. Poderia ele transmitir a mesma intenção ao projetar um recinto quadrado ou retangular, figuras estas que viabilizam uma hierarquia de espaços e, portanto, de classes sociais? Talvez não tão eficazmente. Servirá esta especulação, mais adiante, para nos ajudar a compreender a escolha da forma peculiar do núcleo inicial do cemitério da Conchada.



Figura 27. Entrada actual do Cemitério dos Prazeres.

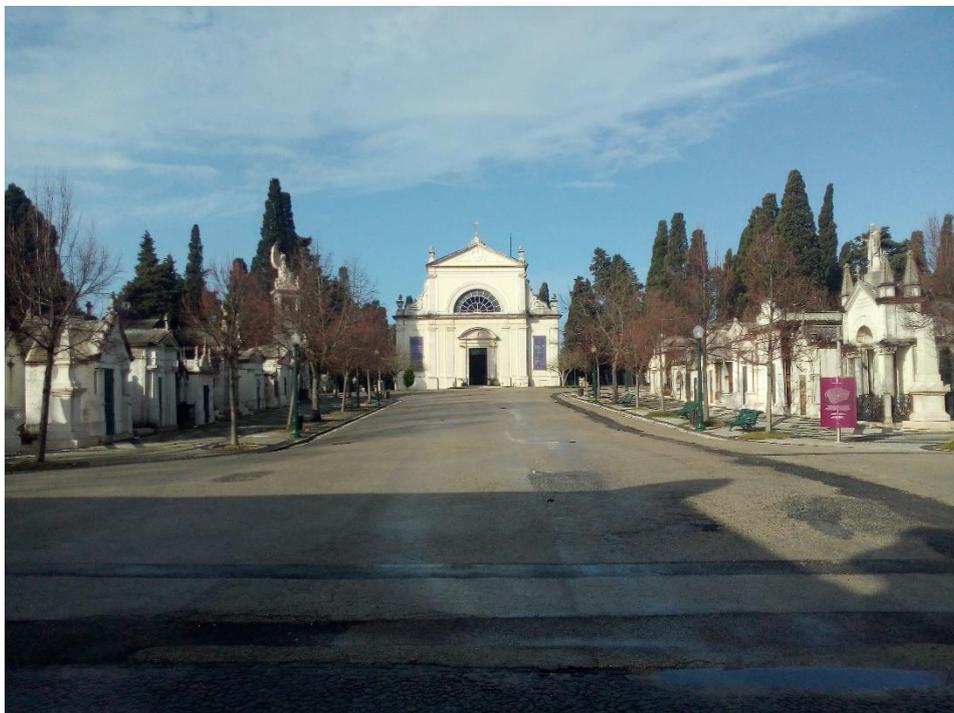


Figura 28. Via principal a eixo com a entrada e a capela.

Apesar dos esforços de Lisboa para responder à crise sanitária atempadamente, o decreto-lei de 1835 levou anos a ser posto em prática no resto do país, em grande medida devido à resistência das zonas rurais e mais conservadoras e, portanto, mais religiosas. António Bernardo da Costa Cabral tê-lo-á reforçado através da Lei da Saúde Pública em 1844 (Oliveira, 2007, p. 239), que não só obrigava à construção de cemitérios públicos e enterro nos mesmos, como sancionaria quem desobedecesse. Esta lei foi geralmente mal recebida no Norte do país e foi um dos factores que levou à chamada *Revolta da Maria da Fonte* (Oliveira, 2007, pp. 239-240). A esta revolta popular estava associado um conflito entre os valores emergentes da saúde pública, da higiene e da organização do espaço urbano típicos da facção liberal, e os valores da tradição e do culto religioso por parte dos apoiantes do Antigo Regime. O discurso higienista era aceite mais abertamente na capital e entre a população burguesa e cosmopolita, mas mais contestado no Norte onde predominava a população rural e mais conservadora (Queiroz, 2009), para quem “o discurso higienista não tinha qualquer espécie de significado” (Oliveira, 2007, p. 239) perante uma comunidade que durante séculos interiorizou uma visão específica sobre o além e eventos após a morte (Oliveira, 2007, p. 240).

Numa tentativa de responder à necessidade de se regulamentarem medidas de saúde pública e de apaziguar os ânimos gerados pelo povo no que toca ao espaço da morte, foi necessário chegar a um compromisso entre o que era considerado sagrado e profano, a propósito dos enterramentos no século XIX (Sousa, 1994, p. 313). Concordou-se em acrescentar a alguns cemitérios pretensamente laicos, como foi o caso de Agramonte no Porto (i. 1855), capelas de adoração, secções privativas para irmandades e confrarias com as próprias capelas, e bênçãos pelos sacerdotes da igreja católica aquando da sua inauguração (Sousa, 1994, pp. 312-313). Desta forma, o povo assegurar-se-ia de que a sua última morada permanecia em local sagrado, e as suas tradições protegidas da rigidez das políticas higienistas. No meio de tudo isto, apesar dos cadáveres irem gradualmente deixando de ocupar o espaço de culto, a igreja dificilmente iria abandonar por completo o espaço de sepultamento, pelo que podemos dizer que, em Portugal, “ao invés de falarmos de uma dessacralização da morte, melhor seria falarmos numa sua desclericalização” (Sousa, 1994, p. 311).

Sumariamente, estamos perante duas nações onde a criação e desenvolvimento de cemitérios de utilização pública se deram em contextos distintos. Apesar de ser uma medida urgente para ambas, Londres atingira, sem dúvida, condições de higiene pública mais graves. Em termos legislativos, o processo de criação dos cemitérios na Inglaterra aparenta ter sido mais célere,

dado o factor adicional da administração privada e dos interesses económicos dos empreendedores. Em Portugal, visava-se seguir de perto os modelos de gestão parisiense que, a par com questões políticas associadas ao novo regime, resultou em gestões públicas: os cemitérios eram, e ainda são, geridos pelas respectivas Câmaras Municipais. No que toca à aceitação da medida pela população, o que põe em causa questões religiosas, ambos os países encontravam-se ainda bastante embebidos na inércia dos costumes e tradições, embora Londres estivesse numa situação tão grave que os seus habitantes ansiavam por medidas de higienização o quanto antes. Já em Portugal, que vivia um ambiente de confrontos políticos, tendeu-se a politizar a medida de criação de cemitérios e a posicionar frente-a-frente os valores da ciência e os da religião no que concernia aos enterramentos. No que diz respeito ao planeamento dos cemitérios, houve a necessidade de colocar um arquitecto à frente dos projectos tanto do Cemitério dos Prazeres como de Kensal Green. No caso britânico, devido à sua natureza de cemitério ajardinado, incluía-se um segundo agente de liderança do projecto para a vertente paisagística – modelo de agência que se viria a repetir no planeamento dos restantes cemitérios londrinos, incluindo o caso em estudo de Abney Park. Para o Cemitério da Conchada, contudo, não houve o envolvimento de um arquitecto na sua concepção. Parcialmente devido à ausência deste tipo de agente, não foi possível desenvolver com precisão as intenções de projecto que o precedem sem envolver especulações relacionadas com o Cemitério dos Prazeres. Portanto este, tendo sido referência para o de Coimbra em vários aspectos, mostrou-se relevante para este estudo de modo a endossar a análise realizada ao Cemitério da Conchada no capítulo seguinte.

2_ Casos em estudo

Como é que duas soluções para o mesmo problema podem ser tão distintas? Qual é o papel da Arquitectura na forma como se manifestam?

O subcapítulo dedicado a cada um dos casos tem início na experiência de visitante a estes espaços nos dias de hoje, partindo em direcção a contextualizações históricas e descrições de processos projectuais como uma forma de responder às questões que iam surgindo durante as visitas.

Seguidamente, Abney Park e Conchada são colocados frente a frente em paralelismos no que diz respeito às suas relações urbanas e arquitectónicas, aos respectivos ambientes e diferenças sócio-culturais, e ao papel da Arquitectura como meio de representação dos indivíduos na cidade dos mortos.



Figura 29. Vista aérea sobre o Cemitério de Abney Park.

2.1_ O arboreto de Abney Park

“Surrounded, then, as it is by multitudes upon multitudes of the living, daily and almost hourly parting with some of their number, who have out-distanced them in life’s uncertain journey – Abney Park, in itself beautiful and interesting, and in every aspect appropriate to the purpose, has been religiously dedicated as a lasting and peaceful resting-place for the dead.” (Collison, 1840, p. 201).

No lado poente da enérgica Stoke Newington High Street, interrompendo a massa edificada que acompanha o passeio, estende-se o amplo recinto de entrada do cemitério de Abney Park. Entre a urbanidade e agitação da rua principal que atravessa Hackney de norte a sul, no meio da azáfama do comércio, do ruído dos automóveis, transportes públicos e transeuntes de passo rápido, o portal da necrópole goza de um espaço de desafogo digno de uma parcela alheia às inércias do quotidiano, consolidada ainda antes da respectiva cidade dos vivos.

O conjunto que compõe a cerimoniosa entrada é constituído por quatro pilares egípcios quadrangulares, de capitéis ornamentados com flores de lótus, cujo simbolismo se encontra ligado à ressurreição. A estética egípcia presente nesta arquitectura remete à estreita ligação que, no Antigo Egipto, era cultivada para com a morte e a crença de que a passagem pela vida é apenas uma peça num grande panorama, pelo que se materializa de imediato no portal e nos dois pilones que o ladeiam e o inserem entre o restante edificado. Reparei, naquele momento, que a escolha deste estilo arquitectónico para a entrada, ao invés de um revivalismo gótico típico do saudosismo cristão, poderia ser uma indicação da dissidência religiosa que este cemitério tão abertamente declarava.

Contudo, o ambiente é amigável e convidativo, como uma extensão física da restante cidade que se transforma ao mergulhar num parque. Enquanto transpomos a entrada e caminhamos a larga recta pavimentada em pedra que nos leva à bifurcação onde começa o ondulante labirinto arborizado, somos engolfados por um mundo à parte onde os ruídos urbanos são substituídos pelo sussurrar do vento entre as copas das árvores, o chilrear e crocitar de aves de diversas espécies, e o estalar de galhos e folhas sob os nossos pés. Entretanto, o piso deixa de ser aquela pedra formalmente agregada e, de repente, é em terra batida; o percurso deixa de ser contínuo e recto, dividindo-se em dois, que por sua vez se dividirão em múltiplos e se reencontrarão algures; à paisagem arborizada são acrescentadas esculturas funerárias encimando túmulos,



Figura 30. Pilares da entrada de Abney Park.



Figura 31. Conjunto total da entrada.

umas intactas, outras partidas, outras derrubadas. A natureza tem vindo a apoderar-se desordeiramente dos monumentos funerários, danificando-os ou ocultando-os, o que caracteriza em larga medida os cemitérios oitocentistas britânicos nos dias de hoje. Para trás, fica a cidade barulhenta para lá dos portões, como se a outra dimensão pertencesse.

A arborização densa é a característica mais óbvia em Abney Park, não tivesse este sido intencionalmente projectado para ser também um arboreto (Abney Park Trust, n.d.). Mesmo sob o acinzentado céu de Fevereiro, o verde da vegetação perene predomina e floresce com vivacidade. Sob a hera abundante, resistem os túmulos e a sua estatuária, ora repetitiva, ora única e inédita. O simbolismo funerário é constantemente representado, e os tipos de sepultura variam. A forma e inscrições de cada túmulo contam-nos histórias sobre os indivíduos que sob estes residem, seja através de gravura ou escultura, seja através dos escritos na pedra. Ao passarmos da análise em pormenor para o grande plano, em que temos em conta os vários conjuntos de sepulturas e a própria arquitectura e paisagem do cemitério, aspectos sobre a sociedade e as propensões de um determinado intervalo de tempo desdobram-se perante nós. Tudo isto representado em pedra, materializado em túmulos em níveis de degradação que variam entre o recentemente recuperado e o profundamente decrépito, e onde predominam os que se encontram num estado de conservação resultante de abandono.

Através da percepção (e de forma generalizada, portanto) é possível agrupar tipologicamente os túmulos tendo em conta a sua escala e localização. Ladeando os percursos mais abertos encontram-se, tendencialmente, os túmulos mais escultóricos. Comparativamente aos que se podem encontrar nos cemitérios do Sul da Europa, ou até mesmo nos de Norwood e Highgate, por exemplo, são modestos em dimensões e detalhe. Mas esta moderação faz parte da expressão identitária de Abney Park, tão dissidente e socialmente neutra quanto os seus utilizadores o tornaram. Encontramos plintos massivos de gosto egípcio e obeliscos, blocos encimados por anjos, cruces e, um dos símbolos mais frequentes, urnas drapejadas. Não menos frequentemente, encontramos obeliscos truncados sem estátuas detalhadas no topo, com apenas uma pequena cobertura de arestas. Em segundo plano, e em percursos mais sinuosos e recônditos do cemitério, acumulam-se inúmeras placas em pedra, rectas ou com arcos de meia-volta, abatidos e apontados, que possuem cerca de 1 metro de altura e uma desproporção frágil entre esta medida e a espessura, pelo que tendem a sofrer mais danos que os restantes túmulos. Uma grande quantidade destas placas bidimensionais encontra-se coberta de musgo e oculta pela vegetação e pelos monumentos de maior escala, fazendo parte das sepulturas mais antigas. Chego a esta conclusão pela ausência da inscrição das datas de falecimento, pelo estado de



Figura 32. Lance da entrada em direcção ao cemitério.



Figura 33. Um entre vários percursos.

conservação, pela sua posição no espaço, e pelo tipo de túmulo de que se trata, pois estas placas eram uma opção comum desde meados do século XIX até ao início do século XX (Francaviglia, 1971, p. 504). A placa gótica, em particular, era alusiva à arquitectura eclesiástica (Francaviglia, 1971, p. 503) e estabelecia, portanto, um sinal de que se tratava da sepultura de um cristão. Por fim, versões mais pequenas destas placas, até cerca de 50 cm de altura, encontram lugar um pouco por todo o cemitério. Encontram-se acumuladas ou enfileiradas nas bermas das vias ou, mais concretamente, onde houvesse espaço para enterrar mais alguém. Percebemos que variam em épocas tendo em conta as datas e o estado de conservação. Mais do que uma placa pode estar a marcar a mesma cova, e muitas delas encontram-se em locais onde provavelmente não seria suposto marcar um lote. Após inspecção de plantas de loteamento e registos nos Hackney Archives, percebi que o grosso das sepulturas varia em alinhamentos e tenta acompanhar a morfologia dos percursos, mas grande parte delas encontra-se enviesada ou transversal em relação aos lotes mais ordenados, como se tentando preencher o máximo de espaço livre possível, reflectindo-se na acumulação de sepulturas e profunda irregularidade de alinhamentos que encontramos hoje.

Ao caminharmos pelo cemitério, apesar da sensação de transvio causada pelos caminhos aparentemente dévios, somos sistematicamente levados a pontos de referência como o centro de toda a composição, onde se encontra a capela. O percurso revela-se, afinal, surpreendentemente intuitivo, convida-nos a perdermo-nos, mas encontra-se pontuado de acontecimentos tão inconfundíveis que nos devolve o sentido de orientação. É didático e interessante pela forma como está desenhado e é, simultaneamente, uma experiência relaxante pelo contacto próximo com a natureza.

Entre os devaneios empíricos, teóricos e históricos que nos ocorrem quando estamos a explorar um determinado local, surgem questões. O que terá levado à concepção deste maravilhoso espaço? Deste cemitério tornado parque onde me acomodo em contemplação enquanto tomo o pequeno-almoço tranquilamente, coisa que jamais me passara pela cabeça fazer num cemitério português. Onde a morte repousa sob os túmulos quase esquecidos, e onde pulsa a vida num ecossistema riquíssimo. O que o distingue daquilo que sempre conheci e com que cresci, para além do que é óbvio e perceptível? Como é que os agentes envolvidos no seu planeamento fizeram cidade neste recinto, actualmente em convivência directa com a cidade dos vivos? E como terão as dinâmicas socioculturais da época tomado forma aqui, tendo em conta a disposição dos lotes no espaço, e as opções estilísticas dos objectos arquitectónicos? Recuemos no tempo.



Figura 34. Variedade de lápides e de monumentos funerários.

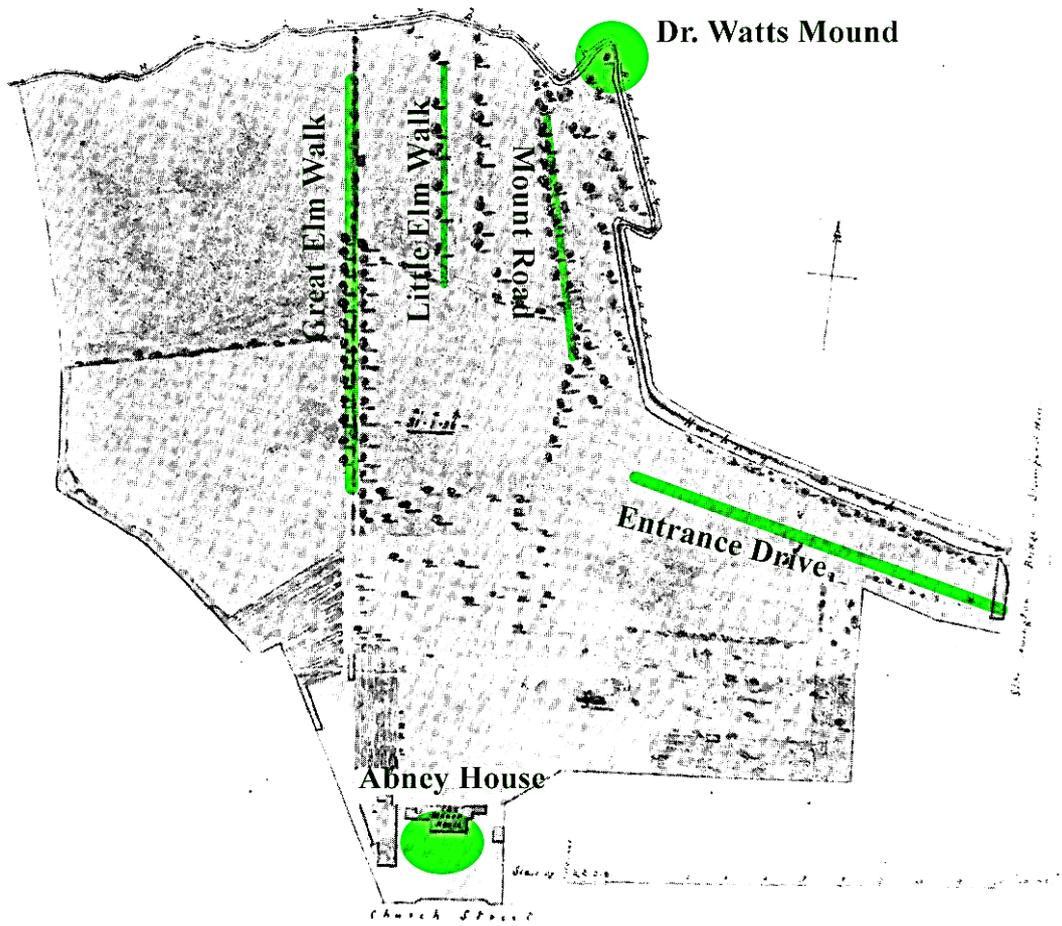


Figura 35. Propriedade Abney-Fleetwood aquando da sua aquisição.

Em 1839, nove accionistas formaram uma sociedade privada que iria conceber o próximo cemitério geral para a cidade de Londres e para os seus subúrbios a nordeste, e adquiriram as propriedades conjuntas de Abney e Fleetwood localizadas em Stoke Newington, através de leilão em hasta pública (Joyce, 1994, p. 37). Os processos burocráticos foram relativamente rápidos, pois cedo se colocariam em prática as medidas necessárias para realizar o planeamento e o projecto. A maioria dos sócios desta companhia optou por manter o anonimato, o que não foi o caso de George Collison, que se encarregara de funções de secretariado e de divulgação do novo equipamento cemiterial (Joyce, 1994, p. 35). Tendo estado anos antes em visita a Mount Auburn (Collison, 1840, pp. 111-115), o co-fundador terá projectado as suas visões desta necrópole americana em Abney Park, aproximando-o mais do modelo cemiterial paisagista do que do modelo Beaux-Arts que os seus irmãos Kensal Green e Highgate anglicizaram.

A propriedade Setecentista de Abney-Fleetwood ocupava um total de 31 acres (cerca de 125000 m²) e era delimitada, de grosso modo, pela *Stoke Newington High Street* a leste, *Stoke Newington Church Street* a sul, *Bouverie Road* a oeste, e o *Hackney Brook* a norte, um ribeiro que foi perdendo expressão e substancialidade na década de 1830 até se tornar uma linha de água subterrânea (Talling, n.d.). A sul, junto à *Church Street*, situava-se a mansão Abney. Embora em território suburbano londrino e afastado do superpovoado e putrescente centro de Londres, a vila de Stoke Newington encontrava-se em desenvolvimento residencial e comercial desde o século anterior. Esta dualidade foi uma das razões que levou à escolha deste terreno para a instalação do cemitério:

“Abney Park is, therefore, so situated as to comprise the advantages of that seclusion and retirement, which are now happily recognized as almost necessary qualifications for places of burial; and at the same time is accessible to a dense and increasing population.” (Collison, 1840, p. 198).

Outro motivo foi a distância em relação aos restantes cemitérios já construídos, nomeadamente Kensal Green, Norwood e Highgate, localizados respectivamente a noroeste, norte e sul de Londres. E aos quais as altas classes sociais atribuíam favoritismo, se observarmos a quantidade e riqueza da estatuária e monumentos que lá encontramos hoje. Sem ainda haver um cemitério a nascente, onde existiam zonas económica e socialmente problemáticas que careciam de espaços dignos para a disposição dos cadáveres como era o caso do *borough* de

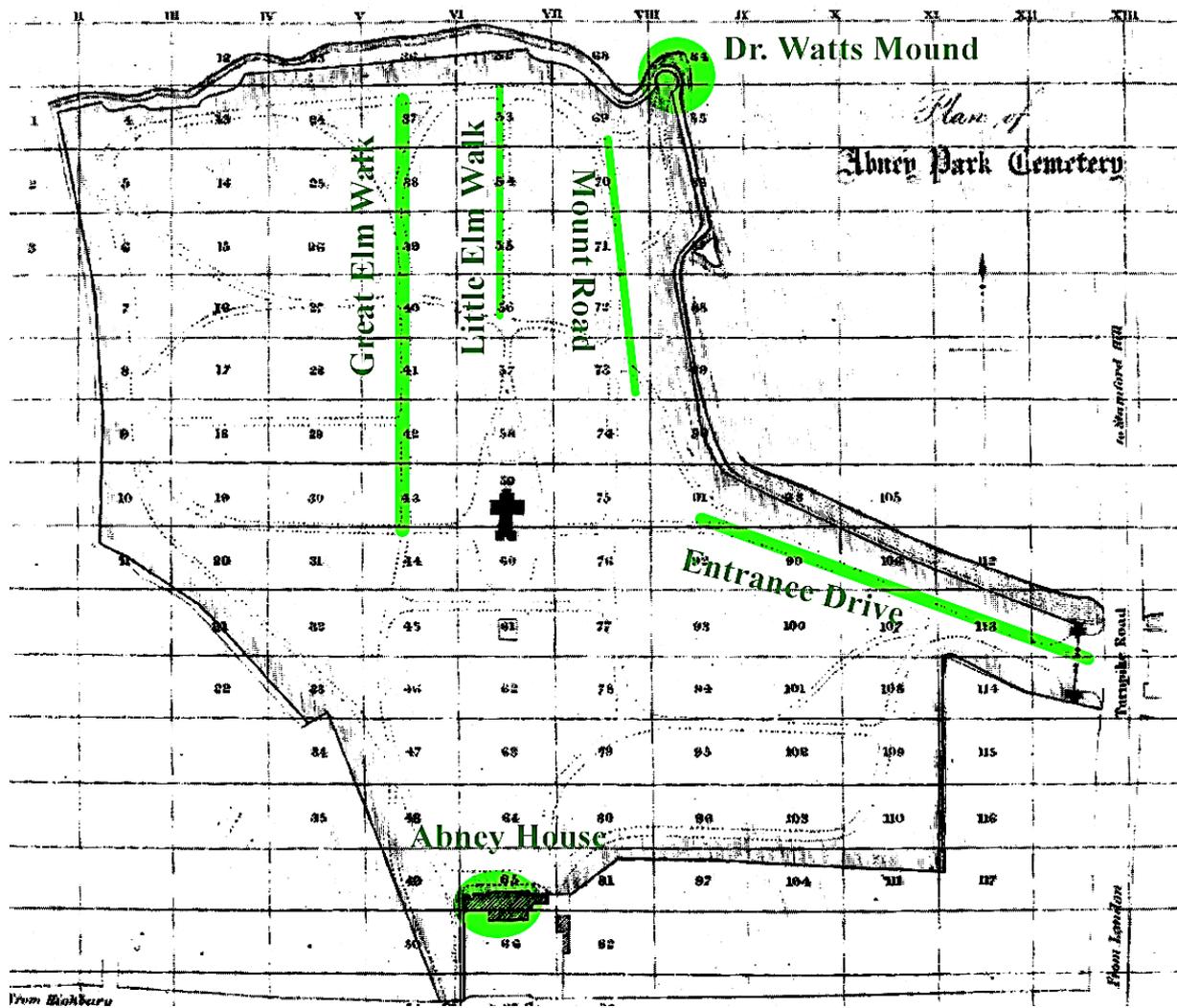


Figura 36. Proyecto de Hosking.

Tower Hamlets, bem como áreas em vias de crescimento económico como o de Hackney, entre outros, Collison e os seus sócios encontraram em Stoke Newington uma oportunidade sem concorrência, e sem interferir nos negócios das outras companhias (Collison, 1840, p. 199).

Adicionalmente, a região era em grande parte povoada por não-conformistas e dissidentes, o que iria de encontro aos princípios e objectivos estipulados pela companhia: criar um cemitério geral que não discriminasse com base em religião, e aberto a todas as denominações religiosas e classes sociais (Joyce, 1994, p. 37).

“Abney Park Cemetery was founded in 1840 for Nonconformists who had settled in the area in the seventeenth and eighteenth centuries.” (Francis, Kellaher, & Neophytou, The Secret Cemetery, 2005, p. 13)

Entre os *Magnificent Seven*, Abney difere dos restantes na forma como fora burocraticamente constituído, no sentido em que não fora passado um *Act of Parliament* que impusesse o pagamento de taxas às paróquias de onde os defuntos eram originários - uma forma de compensar pelas receitas perdidas resultantes dos antigos métodos de sepultamento *ad sanctos*. Tal acordo traria um prejuízo desnecessário a Abney já que de modo nenhum isto afectaria a legalidade ou a estabilidade da instituição (Joyce, 1994, p. 39). Pelo mesmo motivo, e porque seria considerado um processo medieval antiquado e desadequado, não iria haver consagração do recinto, uma vez que este acto impediria a entrada dos dissidentes e não-conformistas que este cemitério visava incluir (Joyce, 1994, p. 39). A *Abney Park Cemetery Company* deixaria, assim, os seus valores e intenções claramente registados no seu programa, a par com as intenções de projecto, que seriam o próximo grande passo.

O planeamento do cemitério de Stoke Newington iria, *a priori*, encarar dois desafios maiores: o destino a dar à mansão de Abney, então desabitada, e a coexistência com as características do terreno, nomeadamente a vegetação pré-existente, as condições do solo e o ribeiro *Hackney Brook*. Assim sendo, a casa passaria a albergar a *Wesleyan Theological Institution* durante alguns anos (Joyce, 1994, p. 39), resolvendo a questão da sua ocupação. A linha de água, situada a norte da propriedade, intuitivamente fixou o limite do recinto do cemitério e, quanto à vegetação, tencionava-se manter parte dela. Contudo, o terreno era húmido e algo plano, tornando necessária a instalação de poços e canais de drenagem, o que por sua vez condicionaria o desenho das vias e do loteamento. A criação deste novo cemitério exigiria, então, uma interdisciplinaridade entre as áreas de arquitectura, engenharia e botânica. Para este

projecto foram requeridos os serviços do arquitecto William Hosking e do botânico George Loddiges.

William Hosking (1800-1861) era professor de arquitectura no Colégio do Rei em Londres (Joyce, 1994, p. 40), e já tinha participado em projectos de arquitectura e engenharia anteriormente nos subúrbios, nomeadamente um complexo constituído por uma ponte e um aqueduto junto a Kensal Green (Joyce, 1994, p. 41). A requisição dos seus serviços, para além do seu currículo e experiência como arquitecto e engenheiro, devem-se também à relação familiar com um dos nove fundadores de Abney, John Hosking, e ao facto de o próprio William ser um não-conformista convicto (Joyce, 1994, p. 41), o que facilitou as dinâmicas entre arquitecto, cliente e utilizadores, dada a partilha de valores.

Todos os arranjos arquitectónicos, sistemas de drenagem, desenho de percursos – em suma, todas as decisões relacionadas com o planeamento do cemitério, à excepção do esquema de plantio – cabiam a Hosking (Joyce, 1994, pp. 40-49). Desta feita, optou por começar com o poço de drenagem a sul da propriedade e com a distribuição dos respectivos canais, de forma a absorver a água existente próxima da superfície, incluindo a linha de água a norte. A cerca do terreno, por sua vez, foi delineada em torno deste o mais frugalmente possível, mantendo a irregularidade da sua forma original de modo a aproveitar todo o território disponível. Foi construída em alvenaria de tijolo com uma altura de 3 metros a contar da cota mais baixa e possibilitou o reaproveitamento de parte do muro da propriedade a sul, junto à mansão, e abria a norte dando lugar a um gradeamento, usufruindo da vista campestre das propriedades vizinhas (Joyce, 1994, p. 40).

Terminada a parte infra-estrutural necessária para o desenvolvimento do resto do projecto, Hosking projectou o desenho das vias. Havia um número de factores a ter em conta: era essencial providenciar o máximo de frentes possível aquando da marcação do loteamento das sepulturas, não só em prol dos valores de igualdade social que os fundadores tencionavam defender, como também a fim de possibilitar aos utilizadores o acesso a cada um dos lotes e de favorecer os rendimentos da companhia; era necessário fazer os percursos coexistir com os canais de drenagem indispensáveis ao funcionamento do cemitério, bem como com parte significativa da vegetação existente que se tencionava manter no projecto paisagista, uma vez que Abney Park pretendia ser um cemitério-jardim, pelo que era desejado conferir uma paisagem arcádica e pitoresca como em Mount Auburn. Comparando a planta da propriedade antes da intervenção e a do projecto, percebemos que Hosking procedeu à preservação de eixos

tais como: um caminho recto ladeado por elmos que se estendia pelo recinto de norte a sul, designado *Great Elm Walk*; um eixo paralelo a este que atravessaria o centro do terreno, onde iria ser erguida a capela, e a mansão a sul; outro também paralelo a estes, que conduzia a uma pequena elevação do terreno no extremo nordeste do recinto, designada *Dr. Watts Mound*; e quatro caminhos perpendiculares a estes três eixos maiores, um a norte próximo de outra plantação de elmos, um que atravessava a antiga propriedade Abney a oeste, um imediatamente a sul do local destinado à capela, e outro junto à mansão. Foi também delineado um percurso contínuo que acompanhava toda a cerca do recinto, e lançado um eixo a partir do local destinado à entrada, a nascente, marcando a larga e ampla *Entrance Drive* destinada às carruagens funerárias e a partir da qual iriam ser distribuídos vários percursos. Todos estes contornos foram materializados em vias de aspecto substancial e claro. Os restantes caminhos ondulariam entre elas, cumprindo as necessidades a ter em conta anteriormente mencionadas, bem como o acesso a todas as partes do cemitério. Assim, e por estes motivos, o projecto para os percursos do cemitério apresenta-se aparentemente irregular e assimétrico, mas com um conjunto de propósitos que foram considerados na sua preparação. Ou seja, nada foi disposto de forma intrinsecamente aleatória. Na experiência do utilizador, os percursos são intuitivos e facilmente conduzirão ao centro da necrópole. Pela Primavera de 1840, todos estes trabalhos estavam concluídos.

Em termos de construção de edificado, Abney Park servir-se-ia de três momentos arquitectónicos: o conjunto da entrada, a capela e as catacumbas. São actualmente as únicas obras de Hosking que ainda permanecem intactas (Joyce, 1994, p. 41), e contudo reflectem a versatilidade estética do arquitecto: em época de revivalismos arquitectónicos, e em particular durante o despertar do gótico que se tornara convencional na arquitectura cemiterial e eclesiástica (Joyce, 1994, p. 41), a capela afirma-se de facto neogótica, as catacumbas buscam influências românicas, e o portal da entrada é essencialmente egípcio na sua aparência. Começamos por falar do portal, cujo estilo e composição terá ido buscar referências ao do cemitério de Mount Auburn.

A leste do recinto, no final do braço que pertencia à antiga propriedade Fleetwood, existia um velho edifício habitacional que iria ser demolido para dar lugar ao aparelho de entrada do cemitério e desobstruir o lance que conduziria as carruagens à *porte-cochère* da capela (Joyce, 1994, p. 40). Pretendia-se recorrer à estética egípcia sobretudo pelas suas associações históricas entre a vida e a morte, e porque possibilitaria uma austeridade estrutural da qual Hosking era adepto (Joyce, 1994, p. 42). Adicionalmente, tornar-se-ia um trabalho conveniente dados os

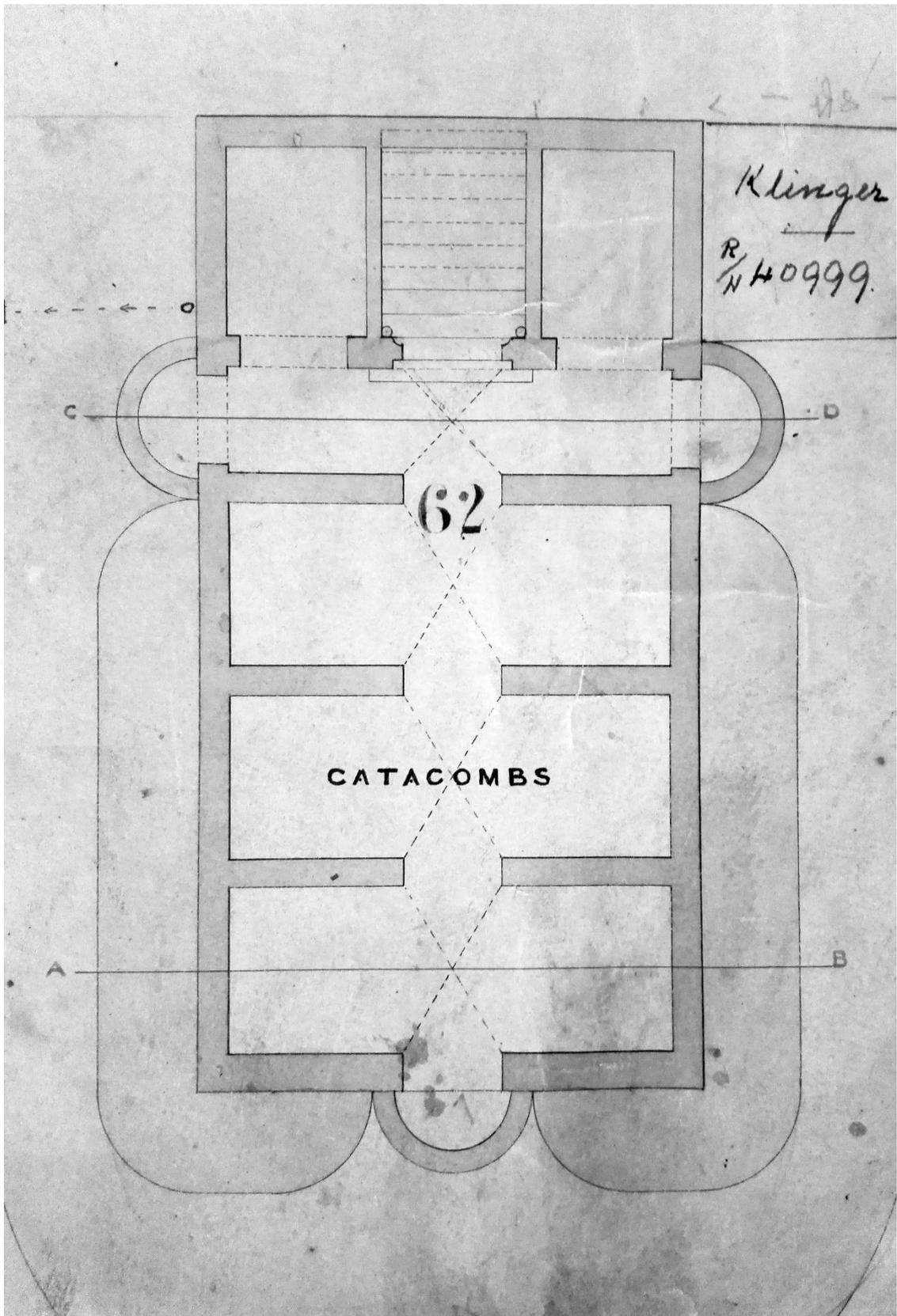


Figura 37. Planta das catacumbas.

conhecimentos e conexões que o arquitecto mantinha com arqueólogos – pelo que Joseph Bonomi Jr. (1796-1878), escultor, curador, egiptólogo e filho de um arquitecto, foi chamado para o aconselhar no desenho da entrada. A composição estender-se-ia por cerca de 36 metros transversalmente ao eixo da entrada, embasada por um plinto em granito ao longo de todo o seu comprimento, e sobre o qual assentariam os quatro imponentes pilares em cantaria com 5 metros de altura e o gradeamento de ferro (Joyce, 1994, p. 42). Bonomi participou activamente no desenho de detalhes como os ornamentos dos capitéis – as flores de lótus, símbolo de ressurreição – bem como os que se encontram nas cornijas dos dois corpos laterais que compreendem a composição: globos alados, símbolos da jornada da alma humana, e um conjunto de hieróglifos que traduzem-se em “*The Gates of the Abode of the Mortal Part of Man*” (Joyce, 1994, p. 42). Estes dois edifícios, alinhados em altura com o resto da composição, invocam a aparência dos pilones que compunham as entradas das cidades do Antigo Egipto, e a sua função era albergar a parte administrativa do cemitério no corpo sul, e uma pequena oficina no corpo norte. Todos os trabalhos em cantaria e ferro foram encomendados a empresas locais, nomeadamente uma companhia do centro de Londres designada *Malcott and Son* para cantarias e alvenarias, e as fundições *Hervey* e a *Company of Thames Foundry* para todo o gradeamento e portões (Joyce, 1994, p. 43).

Hosking tencionava, inicialmente, integrar as catacumbas e a capela numa composição complexa que dividiria a capela a meio com um transepto, o qual seria na verdade uma arcada para a passagem de carruagens funerárias que separaria a capela em duas partes: uma que servisse a igreja anglicana, e outra para não-conformistas. As catacumbas, por sua vez, localizar-se-iam subterraneamente (Joyce, 1994, p. 43). Esta intenção fora rejeitada pelos directores por vários motivos. Em primeiro lugar, o projecto era demasiado ambicioso e dispendioso para o orçamento da companhia. Em segundo, davam preferência a congregar todas e quaisquer denominações religiosas no mesmo local, reforçando os princípios nos quais o cemitério assentava. Por fim, ficaria subentendido um certo elitismo ao integrar as catacumbas no mesmo edifício que a capela, indo contra os seus valores de expressão de igualdade social (Joyce, 1994, pp. 43-44).

Assim, o arquitecto dispôs as catacumbas alguns metros a sul da capela, alinhadas com o eixo que partia da mansão em direcção a norte. Em Maio de 1840, deu-se início e término a uma obra simples e económica (Joyce, 1994, p. 44), uma câmara rectangular discreta com um corredor subterrâneo suportado por uma arcaria neorromânica e acedido por uma escada estreita a norte que, por sua vez, era guardada por um portão e um gradeamento em ferro. De

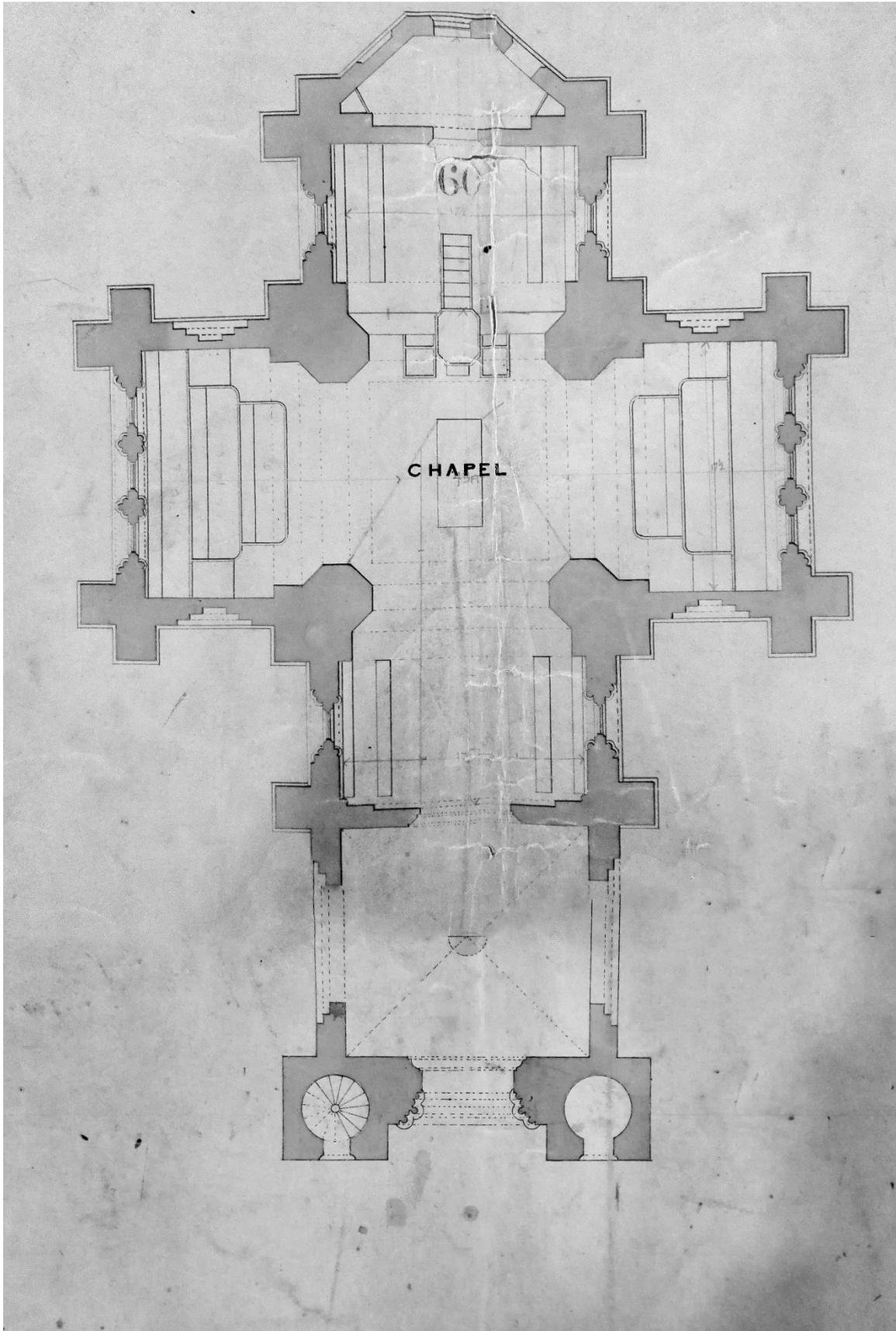


Figura 38. Planta da capela.

cada lado do corredor, três compartimentos com doze nichos para doze sepulturas – um equipamento para um total de 72 cadáveres. A cobertura, que ainda hoje assinala o local, eleva-se acima do solo e é acessível. Mune-se de um parapeito robusto, um arco românico na entrada sobre a escada descendente, e aberturas ao longo do interior do corredor subterrâneo, marcadas no exterior, que na altura visavam providenciar luz natural e ventilação.

Por fim, o projecto final para a capela, que corresponde ao construído, acabou por se simplificar numa única célula inter-denominacional, conforme desejado pela direcção. De planta cruciforme centralizada, cruz grega com quatro braços com o mesmo comprimento, e o campanário erguido numa torre de planta octogonal sobre a intersecção destes, atingindo uma altura de 36,5 metros. A nave estende-se para sul e abre para o exterior no sentido este-oeste a fim de criar o *porte-cochère* necessário para a passagem das carruagens vindas da entrada, desta vez com dimensões mais modestas que no projecto anterior. No alçado norte encontram-se quatro aberturas: três delas góticas em arcos ogivais, e uma rosácea no topo. A capela é essencialmente neogótica, e todas as suas arcarias são em ogiva à excepção de duas aberturas com arco abatido localizadas no exterior das torres que ladeiam o alçado sul, o qual, por sua vez, também emoldura uma rosácea (Joyce, 1994, pp. 44-48). O uso das rosáceas não só se refere à estética gótica, como também ecoa a natureza do cemitério enquanto jardim e arboreto. Hosking esforçou-se em fazer o seu projecto enaltecer a vegetação local e conviver com o projecto hortícola de George Loddiges.

Convenientemente, em Hackney, existia a loja de botânica com os viveiros de George Loddiges (1786-1846), contactado graças às conexões de Collison. Loddiges era botânico e, assim como Hosking, um não-conformista (Joyce, 1994, p. 51). Foi-lhe pedido então que preservasse a vegetação que ladeava vias como por exemplo a *Great* e a *Little Elm Walk*, a *Yew Walk* arborizada de teixos, e árvores singulares como um cedro-do-Líbano e um castanheiro-da-Índia, respectivamente localizados a sul e a norte da propriedade. A projecção de um arboreto – em vez de um cemitério-jardim mais simples como os restantes - num local que convivesse com esculturas em pedra era considerada inconveniente, mas iria ao encontro das propostas de Loudon no que toca ao planeamento de cemitérios (Joyce, 1994, p. 49). Aliás, o próprio Loudon visitaria Abney pouco tempo depois da inauguração, elogiando as suas plantações, arquitectura e monumentos funerários, e declarando-o o cemitério mais bem ornamentado de Londres (Joyce, 1994, p. 54). As características do solo permitiram a Loddiges plantar cerca de 2500 variedades de árvores e realizar experiências na plantação de centenas de variedades de flores e arbustos:



Figura 39. Capela.

“Abney Park possesses every qualification which can possibly be required for encouraging the growth of trees. Its virgin soil is of the finest character, and there are sufficient varieties of sand, clay, and loam, intermixed to enable the planter to adapt his specimens accordingly.” (Collison, 1840, p. 308).

Tratando-se de um arboreto, todas as espécies foram numeradas e catalogadas, e no próprio local foram assinaladas com os respectivos nomes e descrições, para interesse e instrução do público, e eram ainda organizadas festas e passeios para crianças e escolas (Joyce, 1994, p. 54). Desenvolveu-se, assim, esta vertente lúdica e didática em adição a uma experiência de passeio e agrado perante a paisagem, para além da actividade principal de cemitério enquanto local de luto e de deposição de cadáveres.

Abney Park inaugurou em 20 de Maio de 1840, contando com um público de aproximadamente 1500 pessoas (Joyce, 1994, p. 54). Em 1843, a mansão Abney foi demolida, à excepção do respectivo muro e portão, permitindo a instalação de uma entrada secundária a sul do cemitério. Em 1845, foi erguido um cenotáfio com a escultura de Isaac Watts (1674-1748), poeta, escritor de hinos, e residente na mansão do seu amigo Thomas Abney (Joyce, 1994, p. 54). O monumento encontra-se a sul das catacumbas, no eixo que atravessa o centro do cemitério. Ao longo da segunda metade do século XIX, são adicionadas vias menores pelo terreno, tornando-o cada vez mais complexo. Eventualmente os fundadores foram envelhecendo e falecendo, e a companhia acabou por vender o cemitério a uma outra sociedade durante a década de 1880 – a primeira nova gerência entre várias. Lotes foram sendo acrescentados repetitivamente em locais onde não estaria previsto um loteamento, a fim de procurar rentabilizar o cemitério o máximo possível, e covas eram reabertas para providenciar novos enterramentos. Consequentemente, esta prática condenou o carácter ajardinado de Abney à ruína (Joyce, 1994, p. 61). Espécimes de vegetação como o singular cedro-do-Líbano acabaram por morrer, dando lugar à criação de mais lotes para sepultamento. Durante a Segunda Grande Guerra Mundial, uma bomba explodiu a sul do cemitério e danificou dezenas de monumentos e sepulturas, deixando a zona a carecer de reparações durante todo o tempo em que este se encontrava em funcionamento (Joyce, 1994, pp. 61-62). Apesar de tudo, um monumento aos soldados mortos nas duas Grandes Guerras Mundiais fora erguido sobre a cobertura das catacumbas, e algumas obras de recuperação necessárias foram postas em prática na capela, mas o processo fora tão tosco e grosseiro que enruideceu a perícia e detalhe de William Hosking (Joyce, 1994, p. 62).

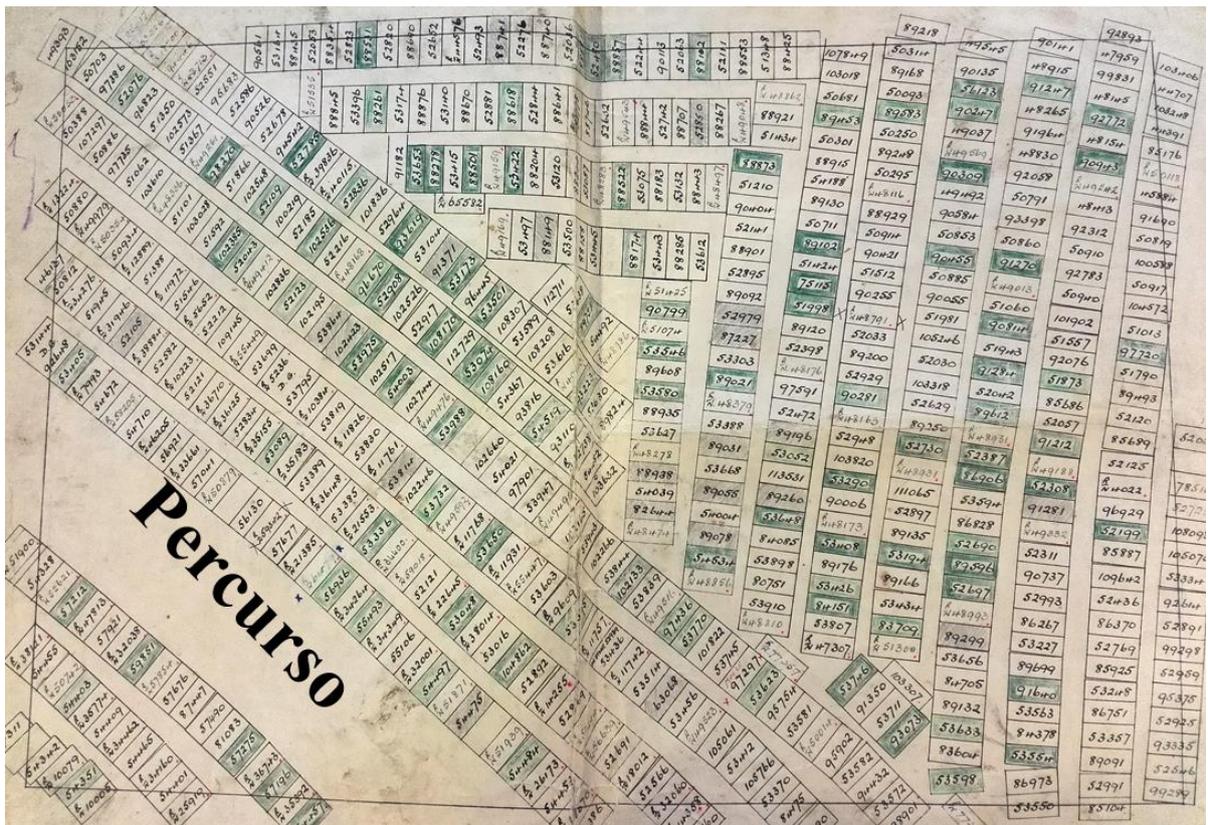


Figura 40. Amostra de uma pequena parte dos esquemas de loteamento, desenhados e continuamente editados ao longo da primeira metade do século XX. De notar a sua sobrelotação.

Durante a década de 1950, as condições do cemitério foram piorando por falta de fundos para uma manutenção apropriada (Joyce, 1994, p. 62). Numa tentativa de gerar receitas suficientes para tal, novos lotes foram disponibilizados em locais que Loddiges tinha projectado propositadamente para plantio, várias espécies de vegetação foram sacrificadas e alguns dos percursos desenhados por Hosking foram estreitados.

Em 1972 a companhia desistiu das suas responsabilidades sobre o cemitério e hipotecou-o, condenando-o a anos de abandono e vandalismo. Pouco tempo depois, declarou falência.

“In the 1970s after the cemetery company went into administration, Abney fell into disrepair and was abandoned, allowing a uniquely wild atmosphere to develop at the site” (Abney Park Trust, n.d.).

Durante os anos 80, um movimento organizado pelos cidadãos locais uniu forças para dar início ao processo de recuperação do cemitério, de modo a que o município de Hackney procedeu à sua aquisição e, juntamente com a recém-fundada *Abney Park Cemetery Trust*, assumiu a sua gerência. Foi decidido manter e gerir o local, preservando as suas qualidades estéticas e charme que o tornara numa “nova e única floresta urbana” (Abney Park Trust, n.d.), equilibrando as necessidades de sobrevivência da fauna e flora que se instalara e desenvolvera durante os anos em abandono, com os requisitos necessários à manutenção das suas estruturas e preservação da sua história e propósito enquanto memorial.

Actualmente, Abney Park funciona como um parque onde é possível passear, fazer exercício, e descontraír. Também é utilizado como atalho entre a *High Street* e a *Church Street* por parte dos transeuntes, algo muito conveniente para quem precisa de, por exemplo, apanhar um autocarro na paragem da *Church Street* junto ao portão sul. Quase semanalmente são organizados eventos como actividades de horticultura, visitas guiadas, sessões de histórias, eventos musicais, entre outros, dentro do recinto do cemitério e promovidas pela *Abney Park Trust*. Todos os meses, voluntários reúnem-se para apanha de lixo e outras actividades de conservação do espaço. Em comunhão com a cidade dos vivos, esta cidade dos mortos foi reaproveitada para novos propósitos e cuidadosamente mantida graças ao afecto que os cidadãos locais nutrem por este espaço, e que diariamente convivem com este cemitério-parque desde há 180 anos.

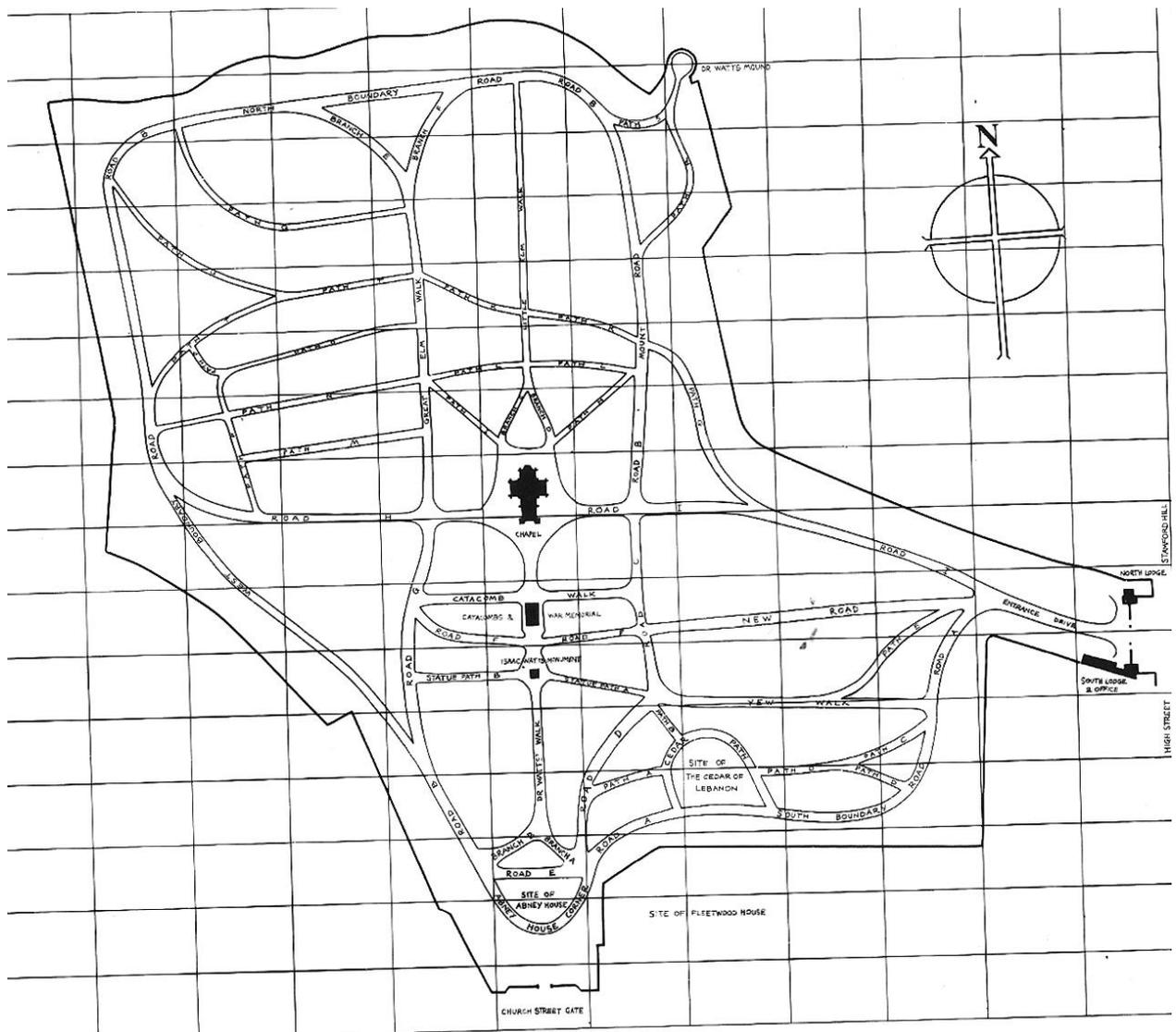


Figura 41. Abney Park hoje. Cada rectícula corresponde a uma planta do esquema total de loteamento.

“Whether as a place of quiet retreat, a memorial park, nature reserve, repository of funerary art, a botanical garden, genealogical archive, or most desirably a combination of all these things, Abney Park Cemetery will undoubtedly continue to attract its share of the revived habit of cemetery strolling, a pastime much enjoyed by the Victorians and not looked upon by them as in any way morbid or necromantic.”
(Joyce, 1994, p. 65).



Figura 42. Vista aérea sobre o Cemitério da Conchada.

2.2_ O edificado campo-santo da Conchada

“Bem lavado de ares, localizado no topo d’um promontório, alteando-se d’uma larguíssima extensão de paiz, olhando a cidade a cavaleiro, luxuriante de arborização e embelezado de variedade fantasiosa de mausoléus, é um recinto que não tem nada de lúgubre; pelo contrario, sadio e alegre, onde há renques de verdura e tufos de flores vibrantes aos raios do bello sol creador!...” (L. R. D., 1894, p. 107)

Soltando-se das ruas serpenteantes que gentilmente abraçam a encosta, parte a recta da Alameda da Conchada que termina no cemitério isolado da urbe. Coimbra é um recreio de topografias variadas, usadas propiciamente para acolher o seu primeiro equipamento cemiterial. Se em Stoke Newington o cemitério local é aproximadamente nivelado com o resto do território, no *plateau* da Conchada este goza de um espaço e altitude só seus que favorecem o distanciamento necessário do centro da cidade. Assim, a alameda culmina num largo amplo que prepara o momento de chegada ao portal da necrópole, do alto da qual miramos a cidade a sudoeste, cada vez mais distante à medida que nos aproximamos do portão.

O recinto é claramente limitado por um muro alto que se funde com o conjunto da entrada. Este, por sua vez, ergue-se suavemente e emoldura-se em duas pilastras, entre as quais se insere o portão intrinsecamente trabalhado em ferro. Simetricamente, e sobre cada uma das cornijas, encontra-se esculpido um símbolo muito presente na estatuária dos cemitérios victorianos e nos cemitérios da capital: a urna drapeada, metáfora representativa do retorno do corpo ao pó, e do véu entre a vida e a morte. Apesar de presente no portal de entrada, é escassa nos monumentos erguidos no interior. Sobre o portão, ligando os elementos pétreos, ergue-se um arco em ferro elegantemente trabalhado com detalhes ondulantes, no qual se insere um anjo do mesmo material. Este anjo foi embutido somente em 1941, a fim de substituir o esqueleto que se encontrava no seu lugar até então (Costa, 2019), possivelmente numa intenção suavizar a morbidez associada ao local, em plena Segunda Grande Guerra Mundial. A data oficial de inauguração, 1860, também se encontra gravada no portão e, coroando este aparato ornamental, por fim, uma cruz, símbolo cristão presente na maior parte dos monumentos e túmulos no interior, e símbolo da insistência do povo em fazer-se acompanhar da sua crença religiosa na última morada.



Figura 43. Entrada do cemitério.

Transpondo o portão, deparamo-nos com o gabinete administrativo junto a este, bem como com os primeiros jazigos que ladeiam o lance da entrada. Sabemos que esta zona onde nos encontramos é uma breve extensão do recinto do cemitério, que ocorreu durante a primeira metade do século XX, tanto por não existir no projecto do cemitério, como pelas datas inscritas nos jazigos e pela própria arquitectura dos mesmos. O portão foi deslocado do seu local original para onde se encontra actualmente, portanto. O pavimento da via que parte da entrada é calcetado, assim como em todas as restantes vias desenhadas dentro do cemitério. Por si só, esta textura do piso lembra qualquer outra rua ou passeio em Portugal, e encontra-se presente em grande parte dos cemitérios portugueses, como é o caso do cemitério dos Prazeres, calcetado com padrões intrincados, e o cemitério do Alto de São João, onde as ruas e travessas se encontram numeradas na própria calçada. Avançando, deparamo-nos com o momento da quebra do eixo que passa na entrada, resultado da supramencionada extensão. Se flectirmos o percurso ligeiramente para norte, testemunhamos toda a extensão desta bela avenida calcetada que se lança na direcção da capela.

Se em Abney Park prevalece a vegetação, na Conchada reina o cinza e o branco da massa edificada constituída pelos múltiplos jazigos e monumentos, inequivocamente alinhados e loteados. Sobre estes, vemos apenas o céu e o sol, pois a cidade dos vivos parece-nos já esquecida. Antes de entrarmos na necrópole, já a própria alameda, o largo, e todo o caminho percorrido encosta acima prepararam a desconexão entre este local e a urbe. No interior do recinto, a cidade silenciosa desdobra-se em múltiplas ruas, avenidas, travessas, praças e quarteirões, numa organização hipodâmica que não encontramos no ondulante centro histórico de Coimbra, mas nos cemitérios lisboetas e Baixa Pombalina. Estes quarteirões, por sua vez, são delineados pelos vistosos jazigos, muitos dos quais datados de Oitocentos e minuciosamente esculpidos de acordo com diversos revivalismos – seja neoclássico, neorromânico, neogótico ou neomanuelino. Outros monumentos funerários consistem em esculturas e superfícies em pedra onde fora esculpido o epitáfio, sobre as lajes que cobrem as covas, ou somente a própria laje com inscrições. Encontra-se presente um espólio riquíssimo de trabalhos em ferro, seja nas portas e gradeamentos dos jazigos e monumentos, ou na própria estatuária. Entre os jazigos, destacam-se os jazigos-capela onde as urnas podem ser sepultadas sem recorrer ao enterramento: existem criptas permanentemente encerradas com uma laje, ou prateleiras que permitem que o caixão fique à vista quando hermeticamente selado. É muito frequente encontrarmos, seja no interior dos jazigos ou gravadas no exterior dos monumentos, imagens do rosto dos defuntos; estas podem ser esculpidas como parte ornamental da obra, ou



Figura 44. Um dos lances principais do cemitério, ilustrando as tonalidades e texturas predominantes.



Figura 45. Monumentos funerários.

simplesmente fotografias gravadas em cerâmica. Entre o simbolismo funerário encontrado nas obras, o mais frequente é a cruz, muitas vezes utilizado para encimar os jazigos. Também é muito comum a utilização de imagens de anjos, santos e ícones diversos alusivos ao catolicismo, e ocasionalmente, encontramos crânios, motivos vegetais e estátuas completas de figuras femininas em pranto. Mas mais do que o simbolismo funerário, é importante salientar o simbolismo ligado às origens e ao passado de cada um destes indivíduos ou famílias, e a sua combinação com estilos arquitectónicos e artísticos. Encontramos esferas armilares, Cruzes Páteas e da Ordem de Cristo, nós de marinheiro e motivos náuticos, assinalando a Era dos Descobrimentos e da Colonização, orgulhosamente ostentada na última morada destes indivíduos e famílias. Os jazigos exibem portais de estilos revivalistas góticos e manuelinos profundamente trabalhados, sustentados por colunas ou pilastras com embasamentos, capitéis e cornijas, por vezes frisos, frontões e pináculos, com um óculo junto ao topo ou janelas geminadas, gelosias e vitrais. Com frequência, o conceito de última morada é levado à letra, e surgem jazigos com pequenos alpendres, com telhas esculpidas na pedra e minúsculas imitações de pátios de entrada guardados por igualmente minúsculos muros e portões cuidadosamente trabalhados em ferro, com um assento para uma ou duas pessoas e depósitos para decoração com plantas, pequenas janelas e trabalhos em azulejaria ou cantaria onde podem ser representados, por exemplo, ícones religiosos ou brasões – semelhante a um *Portugal dos Pequenitos* representado na necrópole. Em suma, olhando a estes detalhes percebemos de imediato que em Portugal, durante o século XIX e princípios do século XX, o apego às tradições, à religião, à família e à História era tão significativo que as famílias mais abastadas necessitavam de se fazer representar na morte com aquilo que valorizavam em vida.

A configuração geral do cemitério não deixa margem para dúvidas: todas as vias são rectas, os lotes encontram-se cuidadosamente alinhados e ordenados, a geometrização do espaço é muito clara até mesmo do ponto de vista do visitante pois, ao contrário do caso victoriano em estudo, os percursos são objectivos e o loteamento é frugal e limpo, sem acumulações ou sobreposições; o espaço tem um aspecto geral bastante esterilizado, onde predomina a construção e o respectivo embelezamento. A vegetação é praticamente inexistente, apesar de proliferar no exterior do recinto, ao longo da encosta.

Postas estas observações, o que estará na origem do plano deste autêntico museu de arte e arquitectura a céu aberto, silencioso, solene e conservador na forma como é utilizado? Um espaço onde a morte se encontra tão profundamente presente que tantas destas urnas são visíveis do interior dos seus jazigos, e onde o tempo e a vida pararam e petrificaram para sempre

. Antigo COIMBRA . Antigo hospital da Conceição : cemiterio

Fig. 1.ª Cemiterio da Conceição

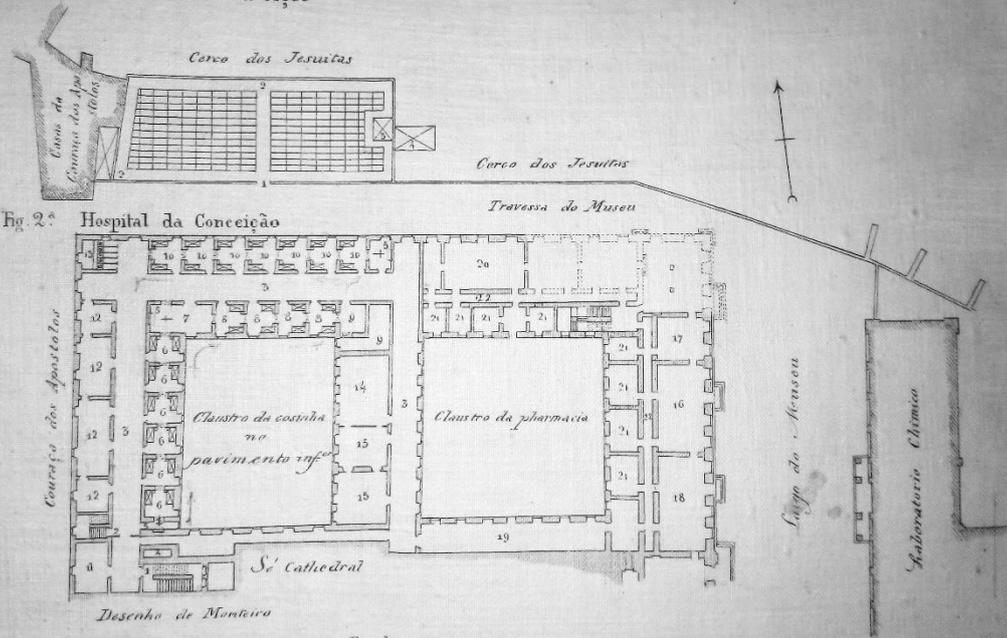


Figura 46. Antigo cemitério e Hospital da Conceição.

na pedra esculpida dos monumentos. Porquê esta configuração geométrica na sua planta, e a ausência quase total de vegetação? Quem esteve por detrás do seu planeamento, e o que levou à escolha deste local para a implantação do primeiro cemitério público de Coimbra – e porque terá sido tão tardio, quando a lei que determinara a sua criação saíra 25 anos antes? Como terá sido recebido, e como terá a cidade dos vivos feito representar-se neste recinto?

Ainda antes da lei da criação de cemitérios públicos de 1835, Coimbra já manifestava urgência em adquirir terreno para a construção do seu (Calmeiro, *Urbanismo antes dos Planos: Coimbra 1834-1934*. Volume I, 2014, p. 191). Faziam-se enterramentos em pequenos espaços organizados pela cidade, como a cerca da Roda dos Expostos, e as igrejas e respectivos terrenos, como era comum (Costa, 2019). Mas Coimbra já se encontrava equipada com um cemitério independente de um corpo eclesiástico: o cemitério do Hospital da Conceição, localizado na porção de terreno entre as actuais ruas Inácio Duarte e Padre António Vieira, graças à reforma pombalina da Universidade (Calmeiro, *Urbanismo antes dos Planos: Coimbra 1834-1934*. Volume I, 2014, p. 191). A capacidade de lotação deste local iria mostrar-se, contudo, insuficiente para o surto de cólera que assolava a cidade em 1833, o que levou a Câmara a solicitar ao Governo um terreno para a construção de um novo cemitério (Portela & Queiroz, *O Cemitério da Conchada*. Introdução ao seu estudo, 1999, p. 67). Porém, colocou-se uma grande quantidade de entraves no que tocava à escolha de terreno, desde um aparente desinteresse por parte do Município em dar andamento ao processo, às contestações e resistências do povo em mudar os hábitos de sepultamento (Portela & Queiroz, *O Cemitério da Conchada*. Introdução ao seu estudo, 1999, p. 67). Os anos passavam, o processo de aquisição de terreno demorava e sofria impedimentos, o cemitério do Hospital da Conceição enchia e Coimbra continuava sem um novo cemitério. Em 1839, a Câmara dos Deputados decidiu conceder uma parte da cerca do antigo Colégio de Tomar e respectiva capela e, dois anos depois, foi emitida a Carta de Lei que oficializava esta e outras concessões a vários outros municípios (Portela & Queiroz, *O Cemitério da Conchada*. Introdução ao seu estudo, 1999, p. 67). Conforme esta portaria ordenava, seria necessária uma vistoria ao local por parte da Câmara e do Governo Civil, a qual só se realizou em Setembro de 1843 (Portela & Queiroz, *O Cemitério da Conchada*. Introdução ao seu estudo, 1999, p. 68), levando a concluir que o terreno se revelava, afinal, insuficiente para a instalação que se pretendia (Calmeiro, *Urbanismo antes dos Planos: Coimbra 1834-1934*. Volume I, 2014, p. 193). Começou-se a ponderar a hipótese de situar o cemitério no Alto da Conchada, por ser um local muito mais salubre, mas revelar-se-ia demasiado dispendioso. Após várias hesitações, Câmara solicitou,

em 1848, a totalidade da cerca de Tomar, já que este era o terreno que o Governo se encontrava disposto a ceder. Dada a situação por que Coimbra estava a passar com a escolha do local para se fazer a obra, a concessão foi aprovada no mesmo ano (Portela & Queiroz, O Cemitério da Conchada. Introdução ao seu estudo, 1999, p. 68). Devido aos rumores de um novo surto de cólera que se avizinhava, ponderou-se construir um cemitério provisório neste local. Tal não se verificou, os médicos opuseram-se continuamente à escolha deste local por razões de carácter higienista e pela proximidade ao centro da cidade (Anacleto, 2019), a Câmara Municipal “acomodou-se” (Portela & Queiroz, O Cemitério da Conchada. Introdução ao seu estudo, 1999, p. 68) e os sepultamentos continuavam a ter lugar nos mesmos locais de sempre.

No início da década de 1850, Coimbra era alvo de duras críticas na imprensa dada a lentidão do processo em relação a outras cidades e aldeias, e dada a sobrelotação dos seus espaços de sepultamento. Após pressão do Governo Civil em 1851 para que a Câmara Municipal desse andamento ao processo, esta optou por solicitar a propriedade no Alto da Conchada, por influência das opiniões médicas (Anacleto, 2019). Contudo, gerou-se uma nova complicação burocrática porque Coimbra desistiu da cerca do Colégio de Tomar, pertencente à Fazenda Nacional, para a compra de um novo terreno. Logo, a cerca de Tomar foi vendida em hasta pública, e com os fundos da transacção obteve-se terreno suficiente na Conchada, dando início ao processo de expropriação (Portela & Queiroz, O Cemitério da Conchada. Introdução ao seu estudo, 1999, p. 68). Sendo um processo moroso, ninguém sabia ao certo quando iria ser construído o novo cemitério.

António Augusto da Costa Simões (1819-1903), médico e professor, contemplava com amargor a vista do hospital da Conceição sobre o lúgubre e velho cemitério. Questionava o sobrelotamento do minúsculo espaço onde diariamente eram abertas sepulturas, e onde muitas vezes era cavado o mesmo lote sem que tivesse decorrido tempo suficiente para a sua renovação (Costa, 2019). Perante estas condições, sabendo da aquisição do terreno na Conchada e da demarcação deste para obras, e da inacção e lentidão do processo para planear e construir a nova necrópole, Costa Simões dirige-se ao conselho da Faculdade de Medicina com uma reclamação, que por sua vez faz chegar um comunicado à Câmara Municipal. Graças a esta iniciativa, que movimentou forças no espaço de uma semana, no dia 1 de Fevereiro de 1852 deu-se lugar ao primeiro enterramento na Conchada, ainda que em terreno provisório (Costa, 2019). Daqui em diante, era uma questão de planear e construir. Em 1855 foi deliberado vedar o local provisório com tapume de madeira (Anacleto, 2019) devido a uma nova epidemia de cólera, que sublinhou a importância de continuar a construir cemitérios públicos onde não os

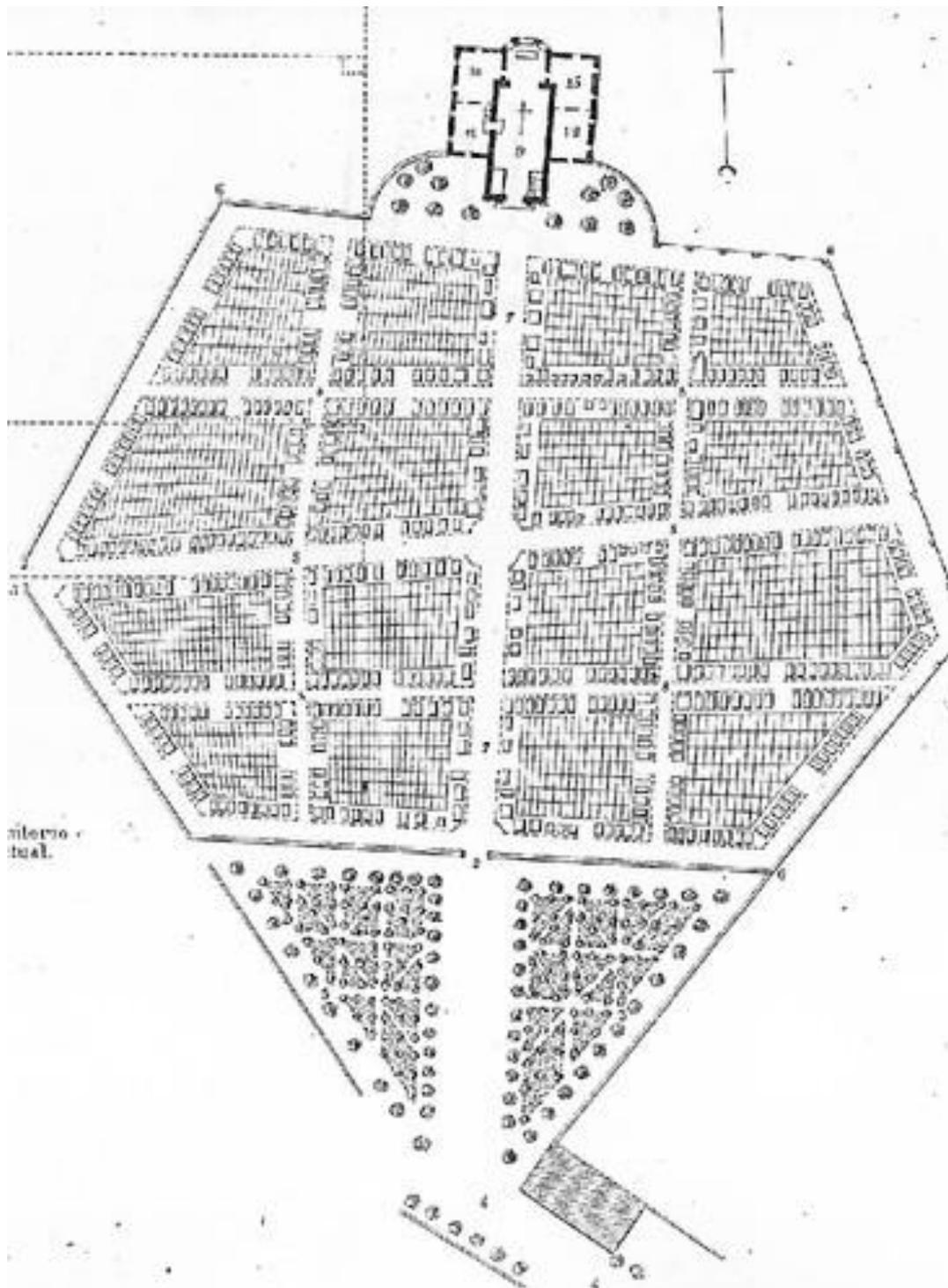


Figura 48. Projecto de Venâncio Rodrigues.

houvesse. Foi “em 1855 [que] apareceram os primeiros indícios de cólera-morbus em Portugal, designadamente em Aveiro e Coimbra, onde fez as primeiras das suas múltiplas vítimas mortais.” (Salgado, 2003).

Nesse mesmo ano, Costa Simões foi eleito presidente da Câmara Municipal de Coimbra, tomando posse de um mandato que duraria até 1857 (Anacleto, 2019). Durante este tempo, dirigiu um projecto para o novo cemitério e aprovou-o em sessão camarária a 24 de Dezembro de 1857, dias antes do término do seu mandato. O projecto, desenhado pelo engenheiro Carlos Ribeiro (1813-1882) sob as ideias e os cálculos de Costa Simões (Calmeiro, Urbanismo antes dos Planos: Coimbra 1834-1934. Volume I, 2014, p. 193), era de planta rectangular, com um desenho minuciosamente controlado por eixos e rectículas que definiam as zonas de passagem e os lotes para as sepulturas. O recinto acompanharia a topografia do terreno escalonado em três níveis (Calmeiro, Urbanismo antes dos Planos: Coimbra 1834-1934. Volume I, 2014, p. 193), pois pretendia-se que o cemitério ocupasse uma grande área da forma mais pragmática e frugal possível, e de modo a incluir o local de enterro improvisado em 1852. A entrada seria servida com um longo percurso ajardinado no sentido da actual Alameda da Conchada, perpendicular ao cemitério no sentido longitudinal. O eixo de simetria do recinto do cemitério estabelecer-se-ia entre o portal e a capela, a qual, por sua vez, pertenceria a um conjunto edificado do qual constariam uma casa mortuária e a casa do guarda (Calmeiro, Urbanismo antes dos Planos: Coimbra 1834-1934. Volume I, 2014, p. 193). Durante a gerência de Costa Simões, os trabalhos desenvolveram-se de maneira a que a estrada para a alameda, os alicerces da capela e de todo o perímetro do cemitério, e uma parte significativa do muro, se encontravam construídos. No entanto, uma tempestade em Dezembro de 1856 destruiu uma grande parte da obra realizada, deitando por terra o progresso conseguido entretanto (Costa, 2019).

“Apesar de curta a sua [de Costa Simões] gerência naquele cargo, foi das mais brilhantes do município de Coimbra, principalmente nos domínios da saúde pública, onde alterou o regime dos enterramentos dos mortos e deixou as bases para a construção dos cemitérios da cidade, a ele se devendo, concretamente, um sensível avanço na construção do cemitério da Conchada.” (Salgado, 2003)

A 1 de Janeiro de 1858 toma posse a nova vereação com um novo presidente, o matemático e professor Raimundo Venâncio Rodrigues (1813-1879), que coloca em causa o plano desenvolvido e aprovado por Costa Simões; alegou que “era absurdamente grande e mal

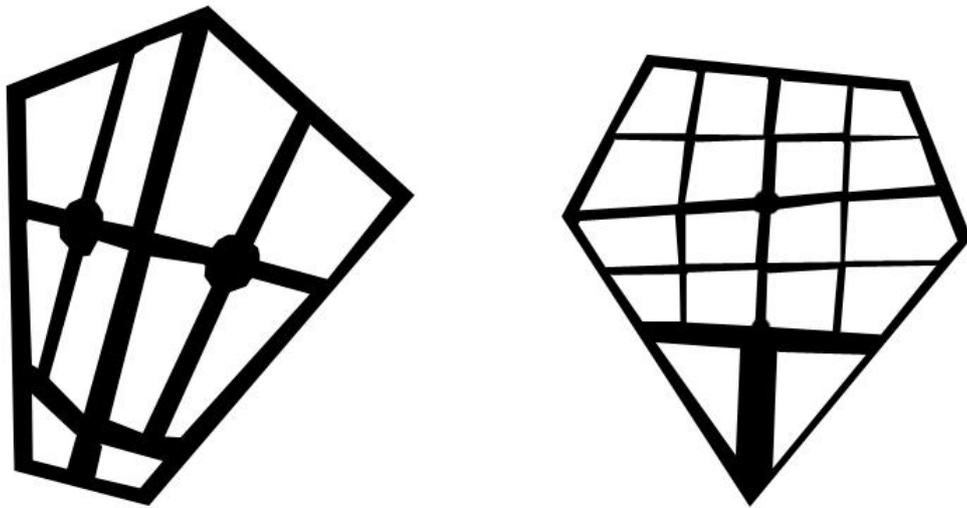


Figura 49. Desenho esquemático dos limites e das vias do projecto inicial do Cemitério dos Prazeres, e o da Conchada, respectivamente..

colocado” e que “ficaria excessivamente caro” (A. A. C. Simões, 1882, como citado por Costa, 2019). Venâncio Rodrigues, detentor de conhecimentos de matemática, geometria e desenho técnico mais aprofundados, criou um novo projecto, em que a planta de todo o complexo tinha o formato de um pentágono irregular, que seria implantado ligeiramente a sudeste de onde o seu antecessor desenvolvera o projecto antigo.

O novo cemitério iria dispor de um parque de acesso triangular, partir do qual irromperia o eixo entre a entrada e a capela, seguido de um recinto cemiterial hexagonal. Esta composição totalizar-se-ia, portanto, num pentágono. Curiosamente, a organização interior manifesta-se numa grelha algo irregular, de um ponto de vista geométrico. Apesar de tudo, a delimitação pentagonal desta composição pouco convencional pode não ter sido aleatória. Não se sabe ao certo o motivo para a escolha desta forma peculiar, para além de se adaptar à topografia (Calmeiro, *Urbanismo antes dos Planos: Coimbra 1834-1934. Volume I*, 2014, p. 193) ao assentar num só tabuleiro no local de implantação, mas notemos o quão semelhante é ao formato do recinto inicial do Cemitério dos Prazeres. Será esta a primeira de várias importações de influências de arquitectura cemiterial vindas de Lisboa, ou fruto do génio do próprio matemático? De qualquer das formas, Venâncio Rodrigues poderia ter pretendido promover um espaço de anulação de desigualdades sociais tal como o arquitecto dos Prazeres tencionara, uma vez que, como Catroga referira (1999, p. 91), a planta pentagonal associava a necrópole a um espaço de reunião e tratamento como iguais dos que não o eram em vida. Arrisco dizer que tal intenção de projecto iria de encontro ao espírito revolucionário e obstinado característico do seu autor que (Calmeiro, 2014, p. 76), descreditando e descartando o plano de Costa Simões, terá considerado o projecto antigo não apenas caro e desadequado à topografia, mas também convencional e potencialmente hierarquizante em termos sociais.

Tendo aprovado o novo projecto pouco tempo depois da sua concepção em 1859, as obras tiveram início em Março do ano seguinte. A inauguração oficial e bênção do cemitério deram-se, respectivamente, a 1 de Outubro de 1860 e em Novembro do mesmo ano, seguidas de louvores por parte do Rei à Câmara Municipal de Coimbra pela conclusão do longo processo (Portela & Queiroz, *O Cemitério da Conchada. Introdução ao seu estudo*, 1999, p. 72). No entanto, as obras permaneciam incompletas após a inauguração, ainda se faziam trabalhos de alinhamento na rua de acesso ao cemitério, e durante os anos subsequentes houve complicações com pagamentos, dívidas por parte da Câmara, e problemas relacionados com a construção (Portela & Queiroz, 1999, p. 72).

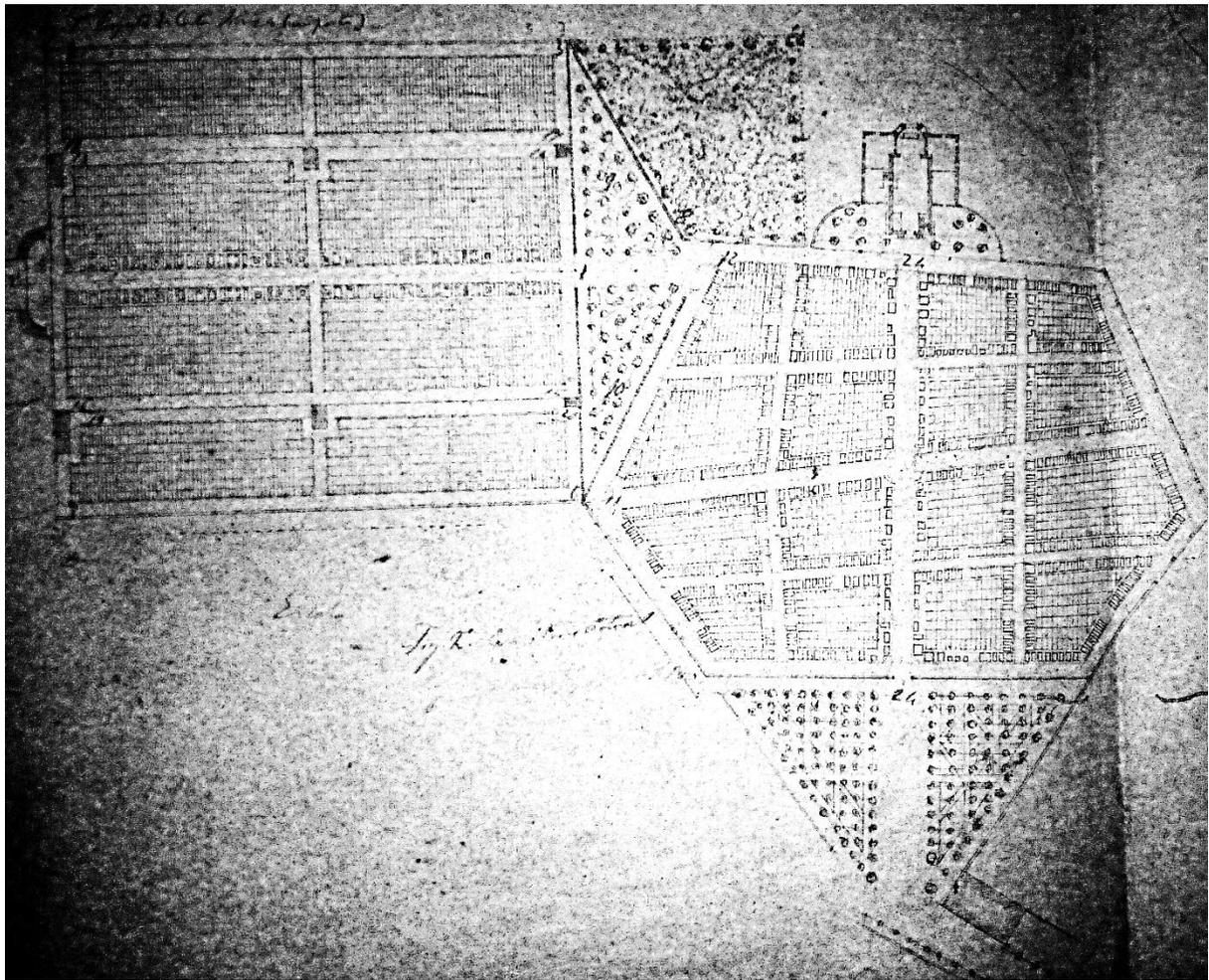


Figura 50. Projecto para uma fusão entre os anteriores, de modo a fazer uso da ideia inicial de Costa Simões para expandir o que fora construído por Venâncio Rodrigues

Ao longo da segunda metade do século XIX, o Cemitério da Conchada foi alvo de alterações e expansões, como se veio a verificar a ampliação em direcção a oeste que se iniciara no final do século. Os cerca de 12000 m² de terreno delimitados por Venâncio Rodrigues ameaçavam ser insuficientes, pelo que, a fim de evitar uma nova crise sanitária, procedeu-se à ampliação a partir da parcela do antigo local de enterramentos que Costa Simões improvisara. O desenho que encontramos no seu projecto e a configuração que esta expansão no cemitério apresenta nos dias de hoje são praticamente idênticos. A deslocação da composição da entrada para o local onde se encontra actualmente poderá ter acontecido na década de 1940, tendo em conta não só as datas dos jazigos que hoje ocupam a área de ampliação resultante, como também a forja do *Anjo da Paz Eterna* do escultor Daniel Rodrigues, que substituíra o esqueleto que se encontrava no seu lugar, datar de 1941 (Anacleto, 2019).

Ao longo do século XX, e ainda nos dias de hoje, o cemitério tem sido submetido a ampliações e alterações, uma vez que se encontra activo e em constante funcionamento. Se a valorização histórica e o interesse em explorar este magnífico recinto e o seu repertório de monumentos funerários colidem com ou não com as práticas diárias de sepultamento e luto e os comportamentos e mentalidades a elas associados, é incerto deduzir. Mas enquanto equipamento público de valores histórico, artístico e arquitectónico evidentes, e sob constante visita e utilização, necessita de ser mantido e tratado pelos seus responsáveis, e acarinhado e protegido pelo povo.

“O Cemitério da Conchada é, pois, um dos mais interessantes e importantes cemitérios do país, ao nível da arte funerária.” (Portela & Queiroz, 1999, p. 76).

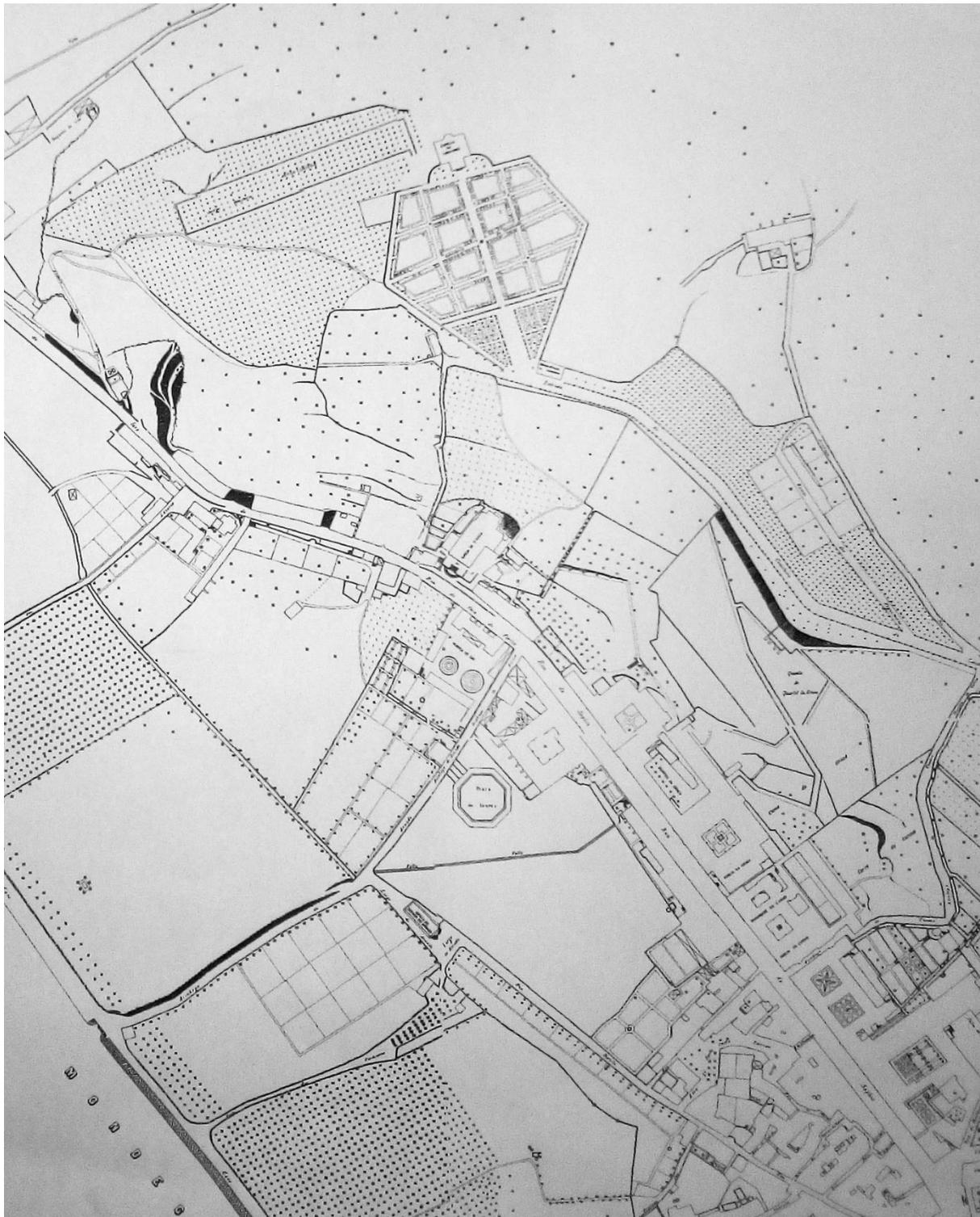


Figura 51. Planta de Coimbra e envolvente da Conchada entre 1873 e 1874.

2.3_ O reflexo das situações político-económicas no planeamento

Portugal adoptou políticas mais próximas às da França, em que os cemitérios surgem por iniciativa pública, importando o regulamento interno e os planos de Père-Lachaise para desenvolver o seu modelo de planeamento e de gestão seguindo de perto uma referência a nível europeu. O planeamento, a gestão e a manutenção era, e é, da responsabilidade das Câmaras Municipais dos concelhos onde se localizam. Na Grã-Bretanha, os cemitérios eram geralmente oficializados em *Acts of Parliament*, mas geridos sob a alçada de companhias privadas que compravam os terrenos, encomendavam os projectos, e desenvolviam os próprios sistemas de gestão.

De que forma estes factores políticos e económicos influenciaram a concepção dos casos em estudo? Coimbra enquanto ex-capital, e Londres enquanto capital, têm em comum a adesão ao processo de desenvolvimento de cemitérios de utilização pública tardiamente em relação ao resto do respectivo país. Nos limites da capacidade de cada uma em suportar enterramentos, foram tomadas medidas de acordo com as suas políticas. Londres foi célere na construção dos seus *Magnificent Seven* a partir do momento em que lançara a proposta de lei para tal. Existindo no ramo da morte várias oportunidades de negócio, e estando a cidade a precisar urgentemente de necrópoles em espaços apropriados, o impulso para o avanço dessa proposta foi de origem privada e havia um interesse por parte dos empreendedores em formar companhias, adquirir terrenos e construir cemitérios. Em menos de uma década, Londres contava com um anel sanitário composto por sete cemitérios, entre os quais Abney Park. Este, abertamente declarado laicizado e não-conformista, rapidamente ganhou a adesão dos dissidentes religiosos que não teriam lugar em cemitérios, por ser a excepção entre os Sete que recusara rituais de bênçãos anglicanas aquando da sua inauguração. Já Coimbra envolvera todo um processo de indecisões e adiamentos que atrasara a concretização de um projecto concreto em quase 25 anos após a lei da criação de cemitérios de utilização pública. Estando a Câmara, que se sujeitava a mandatos de curta duração (Calmeiro, *Urbanismo antes dos Planos: Coimbra 1834-1934. Volume II*, 2014, p. 15), a cargo do processo, este foi lento e penoso parcialmente devido à quantidade de dirigentes por quem passou. Mesmo aquando da realização dos projectos e respectivas construções, houve entraves e dificuldades – tanto por haver um grande número de agentes responsáveis pelo processo, como pela falta de clareza neste, como pelas contínuas contestações populares e religiosas que se generalizavam pelo país, Coimbra não sendo excepção.

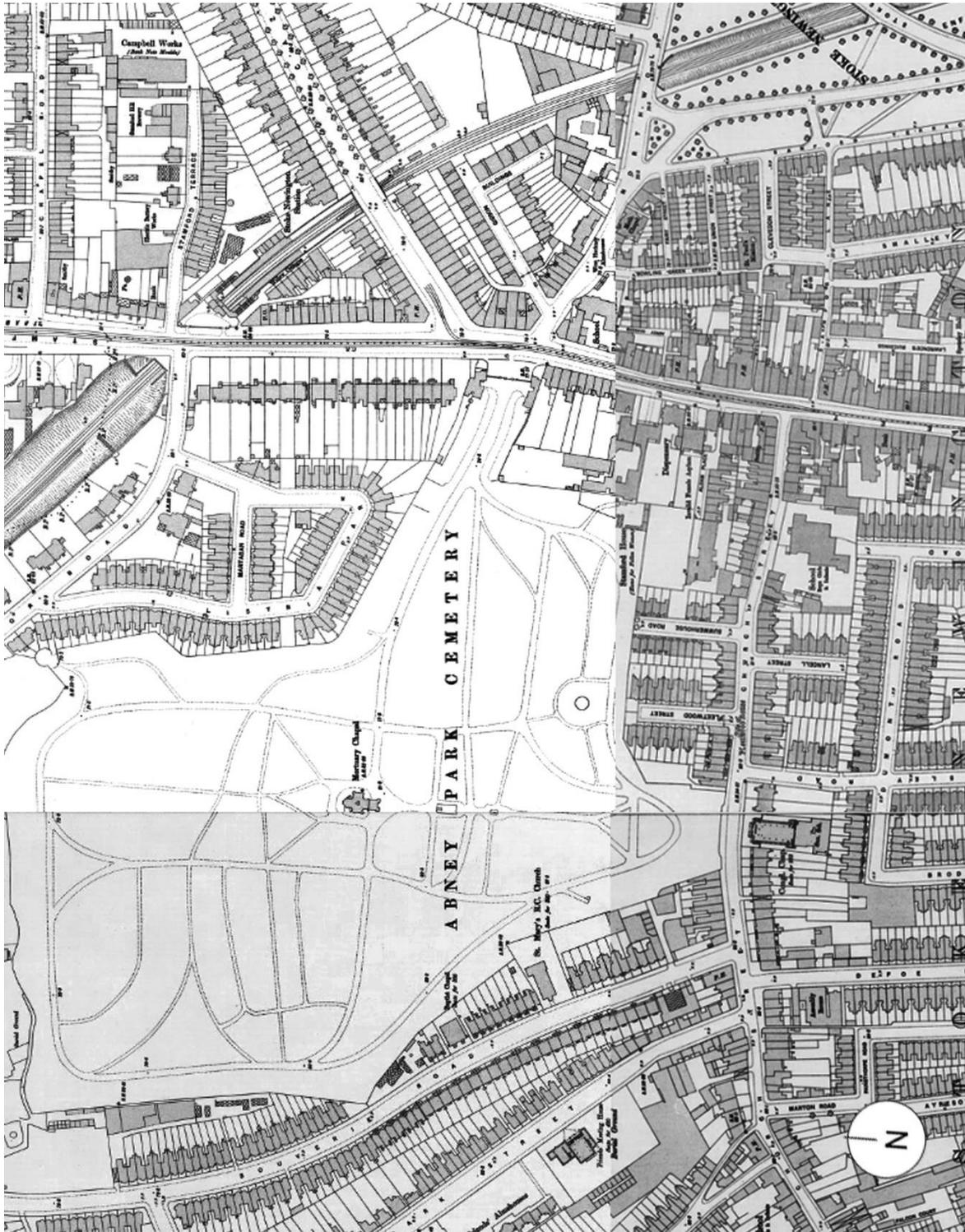


Figura 52. Planta da envolvente de Abney Park em 1895.

Após a concepção dos cemitérios, os mesmos factores político-económicos influenciaram a sua manutenção a longo prazo e, uma vez mais, com efeitos distintos. Daqui deduzimos que não há um modelo de gestão melhor ou pior; há, sim, circunstâncias diferentes que trazem consequências ou benefícios distintos para cada um dos casos. Abney Park era, grosso modo, um negócio. A celeridade e eficácia da sua concepção e resultado foram sem dúvida impressionantes, mas enquanto negócio estava também sujeito a passar por várias gerências ao longo dos anos. A bem ou a mal, uma companhia tem interesses próprios para serem cumpridos e, no caso de Abney, a caminho das suas últimas décadas em funcionamento, ocorreu uma situação de sobrelotamentos que iam além do previamente planeado, resultando num descontrolo da sua gestão e do seu espaço, que já era limitado e delimitado *a priori*. O Cemitério da Conchada, apesar do processo de criação moroso e dívidas resultantes da sua construção, que se prolongaram alguns anos após a sua inauguração (Portela & Queiroz, 1999, p. 72), sempre apresentou um aspecto cuidado e, de uma forma ou de outra, ia procurando expandir o seu recinto conforme a sua localização lhe permitisse. Temos também em atenção que o facto de pertencer ao domínio público implicava, e ainda implica, uma rigidez de regras e normas a cumprir no que toca à utilização dos lotes existentes. Abney Park chegou a um ponto em que caiu em abandono e era alvo de vandalismo, e foi necessário que a população se reunisse para o reerguer e revitalizar enquanto parque urbano, que é informalmente utilizado pela população no dia-a-dia e usufrui de um grupo de voluntários que olham pela sua preservação. O Cemitério da Conchada mantém-se activo ainda hoje e os cuidados de que usufrui devem-se à sua utilização enquanto equipamento público em constante funcionamento para enterros, funerais, e práticas individuais de manutenção dos túmulos por parte dos respectivos donos ou herdeiros. Não é, porém, um espaço disponível para um convívio tão informal como Abney Park, nem se encontra protegido sob regulamentações defensoras de património histórico, pela prioridade dada à sua natureza enquanto cemitério em funcionamento (Direcção Geral do Património Cultural, n.d.).



Figura 53. Lotes com lápides e pedras tumulares de dimensão média.

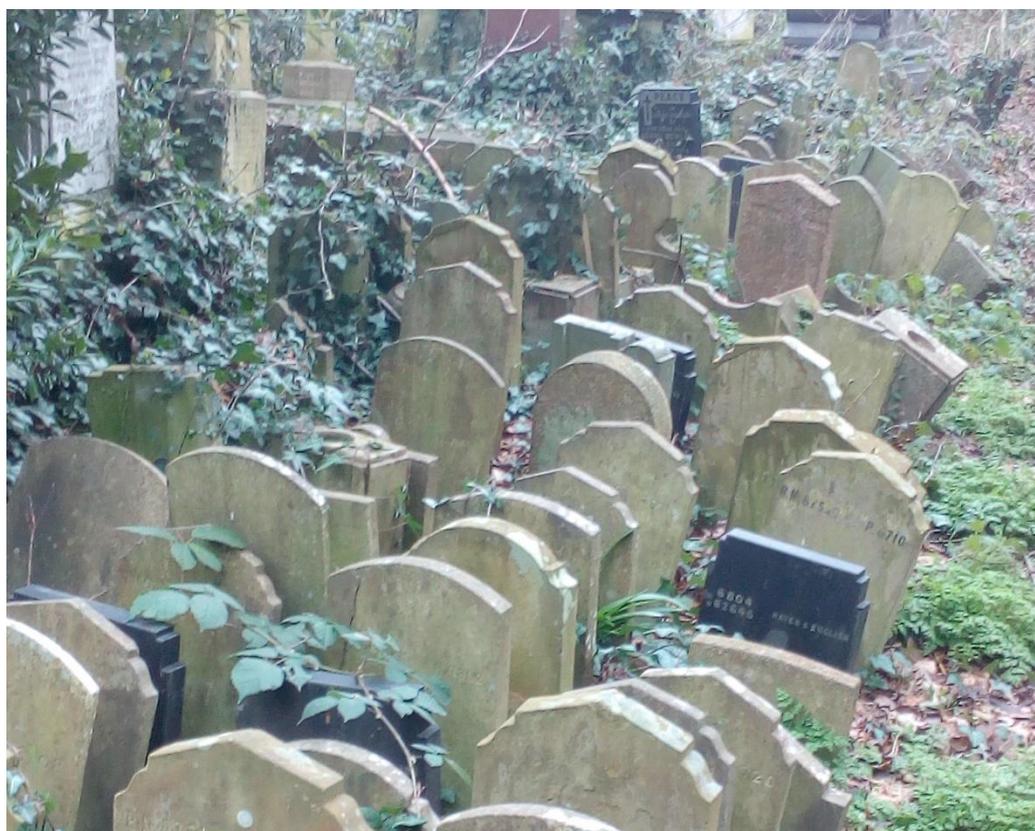


Figura 54. Lotes com lápides e pedras tumulares de pequena dimensão.

2.4_ Arquitectura enquanto mediadora social na cidade dos mortos

A Arquitectura define o cemitério em dois aspectos cruciais: aquando da realização do projecto, como já percebemos – planeamento e projecto, distribuição de vias, relações espaciais, edificação das estruturas consideradas necessárias ao funcionamento deste equipamento – e no preenchimento do espaço cemiterial com monumentos funerários. Neste último, não há um autor ou um conjunto de autores específico; há vários. O cemitério é um espaço interessante no sentido em que é cidade e equipamento urbano em simultâneo, em que o domínio público e a propriedade privada se fundem quase ambigualmente. A sua utilização e acessos são públicos e de livre circulação, mas as sepulturas e monumentos no seu interior usufruem de um carácter mais intimista por serem propriedades privadas de famílias ou indivíduos que adquiriram lotes e encomendaram monumentos, ou de entidades colectivas públicas ou privadas encarregues da manutenção de determinados jazigos e mausoléus.

Estas especificidades de proprietariado conduzem-nos à variedade de construções funerárias sobre as sepulturas, em que cada um usufrui da liberdade de se fazer representar na morte como quer ou como pode. A partir desta premissa, vários autores de obras esculpidas e construídas entram em cena, imortalizados nestas construções distintas entre si que coabitam num *microcosmos* comum.

“In distinct contrast to the more fashionable of the early public cemeteries of London such as Kensal Green or Norwood, and without doubt partly the result of a deeply ingrained non-conformist habit of thrift, the monuments of Abney Park have mainly acquiesced in a tradition of modesty” (Joyce, 1994, p. 58).

O espólio de monumentos funerários distribuídos pelo cemitério de Abney Park respeita e complementa o carácter silvestre que o define. Resultantes da adesão do não-conformismo britânico a estilos de vida simples e moderados, as dimensões até dos túmulos de maiores dimensões, reflectindo esta cultura, tendem a limitar-se a uma escala intimista e em coabitação com os elementos naturais. Tal não aconteceu nos cemitérios em voga entre a alta sociedade que o precederam, como foi o caso de Kensal Green, Norwood e Highgate, benzidos sob o Anglicanismo e ostentosos nos seus monumentos (Joyce, 1994, p. 58). No grande panorama, Abney Park sucedeu em fidelizar-se aos princípios não-conformistas e de igualdade social em que fora planeado, bem como estabelecer-se como um cemitério-parque.



Figura 55. Alguns dos monumentos funerários de maior porte em Abney Park.

Porém, é raro encontrar um túmulo desprovido de lápide, como tende a ser comum no Cemitério da Conchada e outros cemitérios portugueses; menos de dez anos após a inauguração de Abney, já a vila de Stoke Newington contava com várias oficinas de cantaria em funcionamento nas imediações da *High Street* (Joyce, 1994, p. 58). Estas casas tinham a oportunidade de se fazer representar no cemitério através dos seus trabalhos, com peças ao alcance financeiro da maioria da população local. Da mesma forma, também arquitectos e designers colaboravam com os canteiros locais, e assinavam as peças de forma visível (Joyce, 1994, p. 58), como se de um catálogo ao vivo se tratasse.

Em todo o cemitério existe somente um único jazigo-capela, de aspecto clássico até, localizado a sul e abandonado. A modéstia deste lugar é tal, que mesmo esta singela construção parece minúscula em comparação com as construções dos restantes cemitérios londrinos. Enquanto os “irmãos mais velhos” de Abney Park, nomeadamente Kensal Green, Norwood e Highgate, optaram por seguir um modelo cemiterial dentro dos parâmetros do cemitério *Beaux-Arts*, o que os aproxima do Père-Lachaise no que diz respeito aos monumentos construídos, Abney optara por se caracterizar pela paisagem natural e construções simples.

Em Portugal, não se verificou o mesmo:

“Ora, por ser uma cidade eminentemente ilustrada, Coimbra pôde ter personalidades que erigiram monumentos de algum vanguardismo para a época e de importância fundamental no contexto nacional da arte funerária” (Portela & Queiroz, 1999, p. 76).

No caso de Coimbra, a população mais ilustrada e faustosa ansiava em poder ostentar a sua memória como nos cemitérios das zonas mais urbanizadas do país, em particular o dos Prazeres (Portela & Queiroz, 1999, p. 73) – havia, em certa medida, uma moda a seguir no que tocava à representação de indivíduos ou famílias de classes sociais altas na cidade dos mortos. Por este motivo, grande parte da estatuária e arquitectura tumular foi, inicialmente, encomendada da capital (Portela & Queiroz, 1999, p. 73). Perante a proliferação desta tendência, por volta das décadas de 1870 e 1880 as oficinas de cantaria da zona de Coimbra, que trabalhavam materiais calcários exclusivos a esta região (Portela & Queiroz, 1999, p. 75) como a pedra de Ançã, aderiram à construção fúnebre e contribuíram com um espólio de monumentos tipologicamente únicos da Conchada (Portela & Queiroz, 1999, p. 74). Trata-se de túmulos semelhantes aos jazigos-capela, mas em dimensões mais pequenas e sem uma abertura frontal que permita aceder ao seu interior – apenas um nicho que pode ser aberto na parte posterior onde são



Figura 56. Tipo de monumento funerário comum no Cemitério da Conchada.

encaixadas as urnas (Portela & Queiroz, 1999, p. 74). Talvez por ter sido construído tardiamente, o Cemitério da Conchada necessitou de recorrer a influências dos cemitérios mais cosmopolitas do país numa fase inicial mas, tomando as rédeas da sua identidade graças ao trabalho dos artistas e recursos locais, teve a possibilidade de formar um estilo de arquitectura e estatuária cemiterial só seu (Portela & Queiroz, 1999, p. 76).

Contudo, o Cemitério da Conchada, apesar de legislativamente laico é, na sua essência, mais estilisticamente aberto ao Catolicismo – basta reparar na presença predominante de elementos como anjos e cruzes na sua estatuária, e nos asseios no interior dos seus jazigos. Estamos perante um caso em que os utilizadores desempenhavam um papel relevante na caracterização deste espaço, devido à forma como se faziam representar na morte (Gusman & Vargas, 2014, p. 25) – quer porque interpretavam este espaço como um espelho do seu “eu” ideal, quer porque as famílias dos defuntos é que escolhiam que imagem pretendiam transmitir. É neste campo que entra em cena a variedade de simbologias e estilos arquitectónicos representados nas obras – recorrendo a esta linguagem, o defunto, ou a sua família, tenta comunicar-nos algo sobre quem ocupa a sepultura. Portanto a arquitectura funciona como um meio de comunicação entre o cemitério e quem o visita. Ora, naturalmente que estas maravilhas da auto-representação através da arte funerária tinham um preço monetário inacessível para muitos: então e os pobres?

Regra geral, em qualquer cemitério o preço dos lotes para sepultamento variava consoante o lugar onde se encontra dentro do cemitério.

” [...] tal como nas cidades dos vivos, também nos Cemitérios há distintos preços conforme a localização, o tamanho do talhão e o maior ou menor realce aos olhos de quem vê. Partindo, pois, do fenómeno igualitário que é a morte, rapidamente se atinge o plano das diferenças, que se reflecte na disparidade entre a simplicidade de certos jazigos e a monumentalidade e a riqueza de outros” (Sousa, 1994, pp. 314-315).

Esta premissa tinha uma aplicação global, não sendo exclusiva aos cemitérios portugueses. Também nos britânicos acontece, segundo aprendi durante uma visita guiada no Cemitério de Highgate em Fevereiro de 2018. Portanto, em qualquer dos casos, os lotes junto da entrada, da capela, e de frente para os eixos principais, costumavam ser os mais caros. Os mais baratos eram mais recônditos e acanhados, de acesso mais difícil e ensombrados pelos monumentos de maior porte. Geralmente assinalados por um simples monte de terra de forma oblonga, por



Figura 57. Uma das partes mais recônditas de Abney Park.



Figura 58. Interior de um dos quarteirões do cemitério da Conchada.

vezes coroados com uma lápide, estas sepulturas não sucediam enquanto representações identitárias de um indivíduo tão bem como o faziam em relação ao seu estatuto social e económico. Nunca se localizando sozinhas num lugar, estas covas agrupavam-se em grande número em determinadas porções de terreno, sem qualquer destaque – e eram, portanto, o tipo de sepultura mais frequente nos cemitérios de utilização pública, como podemos constatar cada vez que visitamos um cemitério moderno ou analisamos os desenhos da sua planta.

Ora, eis que estabelecemos um paralelismo entre as dinâmicas sociais da vida e a sua projecção no espaço da morte:

“ [...] the social and status structures which organize the living community are reflected and expressed in the forms and arrangement of the cemetery’s cultural landscape” (Francis, 2003, p. 223).

Ou seja, há segregações de espaços, mais óbvia nuns cemitérios que outros, da mesma forma que acontece nas cidades. Talvez em Abney Park essa organização não se encontre tão evidente, por assentar em princípios igualitários que William Hosking se esforçou em incluir no seu projecto mas, naturalmente, os talhões diferenciavam em preço consoante o local e os métodos de sepultamento (Collison, 1840, pp. 409-411). Já na Conchada e nos cemitérios de carácter monumental, dada a disposição da malha de forma ortogonal com os seus quarteirões e eixos estratégicos, estas segregações materializam-se de forma mais óbvia: os monumentos funerários mais vistosos como jazigos e mausoléus ocupam as frentes de todas as vias, outros ocupam lugares exclusivos de destaque marcando um eixo significativo como é o caso do sumptuoso jazigo neogótico dos Condes do Ameal; já as covas mais modestas encontram-se em espaços por detrás dos monumentos, interiores aos quarteirões que estes delineiam. Assim, a Arquitectura actua como um agente mediador entre a cidade e a sua representação no plano da morte, seja à escala individual, seja à escala da representatividade de uma comunidade inteira.

“ [...] the cemetery can be seen as a spatial symbol of the continuity of a social group or of the society itself which can be used to construct an idealised map of the permanent social order” (Gusman & Vargas, 2014, p. 8).



Figura 59. Um entroncamento à entrada em Abney Park.



Figura 60. Um entroncamento perto da entrada da Conchada.

2.5_ Correspondências entre forma

A preparação de material para as conferências da *Association of Significant Cemeteries of Europe* em Ghent permitiu-me realizar um exercício de abstracção interpretativo das formas e dos acontecimentos urbanos e arquitectónicos nos Cemitérios da Conchada e de Abney Park. Insistindo em evidenciar correspondências entre ambos, e entre o cemitério e a cidade, e provando a relevância do papel da arquitectura nestas definições, coloquei lado a lado as minhas experiências em ambos enquanto visitante, que não só vê o local como aquilo que à partida é – um cemitério – mas também enquanto alguém que descobre detalhes compositivos característicos da urbe materializados e eternizados nestes espaços.

Logo na entrada, ambos servem-se de um conjunto de estrutura pétreia com gradeamentos de ferro e inscrições de carácter fúnebre em cada caso. O gosto estético difere, mas ambos sucedem em anunciar o que se encontra para lá dos portões. Segue-se um largo e longo percurso pavimentado, perpendicular à composição do respectivo portal, que culminará num entroncamento. Em ambos os casos, este percurso é ladeado pelo que mais caracteriza cada um destes cemitérios: em Abney, vegetação; na Conchada, construções.

Avançando, percebemos as diferenças existentes nos percursos, sempre emoldurados por sepulturas ou monumentos. Num caso, o pavimento mantém-se calcetado com jazigos de frentes alinhadas; no outro, o pavimento é de terra batida ou repleto de folhagem, onde não é de todo incomum depararmo-nos com um cenário em que a natureza se apodera daquilo que, outrora, a mão humana construiu. Não obstante, encontramos cruzamentos e entroncamentos em ambos os cemitérios como encontramos em qualquer cidade: só que a experiência é diferente, pois cada espaço possui uma identidade muito própria e exclusiva a si.

Em ambos os cemitérios, existe uma capela, mas o impacto que cada uma tem no seu respectivo espaço é diferente. Em Abney Park a capela é o centro de toda a composição, o ponto de referência a partir do qual várias vias são distribuídas e no qual todas as partes do cemitério convergem. Na Conchada, a capela foi construída no limite norte oposto à entrada. As dimensões são mais pequenas e esta encara-nos frontalmente, enquanto que em Abney o espaço circundante à capela é completamente percorrível. Mas, neste caso, se em Abney a capela é o ponto de referência que se destaca no centro da composição, qual é o acontecimento equivalente na Conchada? É, curiosamente, um jazigo. Trata-se do jazigo dos Condes do Ameal, o que nos permite estabelecer um paralelismo entre *center pieces* neogóticas, que se



Figura 61. Capela de Abney Park, a sua peça central neogótica.

impõem perante o restante cemitério e se evidenciam no mesmo ao situarem-se em áreas completamente desobstruídas à sua volta. Apesar das dimensões superiores da capela de Abney Park em relação ao jazigo dos Condes do Ameal, o formato e o estilo são semelhantes, bem como o papel de referência arquitectónica desempenhado nos respectivos cemitérios.

Por fim, cada cemitério usufrui de um ponto de interesse numa das suas extremidades. É aquele local que, na minha experiência, sabemos que queremos guardar para o fim porque parece prometer algo misterioso e indescritível – talvez exactamente por se situarem nos extremos mais afastados das respectivas entradas, como recompensas pela caminhada percorrida ao longo do cemitério e pelas distâncias que implicam. Em Abney, esse local é o *Dr. Watts' Mound*, uma pequena elevação do terreno historicamente conhecida por ser o local predilecto de Isaac Watts, segundo a inscrição na placa que existe no local. Este ponto é acedido por uma única via, que por si só é sombria, densamente arborizada e estreita, e uma sensação de desafogo ao chegar ao fim deste percurso faz parte da experiência característica deste lugar dentro do cemitério. Na Conchada, é o local onde se encontra o jazigo de família do engenheiro António Barata Garcia, de gosto neoclássico e de planta circular localizado na extremidade sudoeste, a eixo com o jazigo dos Condes do Ameal. A experiência não consiste apenas no jazigo em si, mas no miradouro que este local compõe; após aquilo que pareceu um longo período de distanciamento do quotidiano, eis que a cidade dos vivos se estende por completo diante de nós, entre a vegetação da encosta íngreme e o extenso Rio Mondego.

Do ponto de vista das relações urbanas com o resto da cidade, ainda que afastado do agitado centro de Londres, Abney Park foi instalado numa zona suburbana predominantemente residencial e comercial na época, com frentes para edifícios a nascente, poente e sul; a norte, encontrava-se uma outra herdade. Os limites do seu recinto correspondem rigorosamente aos das herdades de Abney e Fleetwood, a topografia é geralmente plana e o cemitério encontra-se nivelado com o resto da cidade. Estas características mantêm-se ainda nos dias de hoje, com a excepção das estradas alcatroadas e do crescente desenvolvimento comercial de Stoke Newington.

Já no caso da Conchada, propositadamente situado num terreno sobranceiro à cidade e afastado de habitações, ocorreram alterações e ampliações significativas ao seu formato original ao longo dos séculos XIX e XX. Ao recinto cemiterial hexagonal fora acrescentada uma extensão correspondente ao plano original de Costa Simões, ocupando uma área do terreno onde existem desníveis. A zona triangular ajardinada de Venâncio Rodrigues foi modificada para dar lugar



Figura 62. Peça central neogótica da Conchada, o jazigo dos Condes do Ameal.

a mais jazigos, e para reformar o local de encontro entre a Alameda da Conchada e a entrada do cemitério. O terreno em torno do local de implantação do cemitério forma um declive íngreme, densamente arborizado e algo susceptível a deslizamentos de terras. A partir do sopé até ao Rio Mondego, a cidade prossegue com as suas formas e articulações próprias, completamente lobotomizada da necrópole local. A organização interna do cemitério parece seguir uma lógica própria e desconsidera as axialidades e enfiamentos relacionados com os que existem no resto da cidade – exceptuando, talvez, a sua sobrançeria sobre Coimbra, e a sua articulação com a alameda (a qual, por sua vez, fora projectada com o intuito de servir o cemitério).

Notas conclusivas e o papel do Arquitecto

“One only has to compare the frequency in which images of cemeteries appear as key settings in films and television dramas, compared with the infrequency in which they appear in landscape or architectural magazines, to know that those ultimately responsible for cemetery design are out of touch with public concerns and interests”

(Worpole, 2003, p. 8).

Ao longo deste estudo, apercebi-me da importância de falar da morte e dos espaços da morte nos campos da Arquitectura e do Design, quer seja durante o século XIX ou durante o século XXI. As consequências de evitar o assunto resultam em crises de planeamento urbano, como viemos a constatar perante o processo de desenvolvimento do cemitério da Conchada, ou a indomabilidade que se apoderou de Abney Park aquando do seu abandono. Entendendo-se como uma matéria desagradável para muitos, é, porém, da responsabilidade dos agentes necessários ao planeamento dos espaços da morte – essencialmente governantes, urbanistas e arquitectos – assegurarem-se de que as cidades se encontram preparadas para enfrentar crises de mortalidade. É um tema que exige uma interdisciplinaridade entre várias áreas necessárias à compreensão deste tipo de equipamento, como a História, a Antropologia, e as Ciências Sociais; sem isto, não temos como saber como projectar estes espaços tendo em conta os interesses do público. Sejam cemitérios, crematórios, columbários, ou outro equipamento alternativo qualquer para deposição de cadáveres – uma vez que o próprio território é um recurso natural com os seus limites, não possibilitando a construção ou a expansão de cemitérios sem peso nem medida – estes são e terão de ser, inevitavelmente, pensados, planeados, projectados e construídos. Para além da criação destes espaços, há também que ter em conta a preservação dos que já existem, com ou sem recorrer a processos de patrimonialização. Tratando-se, na prática, de museus ao ar livre, ou de arquivos históricos a céu aberto, em Portugal – e especialmente em Coimbra – estes espaços carecem deste reconhecimento pelo público geral, bem como de uma manutenção mais zelosa e pormenorizada no que toca aos monumentos em degradação.

Verifiquei, também, que o Cemitério da Conchada continua a carecer de uma investigação aprofundada, o que se reflectiu na necessidade de abordar o desenvolvimento do cemitério português através da descrição da criação do Cemitério dos Prazeres e do ambiente político da época, bem como de sumarizar o processo que levava à criação do primeiro cemitério público de Coimbra. Parte significativa da análise ao Cemitério da Conchada resulta, portanto, da consulta das plantas que se encontram actualmente no Arquivo Histórico Municipal, e de visitas de estudo ao local. Apesar de não colmatar por completo essa falta, por se tratar de uma dissertação que compara dois casos distintos, espero poder contribuir para o estudo que a primeira necrópole coimbrã merece.

Graças a esta investigação, tive a oportunidade de conhecer espaços e locais que, de outra forma, provavelmente não teria conhecido. O cemitério victoriano, até então um mistério para mim, revelou-se surpreendentemente intuitivo enquanto local de visita, e inesperadamente racional no que toca à sua configuração aparentemente tão orgânica e aleatória. Apresentou-se como um novo mundo de descobertas, onde as atitudes perante a morte e a sua manifestação em desenho urbano e arquitectura diferem amplamente daquilo a que nos habituámos a ver em Portugal. No final de contas, de uma maneira ou de outra, o cemitério moderno em toda a parte acaba por ter origem na mesma matriz, que foi sendo alterada de acordo com as condições socio-económicas, geografias, e culturas próprias dos locais onde foi aplicada.

Enriquecedora enquanto experiência, esta investigação foi também esclarecedora no que toca a responder às questões colocadas de início e às que foram surgindo no decorrer deste estudo. Assim, voltando ao início desta dissertação, onde faço questão de salientar as relações entre a cidade dos vivos e a dos mortos, bem como a forma como estas são interdependentes entre si, termino com uma afirmação de Maria Manuel Oliveira (2007, p. 347) no que diz respeito à integração dos cemitérios no conjunto de espaços identitários da cidade contemporânea:

“O espaço de encontro entre as comunidades dos vivos e dos mortos – sítio onde se ritualizam a despedida e a saudade e heterotopia em que repousam as linhagens daqueles que construíram e habitam a cidade – deverá fazer parte da rede de espaços identitários [da cidade contemporânea], comprometendo-se no suporte memorial da longue durée em que os cidadãos se possam rever”.

Referências

- Abney Park Trust. (n.d.). *History of Abney Park*. Retrieved Julho 2020, from Abney Park Cemetery: <https://abneypark.org/>
- Anacleto, R. (2019, Abril 9). Memórias de Vida: Cemitério da Conchada. Visita guiada. Coimbra: panfleto informativo da visita ao cemitério da Conchada, orientada pela Sr^a. Professora Regina Anacleto e com o apoio do Sr. Dr. Rodrigues Costa.
- Anacleto, R. (2019, Abril 9). Memórias de Vida: Cemitério da Conchada. Visita guiada. *Guia da visita ao cemitério da Conchada, orientada pela Sr^a. Professora Regina Anacleto e com o apoio do Sr. Dr. Rodrigues Costa*. Coimbra.
- André, P. (2006). Modos de pensar e construir os cemitérios públicos oitocentistas em Lisboa: O caso do cemitério dos Prazeres. *Revista do Instituto de História da Arte*, n. 2, pp. 66-105.
- Arnold, C. (2006). *Necropolis: London and its dead*. Londres: Simon & Schuster UK.
- Calmeiro, M. R. (2014). *Urbanismo antes dos Planos: Coimbra 1834-1934. Volume I*. Tese de Doutoramento em Arquitetura apresentada à Faculdade de de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Calmeiro, M. R. (2014). *Urbanismo antes dos Planos: Coimbra 1834-1934. Volume II*. Tese de Doutoramento em Arquitetura apresentada à Faculdade de de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Cassin , B., Apter, E., Lezra, J., & Wood, M. (2004). *Dictionary of Untranslatables*. Princeton: Princeton University Press.
- Catroga, F. (1993). Morte romântica e religiosidade cívica. In J. Mattoso, *História de Portugal: O Liberalismo*. v. 5 (pp. 545-561). Lisboa: Círculo de leitores.
- Catroga, F. (1999). *O céu da memória. Cemitério romântico e o culto cívico dos mortos*. Coimbra: Minerva.
- Collison, G. (1840). *Cemetery Interment*. Londres: Longman, Orme, Brown, Green, & Longmans.
- Costa, A. R. (2019, Abril 3). *Coimbra: Cemitério da Conchada, visita guiada*. Retrieved from A' Cerca de Coimbra: <https://acercadecoimbra.blogs.sapo.pt/coimbra-cemiterio-da-conchada-visita-152882>
- Dias, A. B. (1999). *A Construção da Sombra: o cemitério católico entre o sonho, a cidade e o sonho*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Direcção Geral do Património Cultural. (n.d.). *Cemitério da Conchada*. Retrieved Abril 8, 2019, from Direcção Geral do Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt>

- Francaviglia, R. V. (1971). The Cemetery as an Evolving Cultural Landscape. *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 61, No. 3, pp. 501-509.
- Francis, D. (2003). Cemeteries as cultural landscapes. *Mortality*, Vol. 8, No. 2, pp. 222-227.
- Francis, D., Kellaher, L., & Neophytou, G. (2005). *The Secret Cemetery*. Oxford: Berg.
- Friends of Highgate Cemetery Trust. (2020, Julho). *About the Cemetery*. Retrieved from Highgate Cemetery: <https://highgatecemetery.org/>
- Gusman, A., & Vargas, C. (2014). Body, Culture, and Place: Towards an Anthropology of the Cemetery. In M. Rotar, & A. Teodorescu, *Dying and Death in 18th-21st Century Europe* (pp. 200-229). Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- Jarzombek, M., Ching, F., & Prakash, V. (2017). *A Global History of Architecture*. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons.
- Jorge, R. A. (1885). Terceira conferencia: Inhumação e Cemiterios. In R. A. Jorge, *Hygiene Social applicada á Nação Portuguesa* (pp. 137-254). Porto: Livraria Civilização.
- Joyce, P. (1994). *A Guide to Abney Park Cemetery*. Londres: Abney Park Cemetery Trust.
- Kingsley, P. (2015, Março 23). *Egypt's 4,600-year-old pyramid of Zoser: a history of cities in 50 buildings, day 1*. Retrieved Junho 27, 2019, from The Guardian: <https://www.theguardian.com>
- L. R. D. (1894). *Roteiro ilustrado do viajante em Coimbra*. Coimbra: Typ. Auxiliar D'Escriptorio.
- Monteiro, G. (2018). The Portuguese House in the Cemetery: Tradition and Popular Culture. *European Cemeteries in the European Year of Cultural Heritage - ASCE Annual General Meeting* (pp. 73-85). Innsbruck: Association of Significant Cemeteries in Europe.
- Monteiro, G. (2020, Junho 29). Sexto Live - Gisela Monteiro, Tafófila E Pesquisadora De Temáticas Cemiteriais. [podcast] As Mulheres e a Morte. (T. Freitas de Souza, Interviewer) Retrieved Junho 29, 2020, from https://www.instagram.com/tv/CCCXEeNFcpc/?utm_source=ig_web_copy_link
- Mumford, L. (1961). *The City in History: Its origins, its transformations and its prospects*. Londres: Penguin Books.
- Nash, G. (2000). Pomp and circumstance. Archaeology, modernity and the corporatisation of death: early social and political victorian attitudes towards burial practice. In P. Graves-Brown, *Matter, Materiality, and Modern culture* (pp. 112-130). Londres: Routledge.
- Nielsen, A. P., & Groes, L. (2014). Ethnography inside the Walls: Studying the Contested Space of the Cemetery. *EPIC 2014 - Paper Session 2: Place and the City*, pp. 108-118.

- Oliveira, M. M. (2007). *In Memoriam, na cidade*. Tese de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Minho. Guimarães: Universidade do Minho.
- Portela, A. M., & Queiroz, F. (1999, Maio). O Cemitério da Conchada. Introdução ao seu estudo. *"Munda" - revista do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*, pp. 65-76.
- Portela, A. M., & Queiroz, F. (1999, Maio). O Cemitério da Conchada. Introdução ao seu estudo. *"Munda" - revista do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*, pp. 65-76.
- Queiroz, F. (2009, Julho 7). Encontros com o Património. *Cemitério de Agramonte - A arte sepulcral dos cemitérios do Norte*. (M. Vilas-Boas, Interviewer) TSF. TSF. Retrieved Maio 1, 2020
- Rugg, J. (2000). Defining the place of burial: what makes a cemetery a cemetery? *Mortality*, 5(3), pp. 259-275.
- Rutherford, S. (2008). *The Victorian Cemetery*. Oxford: Shire Publications.
- Salgado, N. (2003). *O Prof. Doutor Costa Simões*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Silva, E. R. (2012). *Evolução Identitária de Um Lugar - A Conchada de Coimbra*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentado ao Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Sousa, G. V. (1994). Ser e estar perante a morte no Porto dos séculos XIX e XX: reflexos no património cemiterial. *Lusitânia Sacra, 2a série*, 6, pp. 309-325.
- Stankovic, I. (2014). The Père-Lachaise Cemetery, its origin, appearance and heritage. *Second International Congress of Art History* (pp. 78-85). Zagreb: Art History Students' Association of the Faculty of Humanities and Social Sciences.
- Talling, P. (n.d.). *London's Lost Rivers: Hackney Brook*. Retrieved Agosto 18, 2020, from London's Lost Rivers: <https://www.londonslostrivers.com/hackney-brook.html>
- Turpin, J., & Knight, D. (2011). *The Magnificent Seven: London's First Landscaped Cemeteries*. Gloucestershire: Amberley Publishing.
- Worpole, K. (2003). *Last Landscapes: The Architecture of the Cemetery in the West*. Londres: Reaktion Books.

Créditos de imagens

1. [Consultado em Setembro de 2020] Disponível em: <https://elegiptoantigo.wordpress.com/zoser-el-precursor-del-exito-egipcio/>
2. Retirado de: Jarzombek, Ching, & Prakash, 2017, p. 262
3. [Consultado em Outubro de 2020] Disponível em: <https://www.pinterest.co.kr/pin/748230925580743476/>
4. Fotografia da autora.
5. [Consultado em Outubro de 2020] Disponível em: <https://www.viator.com/pt-BR/tours/Paris/Paris-Pere-Lachaise-Gravestone-self-guided-tour-with-mobile-app/d479-128905P43>
6. Fotografia da autora.
- 7-10. Consultado em Agosto de 2020]. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr>
- 11-12. Disponível em: maps.google.pt
13. Consultado em Setembro de 2020]. Disponível em: <https://collections.leventhalmap.org/search/commonwealth:x059cc34p>
14. [Consultado em Setembro de 2020]. Disponível em: <https://mountauburn.org/cemetery/cremation/>
15. [Consultado em Setembro de 2020]. Disponível em: <https://mountauburn.org/egyptian-revival-gate/>
16. Fotografia da autora.
- 17-18. Disponível em: maps.google.pt
19. Retirado de: (Rutherford, 2008, p. 9)
20. Retirado de: Oliveira, 2007.
21. Disponível em: maps.google.pt
22. Fotografia da autora.
23. [Consultado em Outubro de 2020]. Disponível em: <https://legislacaoregia.parlamento.pt/>
- 24-25. Disponível em: maps.google.pt
26. Retirado de: Oliveira, 2007, p. 256
- 27-28. Fotografias da autora.
29. Disponível em: maps.google.pt
- 30-34. Fotografias da autora.

35. Retirado de Joyce, 1994, p. 31
36. Retirado de Joyce, 1994, p. 32
- 37-38. Hackney Archives.
39. Fotografia da autora.
40. Hackney Archives.
41. Retirado de: Joyce, 1994, p. 131.
42. Disponível em: maps.google.pt
- 43-45. Fotografias da autora.
- 46-48. Arquivo Histórico Municipal de Coimbra.
49. Desenho da autora.
- 50-51. Arquivo Histórico Municipal de Coimbra.
52. Disponível em <https://maps.nls.uk/>
- 53-62. Fotografias da autora.

Anexos

Todas as fotografias que se seguem foram tiradas pela autora durante viagens e incursões aos cemitérios visitados no decorrer deste estudo durante 2018.

Na última página, encontra-se uma versão reduzida do poster impresso para a conferência da *Association of Significant Cemeteries of Europe*, em Ghent, 2019.



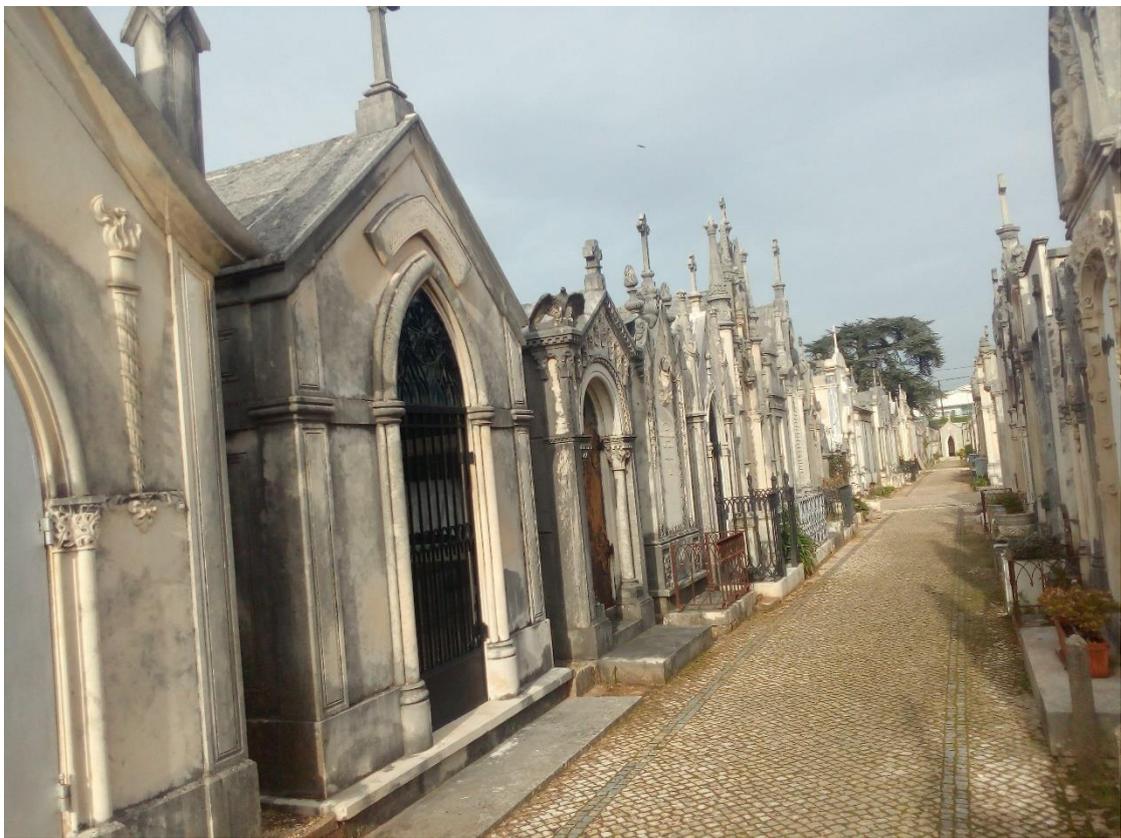
Abney Park, 2018.



Conchada, 2018.

Cemitério da Conchada, Coimbra













Cemitério de Abney Park, Londres











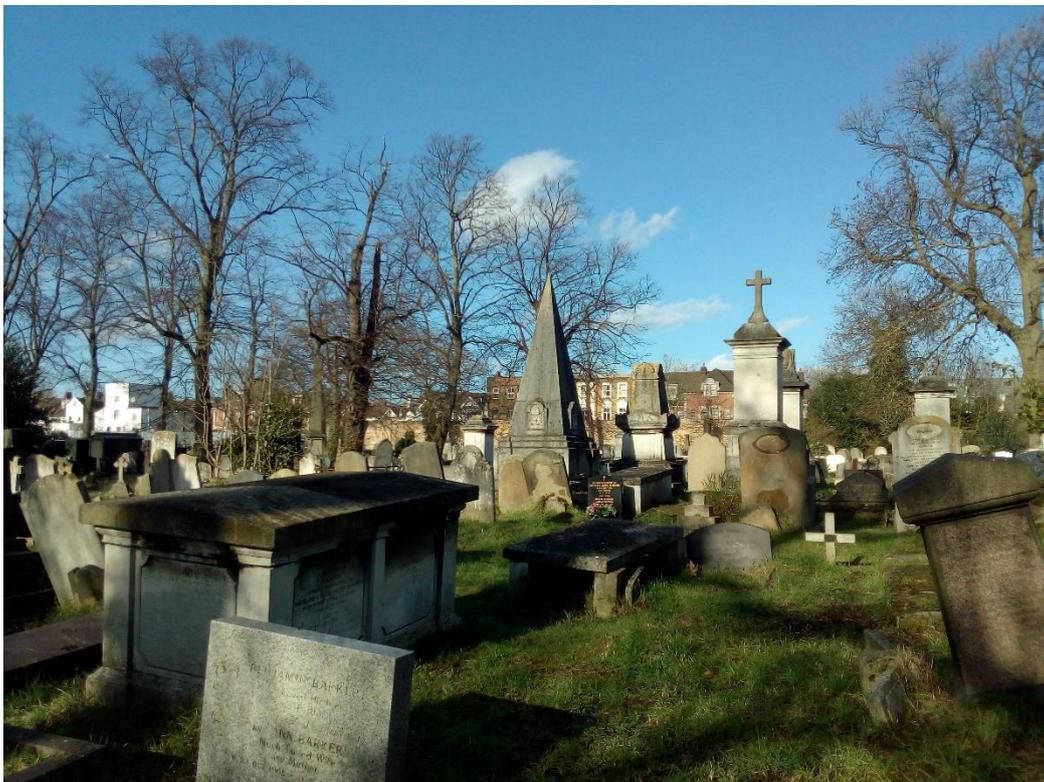


Cemitério dos Prazeres, Lisboa





Cemitério de Kensal Green, Londres





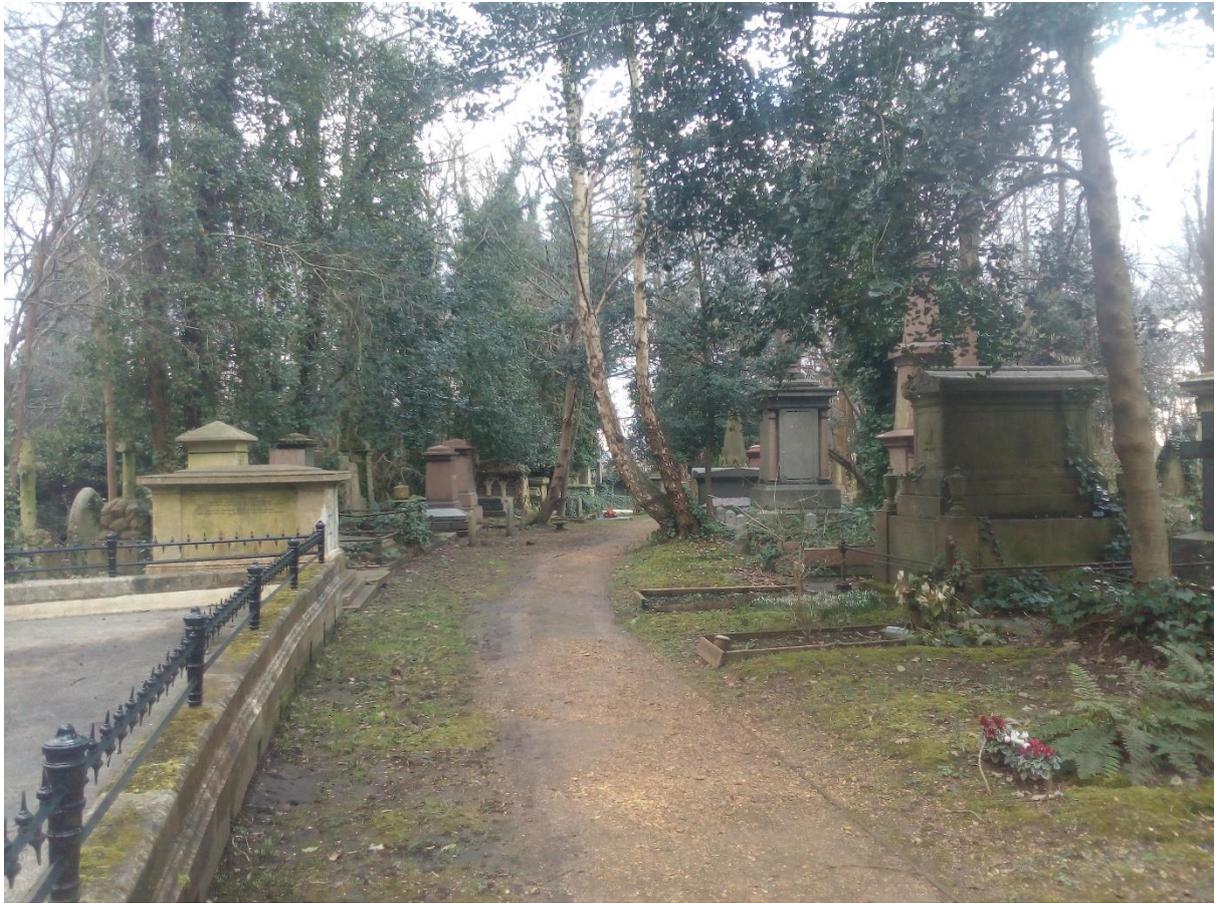
Cemitério de Norwood, Londres





Cemitério de Highgate, Londres













Cemitério de Brompton, Londres









Cemitério de Nunhead, Londres

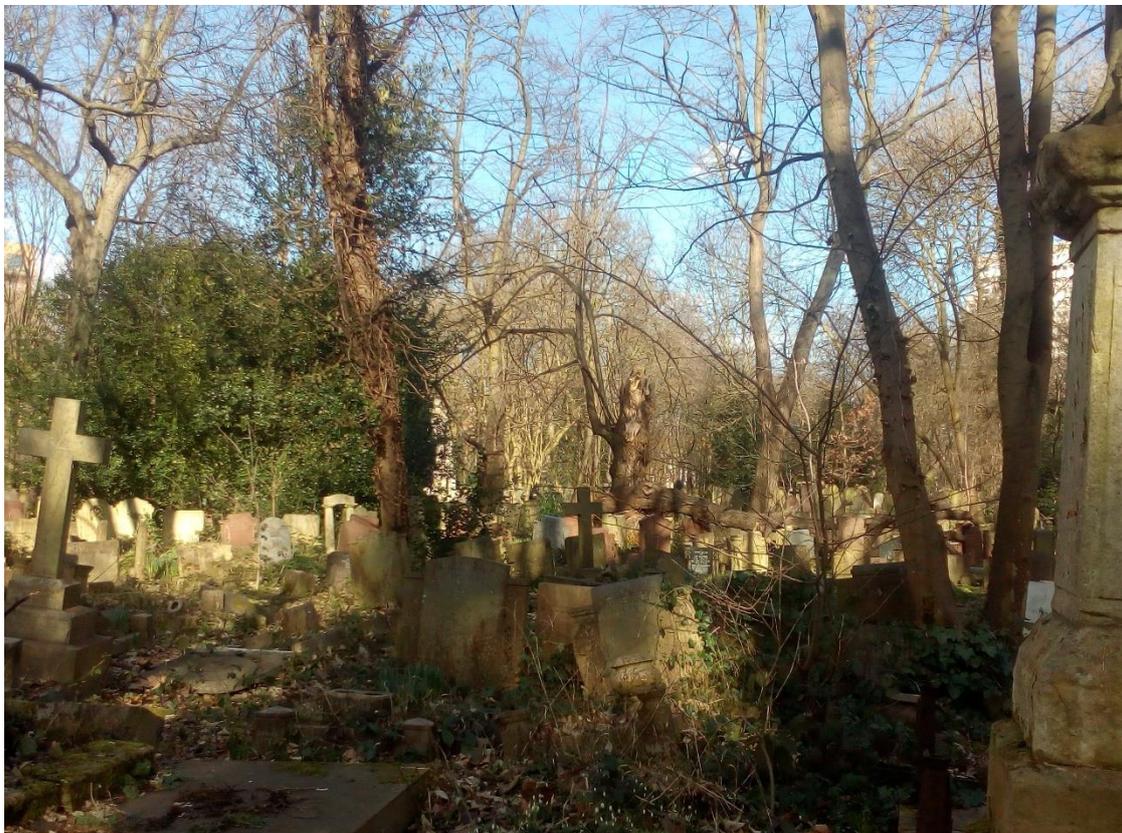








Cemitério de Tower Hamlets, Londres







Urban (dis)Parities

Conchada's Romantic Village and Abney's Botanical Garden



Overviews



Main gates (with funerary engravings on stone)



Grand Entrances that lead to crossroads



Points of interest at the limits



Neogothic Center Pieces located in clearings (a tomb and a chapel)



Some of many junctions



Towards the chapel



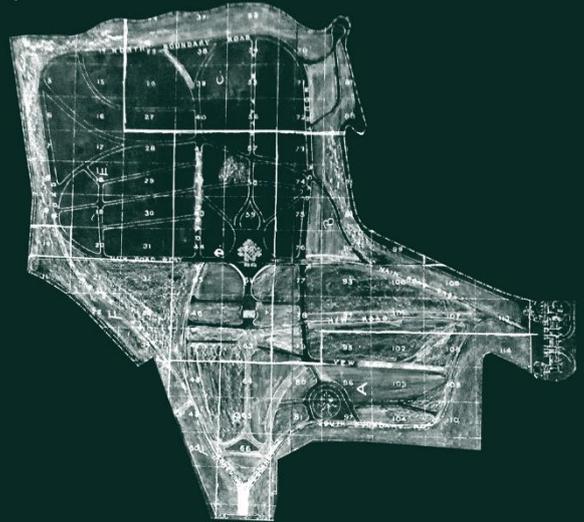
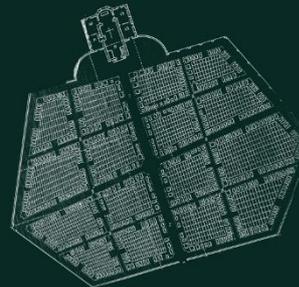
Examples of a generic route

In 2018 I began a research on nineteenth-century cemeteries in Europe for a Master's dissertation in Architecture, for which I chose two completely disparate case studies as objects of comparison: a local historical cemetery – Conchada cemetery in Coimbra, Portugal (active); and a personal favourite, a Victorian one – Abney Park cemetery in Stoke Newington, London, United Kingdom (closed for burials). The idea consists in comparing the intricate urban imaginaries between both and understanding how the same purpose lead to such different urban and architectural environments.

As it happens in the city of the living, the city of the dead qualifies as a city itself too for reasons and factors beyond architecture and design; it also includes sociocultural dynamics involving the behavior of the user as a visitant, not only considering the cemetery's original purpose, but also concerning its historical and scenic value.

Different places with different cultures imply different attitudes and practices towards death; as such, the way one experiences the cemetery as a place of cult of the dead and/or as heritage itself, will differ accordingly.

It wasn't until I started this study that I realized the potential within Portuguese cemeteries, specifically Conchada, to become so much more than just places of grief and forsaken memories, removed from the everyday life of the city. Turns out a cemetery is also an open-air history book, where one can take lessons on art, architecture, anthropology, or sociology throughout the nineteenth and twentieth centuries. Architectural revivals, some last traces of colonialism, social differences, manifestations of power, wealth, and pride in one's last permanent home, family affairs that were literally taken to the grave... in short, a panoply of themes that manifestate under the seemingly quiet forms of mausoleums and tombstones, in the burial grounds.



Upper images: the original projects designed for **Conchada** (above) and **Abney Park** (below). Photographed at, respectively, Coimbra Historical Archives (2017) and Hackney Archives (2018). While Conchada (1860) presents itself with an angular plan and raw geometry (as it was designed by a mathematician) and semblants of city blocks due to the nature of many of its tombs, Abney Park (1840) appears as a green mass of botanical diversity, with its various curvilinear paths and the majority of its tombs being headstone slabs or intricate sculptures. Conchada stands high on a plateau, surrounded by greenery beyond its boundaries, looking over the city of the living from a distance; Abney invites the numerous passers-by to walk in, as its entrance merges with the surrounding city dynamics.

Left column: **Conchada Cemetery, Coimbra**. Second and third photographs by Professor Rodrigues Costa (2019). Map view screenshot from Google Maps (2019). Other photographs were taken by the author (2018).

Right column: **Abney Park Cemetery, London**. Bottom two photographs by Nadir van Meurs (2018). Map view screenshot from Google Maps (2019). Other photographs were taken by the author (2018).